Diário de Lisboa

BOM TEMPO

Fundador: JOAQUIM MANSO Director: A. RUELLA RAMOS

Sexta-feira, 9 de Agosto de 1974 — N.º 18532 — Ano 54.º — Preço 2$50

WATERGATE DERRUBOU NIXON

FORD TOMA POSSE AINDA ESTA TARDE

Gerald Ford, 38.º Presidente dos E. U. A., assume o Poder em circunstâncias inéditas na história do país. Na verdade, Nixon — o seu antecessor, derrubado em virtude do escândalo Watergate — foi o primeiro chefe do Executivo norte-americano a resignar. (Telefoto UPI-Telimprensa)

WASHINGTON, 9 (UPI/ANI/FP/R) Gerald Ford tornar-se-á presidente dos Estados Unidos a partir das 12 horas de hoje (17 horas em Lisboa) O vice-presidente Ford, que vai suceder a Nixon, declarou que prosseguirá a política de paz da precedente administração e que Henry Kissinger continuará a ser secretário de Estado Prestou uma vibrante homenagem a este que é, segundo diz, um grande homem que nuca cessou de trabalhar pela paz sempre felizmente

Anteriormente o presidente designado tinha prestado hohenagem a Nixon. «Acabamos de viver um dos períodos mais difíceis e mais tristes que jamais conheci — disse — Penso que o presidente dos Estaeos Unidos anuiu a um dos maiores sacrifícios pela nação em nosso nome e de todos, decidindo demitir-se da presidência dos Estados Unidos.

A política estrangeira de Nixon será prosseguida, salientou.

Ford considera prematuro dizer nesta altura se vai ou não escolher para vice-presidente o antigo governador de Nova York, Nelson Rockfeller, como fora dito pelo secretário de Defesa Melvin Laird.

Gerald Ford não quis ainda dar pormenores nem nomes para cargos definitivos na nova fase da vida norte-americana.

Quando lhe perguntaram quais são os seus mais próximos conselheiros, Ford citou Melvin Laird, John W. Byrnes, Philip W. Buchan, Bryce Harlow e William G. White, homens saídos da advocacia, da administração e do mundo das finanças.

A PRIMEIRA NOMEAÇÃO

Gerald Ford nomeou ontem à noite, o primeiro dos seus assistentes da Casa Branca: Jerald Therhorst como secretário de Imprensa.

Therhorst que sucederá a Ronald Ziegler, o informador de Nixon, era o chefe dos escritórios em Washington do jornal «Detroit News».

Foi a ele que Charles Colson, um dos condenados do caso Watergate, tentar fazer aceitar, mas em vão, os documentos difamatórios relativos ao advogado de Daniel Ellsberg.

Tem 52 anos e é jornalista há 32 Paul Mitlich, informador de Ford há vários anos, continuará a fazer parte do Secretariado de Imprensa do novo presidente.

Imediatamente depois da demissão do presidente Richard Nixon, os sinditatos fizeram saber que esperavam que Gerald Ford consiga dar um novo impulso à economia americana.

Acontecimentos graves na próxima semana

-receiam-se em Angola

São de recear acontecimentos muito graves em Luanda, Nova Lisboa, Lobito e Uíge, durante a próxima semana, no parecer de Couto Cabral, membro do Comité Político do M. P. L. A., expresso durante uma conferência de Imprensa, ontem, à noite na Casa de Angola em Lisboa.

Falando para um reduzido grupo de jornalistas, aquele dirigente revelou estarem a desenvolverem-se esforços, a nível internacional, no sentido de uma intervenção de forças da O. N. U. no território.

Segundo o referido elemento do M. P. L. A., a situação em Angola tem vindo a deteriorar-se nos três últimos dias pelo facto de extremistas brancos não estarem a acatar as determinações da Junta Governativa. Haveria até uma provocação deliberada.

REABERTO O CAMPO DE S. NICOLAU

LUANDA, 9 (L/ANI/FP) A Junta Governativa de Angola informa que a situação na cidade de Luanda continua intranquila embora se registem sinais de acalmia.

Comunica ainda que, tendo em vista um rápido restabelecimento da ordem e da tranquilidade, sem o que não será possível trabalhar naconstrução do futuro, foram adoptadas, entre outras, as seguintes medidas que leva ao conhecimento do público:

1 — Criação de um comando operacional, destinado exclusivamente, à segurança na área de Luanda, e que se acha em pleno funcionamento.

2 — Reabertura do antigo campo prisional de São Nicolau agora destinado à detenção dos indesejáveis, criminosos de delito comum, que actuavam na cidade, e para onde segue amanhã um primeiro grupo de 200 detidos.

3 — Adiamento para data mais oportuna do comício previsto, para sábado, no Estádio dos Coqueiros, dado que a situação é ainda instável e desaconselha ajuntamente de qualquer natureza de que possam resultar distúrbios.

4 — Manutenção, até nova ordem, das restrições de circulação de automóveis durante a noite, bem como dos cortejos, conforme instruções já indicadas num comunicado antecedente.

5 — Vedação ao público, até nova ordem, do acesso ao edifício do aeroporto, salvo os passageiros munidos do respectivo bilhete.

Finalmente, a Junta Governativa recomenda bom senso e calma às populações, garantindo que as Forças Armadas se mantêm vigilantes na defesa intransigente da sua segurança e tranquilidade.

Continua na pág. 7

O embaixador soviético apresentou credenciais

Cerimónia simples assinalou, esta manhã, no Palácio de Belém, o acontecimento histórico da entrega de credenciais do embaixador soviético ao Presidente da República Portuguesa. Às 10 horas, o general António de Spínola recebeu o embaixador Arnold Kalinin, que apenas pronunciou as palavras da praxe: «Tenho a honra de entregar a Vossa Excelência as cartas credenciais que me acreditam como embaixador da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas na República Portuguesa». O chefe do Estado recebeu as credenciais, que entregou ao chefe do protocolo e, logo depois, retirou-se com o embaixador para uma sala cotígua, onde se demorou cerca de meia hora, numa primeira entrevista secreta. Finda esta, voltou ao salão de recepções e apresentou ao embaixador os elementos das suas Casas Militar e Civil. Não houve discursos.

Arnold Kalinin era acompanhado pelo ministro conselheiro da Embaixada, Matveev, que anteriormente desempenhava o cargo de encarregado de Negócios da U.R.S.S. em Lisboa, e ainda por um conselheiro e pello primeiro-secretário.

Centenas de populares compareceram em frente do Palácio de Belém, aplaudindo o embaixador à sua passagem.

VÃO SER REGULADAS AS MANIFESTAÇÕES

-anuncia Costa Brás

(Ler na pág 2)

24 PÁGINAS

NACIONAL

ENCRUZILHADA

Portugal está numa encruzilhada. Uns são muito optimistas e em tudo vêem rosas e promessas de feliz futuro. Outros são muito pessimistas e em tudo vêem cores negras e ameaças e negaças e desgraças.

Em linha quebrada, com avanços e recuos, Portugal caminhou decididamente para a encruzilhada, onde tem de escolher, de optar, de decidir. Todos reunidos na encruzilhada, saibamos conscientemente escolher os companheiros de jornada, os camaradas das lutas necessárias, os verdadeiros e indefectíveis amigos do futuro.

Portugal está na encruzilhada. Saibamos serenamente analisar as nossas capacidades, as nossas possibilidades, as nossas necessidades, as nossas superioridades e inferioridades.

E tenhamos coragem de prosseguir, lutando, sorrindo, cantando. Para além da encruzilhada.

MANUEL DE AZEVEDO

NO PROGRAMA DE COSTA BRÁS

TÊM DE SER CORRIGIDOS OS DESVIOS À JUSTA CONCEPÇÃO DA LIBERDADE

«**Ter o direito de ser livre implica ter o dever de respeitar o mesmo direito do seu semelhante**» — afirmou ontem o ministro da Administração Interna ao empossar o novo director-geral da Administração Local. E o major Costa Brás precisou: «**Lógico será admitir e aceitar que os desvios à justa concepção da liberdade e que a própria população assim o deve entender e colaborar nessa correcção**».

O ministro disse ainda que, nessa linha, seriam brevemente anunciadas medidas concretas quanto ao exercício da venda ambulante («**tão espalhada e abusada e geralmente reprovada, especialmente em Lisboa**») e, mais importantes estas, quanto à realização de manifestações e reuniões e quanto à legitimidade da associação «**nos amplos termos que o 25 de Abril veio permitir**».

Costa Brás enumerou as suas preocupações actuais. São de três ordens: consolidação da tranquilidade cívica; revigoramento, valorização e dignificação da função pública; e normalização e eficiência da vida administrativa local. A primeira prende-se com o uso do que chamou «**justa concepção da liberdade**» (cf. parágrafo de abertura). No que respeita à função pública, o ministro estigmatizou o decréscimo de eficiência e de eficácia que se lhe vem notando e prometeu o «**estudo urgente das reformas necessárias**» num prazo que não pode definir.

O problema da normalização (e, também aqui, eficiência) da vida administrativa local tem que ver, desde já, com a nomeação dos governadores-civis, e a longo prazo com a meta que serão as eleições de Março de 1975.

Como nomeia, como omeará Costa Brás os chefes de distrito? A chave é esta, segundo palavras suas:

«**Preocupo-me mais com as características das pessoas e da área do que com a sua eventual filiação partidária. Na verdade, eles serão a garantia, perante o ministro e o Governo, da regularidade da vida administrativa local, de que são intransigentemente defendidos os interesses legítimos das populações de cada autarquia e de que quem se encontra à frente de cada uma delas representa efectivamente essas populações e procede como tal.**»

Os governadores-civis — insistiu — devem ser zeladores da «**legitimidade e isenção de acções e finalidades na linha de um processo de democratização e nisso deverão dar o exemplo**».

FUNCIONÁRIOS ESCOLHERAM O DIRECTOR-GERAL

Facto a assinalar (assinalou-o, de resto, Costa Brás) o de o novo director-geral, José Manuel Pereira, ter sido escolhido pelos funcionários ministeriais.

«**É com todo o prazer**» disse o ministro — «**que a repito, perante quem me o que essa nomeação se ver como concretização do de dos funcionários do Ministé espalhados pelo País econsult dos para o efeito.**»

Isso — comentou de pass gem — constituiria «**forte ga rantia de sucesso e eficiência**».

LOUSA EM FESTA

Lousa, na estrada da Malveira, vai estar em festa a partir de amanhã. O arraial, que é promovido pelo Grupo Desportivo de Lousa, terá quermesses, bufetes, tômbolas e tudo o mais que é normal para as pessoas se divertirem.

Os apaixonados pela dança têm já garantidos bailes quase todas as noites desde sábado até quarta-feira próxima e que serão abrilhantados pelos conjuntos «Aquários», «Lido» e «Pop-6».

Na segunda-feira, dia 2, haverá uma garraiada e no último dia das festas, quinta-feira, está prevista uma gincana motorizada e uma corrida de sacos.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo domingo, nos seguintes sectores e zonas:

5.º Sector — **Concelho de Lisboa**: Rua do Norte, de 81 a 97, Trav. Fiéis de Deus, de 18 a 32. (Das 8,00 às 12.00). R. do Diário de Notícias de 119 a 149. (Das 8 às 12).-

6.º Sector — R. Rosa Araújo de 1 a 41, R. Mouzinho da Silveira. (Das 8 às 12). R. de S. Lázaro de 2 a 80. (Das 8 às 12). R. das Portas de S. Antão de 129 a 183. (Das 8 às 12). R. de S. Julião de 119 a 151. (Das 8 às 12).

10.º Sector — Est. da Pontinha (parte). (Das 8 às 12).

1.ª Zona — **Concelho de Vila Franca de Xira**: Vila Franca, R. Luiz de Camões; R. 1.º de Dezembro, Trav. do Mercado, Trav. do Araújo, R. António Palha, R. Miguel Esguelha, HOSPITAL. (Das 8 às 14).

2.ª Zona — POVOS, Qt.ª das Arcias, Castanheira, Bairro Calouste Gulbenkian e Vala do Carregado. (Das 8 às 14).

3.ª Zona — Vila Franca: Estrada Nacional, Estrada do Argibay, Bairro da Mulher Morta. (Das 8 às 14).

4.ª Zona — Vila Franca: Rua da Cumeira, Bairro da Brejo, Qt.ª Senhora da Graça, Qt.ª da Omnia, e imediações. (Das 8 às 14).

5.ª Zona — Mato da Crus. (Das 8 às 14).

6.ª Zona — **Concelho Sobral M. Agraço**: A. Moita, Pontes Monfalim. (Das 8 às 14).

7.ª Zona — **Concelho de Alenquer**: Alenquer; Av. Jaime Ferreira, Largo Raínha S. Isabel, Av. Lafaurie e imediações. (Das 8 às 14).

8.ª Zona — Abrigada. (Das 8 às 14).

9.ª Zona — Cadafais, Casais Marmeleira, Refugidos, Qt.ª Carnota, Pedra Ouro; Qt.ª do Leão, Santana Carnota. (Das 8 às 14).

10.ª Zona — **Concelho de Oeiras**: Portela da Ajuda. (Das 8 às 14).

11.ª Zona — Queluz de Bairro (Zona Fabril). (Das 8 às 14).

12.ª Zona — **Concelho de Cascais**: Manique de Baixo; Est. de Manique, a Alcoitão, Sitio do Catimbau, Alto do Moinho, e imediações. (Das 8 às 14).

13.ª Zona — **Concelho de Sintra**: Alto do Pendão, Idanha, Venda Seca, Chutaria. (Das 8 às 14).

14.ª Zona — Lourel: Av. da Aviação Portuguesa, R. do Alecrim, Est. do Boialvo e imediações. (Das 8 às 14).

15.ª Zona — **Concelho de Mafra**: Barros. (Das 7 às 15).

16.ª Zona — Carvoeira. (Das 8 às 15).

17.ª Zona — Seixal, Lapa da Serra, Qt.ª dos Leitões, Casas Novas, Romeirão, Paul e Rebenta. (Das 7 às 14).

GRANDE FEIRA DO DISCO

MILHARES DE DISCOS

A 25$00

DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDA

RUA FORNO DO TIJOLO, 25-C

ESTA SEMANA É TUDO DO CAMPIÃO

(a casa de lotarias mais antiga do mundo)

TALUDA — 47980 — 9600 contos

2.º Prémio — 39896 — 900 contos

3.º Prémio — 117 — 300 contos

TODOS VENDIDOS PELO CAMPIÃO

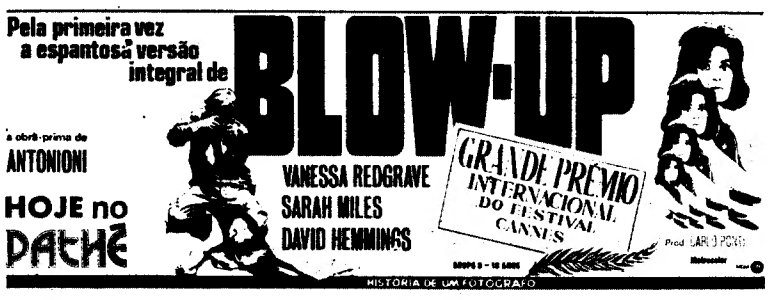
Professor Doutor Eduardo Coelho

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua mulher, filhos, noras e genro, netos e mais família participam que será rezada missa por sua alma amanhã dia 10, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, às 12 horas e agadecem penhorados por este meio a todos a quem não podem fazer directamente por desconhecimento de moradas.

FILMES CASTELLO LOPES, LDA.
DESDE 1916

A MAIS ANTIGA DISTRIBUIDORA PORTUGUESA



UMA ORGANIZAÇÃO INDEPENDENTE AO SERVIÇO DE TODOS OS EXIBIDORES

Julie Christie · Donald Sutherland

Aquele inverno em Veneza

"DON'T LOOK NOW"

O acto de amor... como jamais foi visto no écran.

Interdito a menores de 18 anos — COLORIDO — "The Sun"

De romance de Daphne du Maurier

14.ª SEMANA — CONDES — 2.ª SEMANA — Pivoli

URBANO TAVARES RODRIGUES

A descolonização está em curso. Mas...

Deram-se muitos passos em frente. A visita a Portugal de Kurt Waldheim mostrou bem como a O. N. U. e, através dela, o mundo inteiro reconhecem o que de sério e importante há no esforço de democratização e de descolonização empreendido, com os solavancos (com os avanços e recuos) que seriam de esperar, em circunstâncias como as que estamos vivendo, pela Junta, pelo Governo Provisório e pelo Movimento das Forças Armadas.

Aqui caberiam decerto palavras de aplauso e de encorajamento para os que tornaram possível esta situação nova, que ainda nos leva às vezes a esfregar os olhos, e por ela, pela sua natural e legítima solução, lutam dia a dia, hora a hora. Afigura-se-nos, porém, mais importante chamar a atenção não para as flores já desabrochadas, mas para os espinhos e abrolhos. Claro que é difícil a construção de um edifício de paz e harmonia sobre os cadáveres e os aleijões das vítimas. São, todavia para todo o sempre, esses os seus alicerces. Olhemos, pois, de frente para as dificuldades, os perigos, as manobras de sabotagem, as ameaças, frontais ou sinuosas, do neocolonialismo.

O capitalismo, como forma de exploração do homem pelo homem, e o imperialismo, forma de exploração de povos por outros povos, terão perdido a batalha na África ex-lusitana?

Vejamos. Tanto a Junta Governativa de Moçambique como a de Angola estão procurando, com a maior firmeza (o que anteriormente parecia não se verificar, sobretudo em Luanda) travar a acção dos elementos reaccionários colonialistas e fascistas, que já provocaram derramamento de sangue e buscam, a todo o transe, a confrontação maciça com a comunidade negra, tentando chamá-la ao terreno da resposta violenta. São diferentes as situações em Moçambique e em Angola, devido a múltiplos factores, como sejam a união e o poder de atracção da Frelimo, único partido político com representatividade e já praticamente reconhecido como tal por toda a população, se exceptuarmos os terroristas neonazis, que actuam em actos de desespero, e os ambiciosos profissionais da guerra, não soldados mas mercenários, a soldo do sr. Jorge Jardim, que os está, segundo parece, treinando no Malawi. O carácter eminentemente político da Frelimo, que nesse aspecto se pode equiparar ao M. P. L. A., rejeita todos os critérios racistas e tribalistas. A luta da Frelimo em Moçambique foi contra o colonialismo e o imperialismo, é agora contra o neocolonialismo e contra as formas agressivas ou dúplices que ele possa revestir, exactamente como a luta do povo português e dos partidos democráticos e movimentos de massa em Portugal é fundamentalmente contra as sequelas do fascismo e também contra o neocapitalismo que, sob os mais diversos modelos, se propõe manter, apenas atenuado, o estatuto de servidão das classes trabalhadoras, em benefício dos detentores da riqueza.

Urge, pois, em Moçambique como em Angola — e até muito especialmente em Angola, onde as circunstâncias se apresentam bem mais graves e o processo de descolonização mais moroso — consciencializar a pequena burguesia e até o operariado branco de que, ao provocarem conflitos e ao hostilizarem o M.P.L.A., estão agindo contra os seus verdadeiros interesses, servindo apenas, em última análise, os tenebrosos desígnios dos grandes potentados económicos, portugueses e multinacionais. É essa alavanca gigantesca, a dos monopólios, que ainda agita e movimenta multidões, quer europeias (dando-lhes as palavras de ordem para o desacato e para o morticínio), quer africanas, comprando falsos líderes, jogando desde já o seu vacilante destino em caciquismos e arregimentações políticas das mais duvidosas. Exemplo típico desta estratégia é a tentativa de promoção de Jonas Savimbi, aliciado, para servir de carisma, pelos próceres do falecido caetanismo e provavelmente cúmplice da PIDE-DGS.

Maurício Duvualo, ligado à alta finança rodesiana, Angelino Alberto, fundador da UNA, escorado no «além-mar chamado» Partido Trabalhista Português, Francisco Lelle, chefe do Nto'Bako, João Pedro Bala, visita assídua do governador Rebocho Vaz, Ferronha Dongala Garcia e outros que cumprem ordens do Partido Cristão Democrata (de Angola) são a guarda-avançada de um exército de oportunistas, confusionistas, traidores, ambiciosos que nada tem a ver com a justa causa com a qual somos de há muito totalmente solidários: a independência de Angola, a instauração em Angola de um regime democrático e popular, apto a respeitar e a promover o desenvolvimento de todas as etnias, sem excluir a portuguesa. Porque o problema não é, na verdade, racial, mas de luta de classes. Angolanos negros e brancos poderão encontrar-se lado a lado contra os aventureiros e os lacaios do imperialismo que venham a querer perturbar a boa marcha da Nação para a sua independência, através de um Governo de coligação do M. P. L. A. e da F. N. L. A. E sobretudo ao M. P. L. A. que em Angola cumpre travar o passo ao neocolonialismo. Ao M. P. L. A. e não só. Também às Forças Armadas Portuguesas. Até quando? A permanência das Forças Armadas, neste momento obviamente indispensável, para suster forças para-militares e assassinos em potência, para frustrar as manobras de Jardins e minijardins, não terá em breve (não o tem já) significado bélico. Apenas no que se refere à F. L. L. A. e a incidentes isolados ocorridos em Moçambique subsistem acções defensivas. E a isso cumpre pôr termo bem depressa. Não ao apoio técnico e cultural, se e enquanto forem os responsáveis africanos a desejá-lo. São os movimentos de libertação que dirão, na hora própria, se podem assegurar a paz e a justiça social sem a fraterna ajuda dos que foram seus adversários, por imposição da política fascista, e que hoje se tornaram (muitos deles) em fraternos camaradas... Desse entendimento é exemplo muito belo o que, sob as ordens do brigadeiro Fabião, está ocorrendo, do lado português, na República da Guiné-Bissau.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

Uma pessoa assim

Era uma pessoa assim. Chegava à noite, após um dia de trabalho, de cansaço, de aprendizagem?, despia-se, tomava o seu banho, dormia. Mas não se despia só das roupas, mas também de tudo o que de desagradável ou mau o dia lhe havia dado. E o banho talvez fosse, para além da higiene do corpo, uma higiene da alma. Porque antes de adormecer estava purificada, e pela manhã era como se tivesse acabado de nascer, e então o mundo era todos os dias novo e verde, e ela entrava dentro dele com um olhar deslumbrado e sem ver muito bem onde punha os pés. Acreditava todas as manhãs nas mesmas coisas, quase, enfim, nas mesmas coisas. Como se nunca lhe tivessem provocado sofrimento e lágrimas, como se nunca a houvessem destroçado. Então dizia: A **A** afinal é boa rapariga; o **B** afinal é boa pessoa; acho que fui muito precipitada quando pensei mal do **C**. Não achas? Os outros não achavam, mas o olhar dela era tão transparente, tão grande como o de um descobridor de ilhas desconhecidas numa manhã azul, num mar tranquilo. À noite as suas ilhas perdiam a beleza e a pureza, mas ela sabia agir de modo a que à morte se seguisse a vida. Portanto as pessoas acenavam afirmativamente. Sim, talvez fosse como ela pensasse, e a **A**, e o **B**, e o **C**

Quando voltavam costas consideravam-na ingénua, boa demais, parva, em suma. Ignoravam a enorme riqueza de que ela dispunha. A riqueza incalculável de que ela dispunha e que podia chamar-se poder de regeneração.

PEDRO DA SILVEIRA

A respeito de governadores civis

Três meses e quase duas semanas após o 25 de Abril, parece que finalmente se entendeu que escolher e nomear os governadores civis dos distritos metropolitanos e dos arquipélagos da Madeira e dos Açores é uma decisão importante, que o Governo Provisório não pode adiar. E mais parece que também enfim se compreende claramente que as autoridades administrativas dos escalões inferiores, até há pouco só em reduzida parte mudadas — nalguns casos muito mal —, o devem ser de todo e sem que nisso interfiram setimentos demófobos.

Não pensaria assim o primeiro Governo Provisório, ou o seu ministro da Administração Interna — no que lhes pesariam razões, do momento ou com vistas no futuro, que prefiro não escogitar. A tal respeito, portanto, só adiantarei que com deixar correr se perdeu demasiado tempo — o qual, sem dúvida, não deixou de ser plenamente aproveitado por quem se sentiu ameaçado (v. g., na destruição de documentos provativos de actividades policiescas e de manigâncias com dinheiros públicos».

Em 1910, uma das primeiras medidas tomadas pelo Governo Provisório, através do Ministério do Interior, foi precisamente prover de autoridades republicanas todo o País. Antes de findo Outubro, os governadores civis do continente e dos quatro distritos insulares já estavam todos nomeados e empossados e, por eles, praticamente todas as comissões administrativas das câmaras municipais e das juntas de paróquia, bem como os administradores de concelho e regedores. Com efeito, as excepções referem-se apenas a três concelhos, os de Santa Cruz e das Lajes da ilha das Flores e o da ilha do Corvo; e explicam-se pela falta de comunicações com eles até 1 de Novembro.

Claro que 1910 é um tempo político em 1974 outro — muito deferentes; e nem se parecem os regimes numa e noutra data derrubados em Portugal, tão-pouco as revoluções que os derrubaram. As diferenças, no entanto, não fazem senão relevar o exemplo que aponto. Deixar durante meses os governos civis na mão de secretários-gerais cuja fidelidade ao ideário do 25 de Abril não é certa, antes muito pelo contrário, eis o que se me afigura, para não dizer pior, uma ingenuidade perigosa. Depois, o modo como não poucas câmaras foram substituídas (e até reconfirmadas) mais agrava tudo. Nas Beiras e em Trás-os-Montes sucedeu o que alguns jornais relataram (para um ministro da Administração Interna que era, ante isso, de ouvido duro e olhos tapados); nos Açores, que é onde pretendo tocar, também o panorama não foi famoso.

Não darei nenhuma novidade dizendo que o 25 de Abril chegou aos Açores com algum atraso e como que amortecido, isto é, apresentando a feição — que ainda não perdeu! — de ter sido uma espécie de... mudança na continuidade. A simples leitura da Imprensa insulana o demonstra à saciedade. (Por exemplo, em Ponta Delgada a manifestação do 1.º de Maio foi autorizada, melhor dito, convocada, através dos jornais, numa prosa, que um almirante assinava, à qual nem faltou, a finalizá-la, o salazarista «A Bem da Nação». E não há muitas semanas o *«Correio da Horta»*, que foi órgão, dos de mui triste memória, da U.N. - A.N.P., ainda discreteava sobre desporto... corporativo. Por outro lado, é sabido como *«A União»*, órgão episcopal, de Angra do Heroísmo, noticiou a chegada a Lisboa de Alvaro Cunhal — «depois», dizia, «de trinta anos de luta contra Portugal». E nem faltam, de Ponta Delgada à Horta, os articulistas que, a respeito do aparecimento na cena política nacional dos partidos Comunista e Socialista, pintam quadros nos quais ressurgem as terríficas cenas de antropofalogia dos noticiários da guerra civil espanhola — muito encontráveis no citado *«Correio da Horta»*, em *«O Dever»* e noutros jornais do arquipélago, em 1937-39, como se pode verificar consultando-lhes as colecções, por exemplo, na Biblioteca Nacional de Lisboa. Tudo isto, sem que os representantes da Junta de Salvação Nacional, ou do Movimento das Forças Armadas, interferiram como lhes competia. Tudo isto, enquanto a A.N.P. muda a face para... Partido Popular Democrático!).

Para que assim esteja sendo, numa terra cujas tradições democráticas não são uma imagem retórica, contribuiu, em primeiro lugar, o não haver nos Açores, quando eclodiu a revolução de Abril, uma sólida organização da oposição democrática — que no distrito da Horta era mesmo de todo inexistente. Por outro lado, às organizações que daí a pouco se encontraram em estado de começar a actuar — agora congregadas no Movimento Democrático Açoriano — não foi dado, pelos comandos e oficialidade das guarnições lociae, o necessário apoii. Assim, findando Maio, e já em Junho, a situação política, em algumas ilhas, tornara-se tal que vários antifascistas não de fresca data se queixavam de provocações, da parte de notórios salazaristas-caetanistas, piores e mais frequentes do que antes do 25 de Abril.

Ante o que acabo de expôr, sobretudo quando ao distrito da Horta, onde, como dizia, a desorganização da oposição era total, se compreenderá que as perspectivas para o funcionamento da máquina da democratização, de uma actividade política normal, não são nos Açores muito brilhantes. Os erros de actuação têm sido frequentes. O tomar a nuvem por Juno, coisa corriqueira. E a A.N.P., extinta mas activa com nome novo ou sem ele (é por enquanto o caso da Horta), não tem deixado de se aproveitar de tudo isso.

Como se saberá, logo que constituído o primeiro Governo Provisório em todos os distritos as formações democráticas existentes, ou logo organizadas, começaram a pensar na substituição das autoridades administrativas fascistas. Quanto a possíveis governadores civis, foram comunicados, ao ministro da Administração Interna, nomes singulares ou séries de nomes à sua escolha. Tanto em Ponta Delgada, como em Angra do Heroísmo e na Horta também isso fizeram. O que aconteceu foi, porém, e nem seria necessário dizê-lo agora, que nenhum, nelas sugerido ou não, foi nomeado. Mas creio que as listas ficaram em herança ao actual ministro daquela pasta, e que lhe serão, pelo menos um pouco, guia das decisões. E é porque assim penso que me decidi a vir a terreiro.

Entre os nomes sugeridos pelos democratas do distrito açoriano da Horta como desejáveis para seu governador civil sob o Governo Provisório figurou, em primeiro lugar e isoladamente o de um homem a todos os títulos muito bem indicado para esse cargo: o oficial de marinha Vasco Belmarço da Costa Santos. Mas sucedeu que este oficial, logo a seguir escolhido para outra tarefa, não pôde aceitar a candidatura. E assim, uma nova lista, desta feita com vários nómes, foi mandada da Horta ao Ministério da Administração Interna. Mais uma vez um dos indigitados, precisamente o primeiro teve razões para se esquivar, ficando à escolha do ministro três nomes: o de um oficial da armada e os de dois engenheiros agrónomos. Ora acontece que aquele caiu nela só porque, sendo o oficial de mais alta patente destacado no distrito, fora há pouco nomeado delegado nele da Junta de Salvação Nacional, e por isso pareceu o que não era, enquanto os outros de facto o eram (e bem conhecidos no distrito, até porque naturais dele); antifascistas.

Chegado aqui, impõem-se-me um esclarecimento. E o de que, ao classificar os dois agrónomos sugeridos governadores civis para a Horta de antifascistas, não estou, automaticamente, a pôr o ferrete de fascista no outro, ou seja o oficial da armada ora desempenhando as funções de capitão do porto da Horta e delegado ali da Junta de Salvação Nacional. Apolítico, na medida em que apolíticos existem, é o que penso que será. E nem me leva a pensar diferentemente o saber que entre os amigos que tem e com quem diariamente o vêem na Horta predominam fascistas notorios, quais o ex-presidente da Junta Geral, um tal Manuel Linhares de Andrade. O que sim me põe de sobreaviso, e que me obriga a não ficar mais calado, é mais saber como o dito delegado da Junta de Salvação Nacional procedeu à substituição das autoridades camarárias na ilha do Pico — o que pode ser um elucidativo prefácio ao que faria se viesse a ser governador civil. Pois foi assim.

Um dia, o delegado da Junta na Horta embarcou-se rumo do Pico e, lá chegado, avistou-se com quem continuava a mandar nos três concelhos da ilha e, através dessa gente, convocou algum povo ao qual expôs ao que ia. Com um rol de nomes já elaborado, logo tratou de proceder ao que se rotulou de uma eleição, com umas listas em que os improvisados eleitores garatiam o voto dado pondo-lhes as suas assinatu-

Continua na pág. 10

O DESEMPREGO PARA 640 TRABALHADORES DA APPLIED

O PATRÃO NÃO PAGOU E O SENHORIO NÃO FIA

«Estamos sem emprego e sem dinheiro. Já ando a comer fiado, e o senhorio não espera», confessou-nos Maria Raquel, operária da Applied Magnetics Portugal, empresa multinacional que encerrou no princípio deste mês, colocando no desemprego 640 trabalhadores, dos quais 550 são mulheres. Neste momento, os operários mantêm a ocupação das instalações fabris para impedirem a saída fraudulenta de produtos e máquinas, enquanto aguardam uma atitude governamental.

REPORTAGEM DE JOSÉ A. SALVADOR

«Retomamos o trabalho no dia 29 do mês passado porque no Ministério do Trabalho nos garantiram que seriam pagos os salários e a empresa continuaria. Fez ontem oito dias o sr. Fraser mandou um telex de Londres para o eng.º José Gonçalves (director daquela unidade industrial) aonde dizia que ia ver se conseguia um empréstimo nos Estados Unidos, mas que isso talvez não fosse possível devido ao ambiente político do nosso País», acrescentou a mesma operária que prosseguiu: «No mesmo telex o americano pedia ao eng.º J. Gonçalves para vigiar pela segurança do material existente na empresa, pois seria a única forma de garantir o pagamento de salários, e outras dívidas aos credores».

A situação na empresa é pois a seguinte: o administrador ausentou-se para os E.U., a laboração está paralisada porque não há elementos para produzir as «memórias e cabeças» empregues nos computadores, os operários estão despedidos.

«Aqui na fábrica só cá estão os operários», diz-nos ainda Maria Raquel, que acrescentou: «As 116 operárias que tinham sido despedidas também cá estão até porque no Ministério do Trabalho a Administração tinha aceitado a sua readmissão, pelo menos durante dois meses. Nenhum dos chefes e dos empregados de escritório cá está. Só os operários é que cá estão porque temos fome. Eu já ando a comer fiado».

AS MULTINACIONAIS E A SUA POLÍTICA ECONÓMICA

A Applied Magnetics Portugal é uma empresa multinacional cujos tentáculos se estendem por vinte e duas unidades, assim distribuídas: «Estados Unidos (11 fábricas), Porto Rico (4), Coreia do Sul (1), Bélgica (1), Barbados (1), França (1), e Inglaterra (1). No caso português o capital da AMP pertence 95 por cento à Applied Magnetics Internacional com sede no Panamá e os restantes 5 por cento pertencem, entre outros, a Harold Bailey (representante da Applied Magnetics Corporation, na Europa). A empresa-mãe verdadeira, é de facto a AMC com sede na Califórnia, e cujo presidente á o cidadão norte-americano Harold R. Frank.

No nosso País estão instalados vários grupos multinacionais especializados na produção de material electrónico: Plessey, General Inst. Lusitana (GIL), Control Data, Eeléct. Lusitana, ITT, D.S. Electronica, e Siemens, entre outras. A Applied também especializada neste ramo foi das primeiras multinacionais a enveredar pela política dos despedimentos, à qual logo se juntou a GIL (173 operários), D.S. Electronica (19) e a ITT-Semi-Condutores (6) segundo pudemos apurar. A esta política não é estranho o novo Contrato Colectivo de Trabalho, homologado após o 25 de Abril, cujas negociações decorreram ao longo de dois anos e impuseram o recurso à arbitagem. Desde a homologação que aquelas multinacionais, abrangidas pelo referido contrato colectivo, destinado aos operários das indústrias eléctricas e electrónicas, agitaram o espantalho dos despedimentos (agora realidade) e o encerramento puro e simples das empresas. A este propósito, não é indiferente a atitude de Cecil Fraser (administrador da Applied), António Lopes (da Audio Magnetics), Jacques Noels (da Texas Instruments) e de Bill Van Den Heuvel (da ITT-Semi Condutores) que conjuntamente subscreveram uma circular dirigida a todas as companhias do «American Managers Group» no sentido de essas companhias se constituírem em grupo de pressão capaz de exercer influência junto do Governo e de assumir atitudes empresariais claras face à contratação colectiva.

Nesta conjuntura, em Junho, último, os Sindicatos dos Eelectricistas de Coimbra, Electricistas do Sul, Escritórios de Lisboa e Metalúrgicos de Lisboa emitiram um comunicado denunciando as manobras de despedimento empreendidas pelas empresas de material electrónico e eléctrico.

«Estas empresas — considera-se no referido documento — que têm vindo a ser as que maior rentabilidade económica têm apresentado no conjunto das indústrias transformadoras no nosso País (segundo estatísticas oficiais), estão neste momento, após a homologação do primeiro Contrato Colectivo de Trabalho para o sector, a efectuar despedimentos em massa e a ameaçar encerramentos de fábricas. Reportando-nos a um dos estudos económicos feito ao sector, apresentamos as seguintes conclusões: — no período de 1953/65 a produtividade neste sector cresceu à taxa média anual de 11,5 por cento, enquanto no conjunto das indústrias transformadoras cresceu à taxa anual de 8,8 por cento... Ainda segundo estudos oficiais, prevê-se que a produtividade no período de 1968/74 aumente cerca de 63 por cento.» (...)

«Os lucros das empresas mais que duplicaram em 3 anos (de 1969 a 1971). A percentagem dos lucros sobre a riqueza produzida é, neste período, da ordem dos 15,2 por cento (enquanto no conjunto das indústrias transformadoras, no mesmo período foi de 8,9 por cento». (...)

«(...) A parte que coube aos salários no total da riqueza criada no sector do material eléctrico é mais baixa que a parte que cabe no total da economia nacional. Entre 1968 e 1971, os lucros subiram 1,4 por cento e os salários baixaram, 1,8 por cento».

Os lucros declarados publicamente pelas empresas, e que orçam os milhares de contos, estão, segundo os mesmos Sindicatos, viciados. Assim:

«As matérias-primas ou os produtos semimanufacturados entram no nosso País encaixotados, sem se saber o seu valor, e saem de cá também encaixotados, desconhecendo-se o valor da transformação que sofreram. Logo os lucros reais vão ser obtidos no estrangeiro pelas empresas «mãe» a que estas de cá pertencem. Por outro lado, os lucros escondem-se também nas amortizações e na compra de equipamento que, pagos como novos, são na grande maioria das vezes já usados.» (...)

Nestes termos, e através deste comunicado, os trabalhadores sugeriram ao Governo, entre outras, as seguintes medidas:

«a) Que seja nomeada uma comissão de inspecção para fazer uma fiscalização à contabilidade das empresas do sector referido;

b) Que seja criado um estatuto para as firmas instaladas em Portugal pertencentes às multinacionais de modo a salvaguardar de entre outras as questões que no momento atormentam os trabalhadores portugueses;

c) Que seja rapidamente decretado para estas empresas e em especial àquelas com ligação às multinacionais, uma indemnização por despedimento sem justa causa, no sentido de não só evitar os despedimentos em massa, como também obrigá-las a compensar os trabalhadores portugueses que nelas têm vindo a trabalhar, pela riqueza criada que não receberam, assim como pelo desgaste físico sofrido pelo tipo de trabalho » (...).

Este documento, além dos Sindicatos já registados, foi subscrito também pelas Comissões de Trabalhadores da ITT, PAEP, Autosil, Applied, Standard Electric, Facel, Philips, Signetics, Control Data, Vittron, GIL, D.S. Electrónica, e Creator.

Esta atitude sindical foi acompanhada por denúncias públicas contra aquelas manobras patronais por parte de diversos grupos políticos como o PS, PCP, MDP, MD MP, MES, MRPP, OCMLP, PRP, etc., além dos jornais da Imprensa popular não partidária que simultaneamente manifestaram a sua solidariedade com os operários dessas fábricas. A ausência de uma posição firme por parte do Governo, como se verificará em relação ao caso da Applied, pode explicar em certo sentido o avanço reaccionário das multinacionais. Foram elas, de resto, que recentemente reuniram no Chile (168 firmas internacionais dos Estados Unidos, do Canadá, da Europa e do Japão) para estudar os meios de fazer grandes investimentos no Chile de Pinochet... O carácter reaccionário da sua estratégia económica, especialmente assente em salários de fome, fica bem ilustrado com a informação acima transcrita.

A ACTUAÇÃO DO MINISTÉRIO DO TRABALHO

Na Applied Magnetics Portugal os problemas começaram a agudizar-se após o 25 de Abril com a homologação do novo contrato colectivo de trabalho, e o caderno reivindicativo apresentado pelos operários, o qual melhorava algumas das condições do próprio contrato. Antes do Abril português, aquela empresa tinha nos seus planos de expansão o fabrico de novos produtos e o alargamento das secções. Todavia, o que se observa é o encerramento da secção de «matrizes» e o consequente despedimento de 116 operárias. Esta situação gera um longo processo de luta, que inclui períodos de greve, e que agora culminou com o encerramento da empresa. Registemos as palavras da Comissão dos Trabalhadores, socorrendo-nos parcialmente de um comunicado por esta emitido:

«Após cerca de três meses de luta os trabalhadores da Applied Magnetics Portugal (A.M.P.) encontram-se numa situação dramática criada pelas manobras sabotadoras e reaccionárias do capital imperialista.

«Como já tinha sido divulgado estavam despedidos 116 trabalhadores. Durante as negociações no Ministério do Trabalho o administrador recusou-se a readmiti-los e ameaçou que a fábrica fecharia para os 640 trabalhadores caso estes não permitissem o despedimento dos 116 colegas, não desistissem das reivindicações já conseguidas, limitando-se ao C.C.T. o que implicava a passagem das 40 para as 44 horas semanais, de 1 mês para 18 dias de férias e ainda a dissolução da comissão de trabalhadores eleita, suspensão de alguns dos seus elementos e eleição de uma comissão de relações humanas que seria presidida pelo director-geral da companhia, ao mesmo tempo que seriam readmitidos os últimos três saneados.

«Esta proposta foi rejeitada no dia 18 de Julho numa votação secreta por 443 trabalhadores, votando 29 a favor.» (...).

Entretanto a 23 de Julho a entidade patronal declara-se insolvente, e sem possibilidades de pagar os salários aos trabalhadores. O sr. Cecil Fraser, instalado na sua suite 106 do Sheraton, em Lisboa, enviou um telex para a fábrica, em Sacavém, declarando que não tinha dinheiro para pagar os salários e que a empresa estava dissolvida.

«Ainda no mesmo dia — lê-se no mesmo documento — a empresa-mãe (A.M.C.) enviou dos Estados Unidos um telex em que dizia que a A.M.P. era uma empresa portuguesa que apenas mantinha relações comerciais com a A.M.C., não tendo esta última nada a ver com as dívidas da primeira.

«Na realidade a A.M.P. é uma empresa portuguesa, mas apenas por estar montada em Portugal, pois o capital pertence à A.M.C. E esta empresa quem nomeia os administradores, quem estabelece os preços dos produtos que compra à A.M.P., assim como das matérias-primas que lhe vende, e é ainda esta empresa quem tem beneficiado dos lucros dos produtos feitos pela A.M.P. Portanto, a A.M.C. apenas é responsável pela A.M.P. para lhe fixar os preços de venda e, consequentemente, para se aproveitar da riqueza produzida pelos seus trabalhadores, e não pode ser responsável pelas dívidas da A.M.P., nomeadamente em relação aos seus trabalhadores que se gastaram para lhes encher os bolsos.

«São estas as responsabilidades das firmas multinacionais!

«Em face desta situação dramática para todos os trabalhadores a comissão entrou em contacto com o Ministério do Trabalho no sentido deste chamar o administrador. Após várias recusas, o administrador compareceu para negociar com o Ministério do Trabalho. Na negociação apresentou a proposta que já havia sido rejeitada pelos trabalhadores, acrescida de um empréstimo de 5000 contos do Governo à empresa, para pagamento dos salários, e ameaçou que caso estas condições não fossem aceites, encerraria a fábrica não efectuando o pagamento dos ordenados do mês de Julho, das férias e das indemnizações de despedimento. Perante o despedimento eminente de 640 trabalhadores, o Ministério do Trabalho julgando resolver o problema acordou nos seguintes pontos:

1.º — Que os trabalhadores se limitem ao contrato colectivo de trabalho (C.C.T.), com as seguintes implicações:

a) Passagem das 40 para as 44 horas de trabalho semanais.

b) Passagem de 30 dias para 18 dias de férias.

c) **Demissão da comissão de trabalhadores, instauração de um inquérito às suas actividades e eleição de uma comissão de relações humanas que teria como presidente o administrador da empresa.**

d) **Indemnização dos trabalhadores à empresa** das 4 horas semanais que estes deixaram de trabalhar a partir do dia 4 de Junho, dia em que tinham conseguido as 40 horas.

e) Instauração de um inquérito às actividades dos últimos saneados para uma possível readmissão.

f) Garantia por parte da administração em manter os 116 empregados despedidos durante dois meses. Se ao fim desses dois meses a empresa não conseguir arranjar emprego os trabalhadores seriam absorvidos pelo Governo sem qualquer encargo da firma, portanto sem indemnizações de despedimento.

g) O Governo emprestaria 5000 contos à empresa para esta pagar os salários, com a garantia de um aumento do capital social da empresa.

«Os trabalhadores ante a perspectiva do desemprego, sem receber a remuneração do seu trabalho do mês de Julho, sem férias, sem indmnizações de despedimento, pensando nos filhos que têm para criar e outros familiares que têm a seu cargo, sabendo que o senhorio não aguarda que se arranje outro emprego e que o supermercado não vende fiado, sujeitaram-se inconformados às condições humilhantes que lhes foram impostas pelo patrão imperialista».

No Ministério do Trabalho quem tratou no início do problema da Applied foi o dr. Andrade Mendes, o qual em fase posterior coube ao dr. Eugénio Rosa que, por nós contactado, se mostrou desagradavelmente impressionado pela ausência de Cecil Fraser para o estrangeiro.

O CARÁCTER EXPLORADOR E REACCIONÁRIO DO IMPERIALISMO

Voltemos, no entanto, ao comunicado da Comissão dos Trabalhadores da Applied:

«Entretanto, quinta-feira dia 1 de Agosto quando apenas faltava fazer uma avaliação dos bens da empresa e o aumento do capital social da empresa de 3500 para 5000 contos para que o empréstimo do Governo se efectuasse, o administrador Cecil Fraser sai do País e envia um telex do hotel Sheraton de Londres dizendo que se encontrava a caminho dos Estados Unidos para tentar arranjar um financiamento da empresa-mãe, e acrescentava que via isso bastante difícil devido à situação política do nosso país. Terminava dizendo que no sábado, dia 3 de Agosto, daria uma resposta.

«Sábado enviou de facto, um telex ao Ministério do Trabalho com a informação de que devido ao problema político e social dos trabalhadores portugueses a empresa não tinha garantias para continuar em Portugal», «que a empresa-mãe não se responsabilizava perante o Ministério do Trabalho pela liquidação do empréstimo», «que a fábrica estava encerrada em Portugal» e acabava dizendo «que o Governo tomasse conta dos materiais, dos equipamentos pois chegam para pagar a maior parte das dívidas».

Será que o administrador não tem dinheiro? Não! SAbemos que cada unidade fabricada (cabeça magnética) é vendida para a A.M.C. dos Estados Unidos a 165$00 e no mercado internacional o seu preço é de 5000$00. E onde estão então os lucros fabulosos que ao longo dos 4 anos que a empresa está montada em Portugal conseguiu à custa dos trabalhadores portugueses, pagando-lhes ordenados miseráveis de 1.500$00 por mês?

«Esses lucros fabulosos não estão em Portugal, nem foram investidos em benefícios do povo português, nem dos outros povos do mundo; esses lucros serviram para ajudar os governos fascistas na opressão dos povos dos seus países, foram investidos na compra de luxuosos palacetes para albergar aqueles que nada fazem além de oprimirem e explorar os trabalhadores.

«Para além destes lucros que só por si justificavam a continuação da fábrica, os trabalhadores tinham aceitado tacticamente a desistência das suas reivindicações que o patrão considerava a razão do fecho da fábrica ao mesmo tempo que o Governo concedia um empréstimo de 5.000.000$00 escudos com a garantia de ser reembolsado.

«Se a empresa tem lucros volumosos se todas as condições postas pelo administrador para que a fábrica não fechasse foram cumpridas pelos trabalhadores qual a razão desta fuga precipitada e deste encerramento da fábrica que tanto prejudica os trabalhadores? A razão só pode ser política e o próprio administrador reconhece-o ao dizer que não conseguiu o financiamento devido às condições políticas e sociais portuguesas. Na situação política complexa que o país atravessa tais manobras fazem parte do plano global do capital monopolista: contrariar o processo de democratização em curso, combater por todos os meios as conquistas alcançadas pelas classes trabalhadoras.

«Lançando os trabalhadores no desemprego, o que leva a milhares de trabalhadores e a suas famílias à miséria e à fome, o imperialismo tem como objectivo criar um clima de insegurança e de descontentamento que abra as portas a uma intervenção das forças reaccionárias e do fascismo.»

Certos aspectos e consequências da estratégia económica dos capitais estrangeiros foi inclusivamente abordada nas colunas do nosso jornal pelo dr. Eugénio Rosa, que considerou: «a partir de certa altura, as saídas de capitais para o estrangeiro, provenientes de juros, lucros e reembolsos, passaram a ser superiores às próprias entradas de capitais em Portugal. (...) Em suma, pode-se com verdade afirmar que não era o capital estrangeiro que criava novos empregos em Portugal, mas sim a mais valia criada pelos trabalhadores portugueses, de que se apoderavam os capitalistas estrangeiros, que iam criar novos empregos em outros países».

Este mesmo funcionário do Ministério do Trabalho nos informaria ser preocupação primeira daquele departamento governamental assegurar o pagamento dos salários aos trabalhadores, e posteriormente os subsídios de férias e as indemnizações por despedimento a que têm direito. Em qualquer caso é nítida a ausência de uma estratégia economica e política por parte do Governo face à actuação anti-social das multinacionais.

SOLIDARIEDADE COM AS OPERÁRIAS DA APPLIED

«Quando entrei para aqui há um ano — diz-nos a jovem operária Irene Neves — vim ganhar 950$00, e dois meses depois fui aumentada para 1055$00. Trabalhava 45 horas semanais. Agora estamos sem trabalho, sem ordenado de Julho, sem o subsídio de férias».

«Desde o contrato colectivo — afirma-nos também Maria Raquel — que o patrão começou a dizer que isto já não interessava, que Portugal já não era um país atraente. Que na Coreia (do Sul) sim, que pagavam com uma tijela de arroz às operárias...»

Neste momento as operárias da Applied Magnectics Portugal aguardam uma decisão do Ministério do Trabalho. Entretanto, iniciaram uma recolha de fundos na via pública (que na quarta-feira passada rendeu cerca de 42 contos), que nem sempre foi correctamente entendido pelas pessoas, ou porque se mostraram indiferentes ou hostilizando mesmo em alguns casos as operárias. Em 24 de Julho último os operários da Applied consideravam:

«Neste momento, temos o dever de dizer firmemente a esses grupos e a essas empresas que os trabalhadores portugueses trabalham, mas exigem remunerações cada vez mais equivalentes ao valor real do seu trabalho e exigem também, do Governo, que ponha termo aos lucros «ocultos» e abusivos que o regime anterior lhes facultava.

«E dizer isto às empresas estrangeiras é dizer isto às empresas nacionais. Porque, embora «sem quaisquer habilitações» vamos aprendendo que não há capital português e capital estrangeiro — que há sim um e o mesmo capital, sem cor, sem credo religioso, sem raça e sem fronteira» (...) — Embora se trave em muitos locais, **a luta dos trabalhadores é só uma.»**

Assim o entenderam os trabalhadores da Siemens, da ITT, da «Baptista Russo», e da General Motors, que já manifestaram a sua solidariedade enviando fundos aos operários da Applied. Assim se entendem, em toda a sua dimensão, as palavras do último comunicado dos trabalhadores da Applied:.

«Os trabalhadores da Applied Magnectics Portugal (A.M.P.) apelam para a solidariedade de todos os trabalhadores e da população em geral para atenuar os efeitos dramáticos desta atitude do administrador (os trabalhadores não receberam o mês de Julho, nem qualquer outro subsídio encontrando-se em dificuldades para pagar as rendas de casa no dia 8 ao mesmo tempo que exigem que o Governo tome medidas contra estas atitudes sabotadoras do imperialismo, nomeadamente criando empregos para os trabalhadores despedidos.

Os fundos deverão ser enviados para **Comissão de Trabalhadores da Applied Magnectics, ao c/ de Augusto Narciso Mordido, Prior Velho - Sacavém.**

PUB

Esclarecimento da Administração da Interlastex

Às 8.30 do dia 3 /7/1974 todo o pessoal desta Empresa entrou em férias, tendo recebido ordenado do mês de Julho, subsídio de férias a 100 por cento, bem como o adiantamento do ordenado de Agosto no seu total, embora os funcionários de comum acordo, tenham oferecido à Administração a sua colaboração no sentido de somente receberem o adiantamento no próximo dia 5 de Setembro, aquando do seu regresso de férias.

Serve o acima de esclarecimento e resposta ao comunicado publicado neste jornal, por pessoas a quem faltou a coragem de assinarem anotícia ou de se tornarem por ela responsáveis.

Esta Administração continua fazendo todos os esforços para que uma obra por ela começada, não sofra neste momento tão difícil para o País, uma derrocada, que a todos prejudicaria.

Parece no entanto que alguns elementos à primeira vista defensores dos interesses dos colegas, pretendem criar a confusão e cortar o diálogo, único meio viável para se chegar a uma conclusão justa.

Embora os pagamentos se encontrem em dia e o pessoal tenha correspondido .00 por cento na laboração durante o mês de Julho, as dificuldades ainda não estão vencidas, e certas notícias como as publicadas só servirão para criar a desconfiança dos nossos clientes, obrigando-os a olhar os nossos artigos com a apreensão natural, de quem ignora as possibilidades de continuidade nos fornecimentos em futuras repetições.

Mais se esclarece que o assunto está a ser tratado a nível ministerial, parecendo-nos no entanto que o mesmo se encontra num ritmo de solução tão lento, que brevemente acabará por ser ultrapassado pelas realidades.

D. Diogo de Melo e Faro Passanha

NACIONAL

livros na banca do jornalista

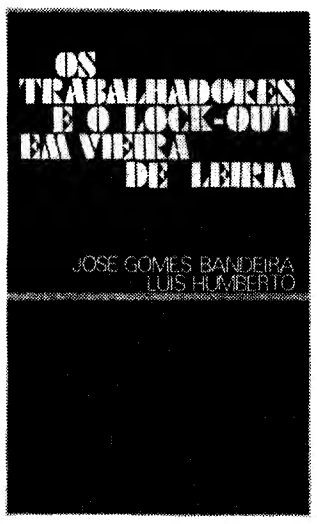
"OS TRABALHADORES E O LOCK-OUT EM VIEIRA DE LEIRIA"

Por José Gomes Bandeira e Luís Humberto

As edições «Afrontamento» acabam de publicar um trabalho da autoria de José Gomes Bandeira, nosso camarada de redacção no Porto, e de Luís Humberto, jornalista de «O Comércio do Porto», sobre «Os trabalhadores e o 'lock-out' em Vieira de Leiria».

O livro descreve-nos fundamentalmente o «lock-out» que a empresa de limas União Tomé Féteira desencadeou em Fevereiro deste ano contra os 600 trabalhadores que laboram naquela fábrica em Vieira de Leiria. Utilizando o inquérito como processo de apropriação da realidade, os autores transcrevem as palavras dos operários, não assumindo qualquer atitude crítica em relação a elas. Aqui reside, quanto a nós, a principal limitação deste trabalho jornalístico, pois se compadece (passivamente) diante da transcrição dos depoimentos recolhidos. Esta referência é tanto mais oportuna quanto se observam por parte dos metalúrgicos posições reformistas face aos problemas com que deparam na sua luta. E significativo a este respeito o facto de uma comissão de trabalhadores se ter dirigido «a casa do filho do sr. Presidente do Conselho para ver se ele junto do pai» (então Marcelo Caetano) solucionava o conflito (pág. 46); é ilustrativa de tal reformismo a esperança depositada na acção do INTP (pág. 42), como também o ilustra a quase defesa do trabalho a prémio (pág. 65), a adopção de posições liberais manifestadas pela possibilidade de aceitação das sugestões patronais, caso fossem assumidas diante das autoridades administrativas de então (pág. 48), e como igualmente se observa na defesa da autogestão pelos operários (pág. 64). E evidente que a autogestão se pode defender, enquanto a sua prática visa a manutenção de lutas dos trabalhadores. Mas no sistema capitalista a sua adopção faz diferir o sentido e objectivos da luta de classes, se não ficar circunscrita a casos muito concretos e circunstanciais. O livro foi elaborado antes do 25 de Abril, conforme se declara na nota prévia, facto que delimita a sua própria amplitude, como se depreende. No entanto, e até por isso, caberia uma atitude de distanciação em relação aos acontecimentos narrados, de molde a enquadrá-los devidamente e a retirar deles os ensinamentos possíveis.

Apesar desta objecção de princípio, o livro reune inúmeras informações, tão úteis quanto utilizáveis para uma luta do proletariado consequente, e que nos provam algumas coisas: 1) — que as greves e os «lock-out» nasceram antes do 25 de Abril; 2) — que a PIDE intervinha na tentativa de «solução» dos conflitos de trabalho a dois níveis — através da repressão e promovendo conversações como se fora o INTP; 3) — que os despedimentos colectivos em vez de abortarem com o Abril florido, registam hoje um elevado índice de natalidade — Tomé Féteira despediu 160 operários em 1971, e 200 em 1972 sem o espantalho do tão apregoado caos económico; 4) — que o salário mínimo pretendido era



de seis mil escudos, e que o Governo de então defenderia um vencimento mínimo de 3500$00 a 3800$00 (págs. 77/78); 5) — que as condições de trabalho são péssimas naquela empresa; 6) — que as habitações acessíveis aos operários são más, e as satisfatórias atingem mil escudos de renda mensal incomportável para a quase totalidade dos operários; 7) — que os empregados de escritório, directamente ligados aos serviços de administração, estavam ao lado do patronato, facto que ocorre em muitas outras empresas; 8) — que parte dos operários para sobreviverem se socorrem de outras actividades subsidiárias (pesca e agricultura) em virtude da miséria dos seus salários.

Propositadamente guardamos dois pontos para o final desta nota, cuja intenção se circunscreve ao enunciar de pistas de leitura deste trabalho. Um refere-se à acção das mulheres de Vieira de Leiria neste processo de luta que poderemos considerar exemplar, assegurando que ninguém entraria na fábrica enquanto ela não fosse aberta para todos os operários. Nem mesmo a polícia conseguiu defender os «amarelos». O segundo ponto respeita à activa solidariedade manifestada pela população local e, pelos operários de outras fábricas que não só fizeram greves de solidariedade (antes do 25 de Abril...) como enviaram fundos para distribuir pelos camaradas vítimas do «lock-out». E este facto que nos vem também demonstrar que é correcta a palavra de ordem de «um dia de trabalho para os grevistas». E que dos fundos recolhidos ainda sobejou dinheiro para futuras eventualidades, conforme declaram os operários no seu depoimento. «Os trabalhadores e o 'lock-out' em Vieira de Leiria» constitui pois um documento cuja leitura se recomenda. Uma leitura crítica.

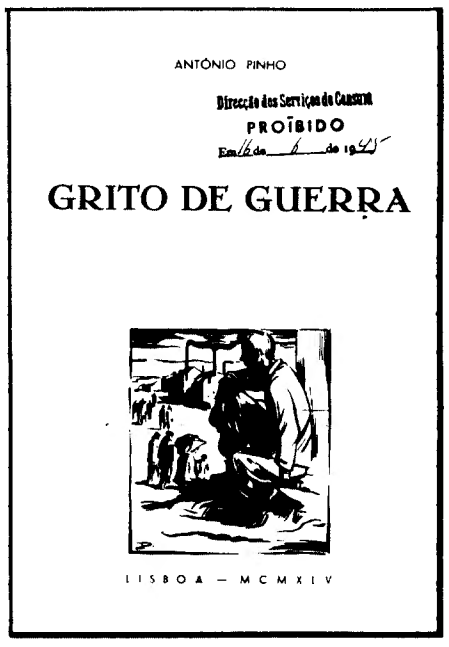
JOSÉ A SALVADOR

Com o carimbo da censura

Eis um documento histórico, que assinala bem expressivamente os crimes da repressão à inteligência e à cultura durante a década de 40. Trata-se da ordem de apreensão do livro «Grito de Guerra» da autoria do **escritor e militante político António Pinho, com o carimbo da Direcção dos Serviços de Censura e com data de 16 de Junho de 1945.**

António Pinho, que usou também os pseudónimos literários de André Varga e Mário Bravo, foi publicista, tradutor e escritor radiofónico. Entre os seus livros mais conhecidos contam-se obras de poesia como «Grito de Guerra», «Muro Transposto», de 1955 (Antologia Prémio Almeida Garrett) e «Bicho da **Terra», e ainda, em prosa «António Feijó e o Cancioneiro Chinês», «Óperas Cantadas em Portugal», etc.**

A capa do livro apreendido é de Luis Dourdil!



As pessoas provam o Ballantine por ser um Whisky famoso

Depois ficam cativadas pelo seu paladar

j.a. da costa pina, lda.
RUA DO ALECRIM, 73 // LISBOA
costa pina, & vilaverde, lda.
RUA DO BONJARDIM, 420 // PORTO

Povo livre
SEMANÁRIO DO
Partido Popular Democrático
A SOCIAL DEMOCRACIA PARA PORTUGAL
À venda o primeiro número na próxima terça-feira

ESPECTÁCULOS

UMA «MAXI» MINI-REVISTA
NUA e CRUA!
2.º MÊS
de LOTAÇÕES ESGOTADAS
TEATRO
LAURA ALVES
NA RUA DA PALMA
Telefone 864756
Interdito a menores de 18 anos
HOJE: 2 SESSÕES
20.45 e 23 horas
Domingos «matinées» 16 h.
Poema Carlos Leo, música de Manuel da Maia, Pedro Osório, Hilário Sanches, C. Castelhanos, Lanier, O. Redding, M. Vargas, J. Weiss, Sérgio Warder, M. Maqueba e José Baptista

À PAI ADÃO
FERNANDA BAPTISTA
Vitor Rosado, Maria H. Silva, Rosita Afonso e Manuel Vargas
«BALLET» INGLÊS
THE RAINBOW SELECTION
Atracção internacional
SÉRGIO e MADI
Fátima Castelar e João Callaty
os modelos Tina / Helena Sandra / Cecília
Direcção musical Hilário Sanches
PRODUÇÕES ARTISTAS UNIDOS
Direcção coreográfica de Mário Santiago
2.ª FEIRAS: DESCANSO

Teatro Maria Matos
A R. T. P. apresenta
«PORTUGUÊS, ESCRITOR, 45 ANOS DE IDADE»
de Bernardo Santareno
Todos os dias às 21.45 horas
Domingos, «matinée» às 16 horas
Segundas-feiras descanso da Companhia
AR CONDICIONADO
Bilhetes à venda
Telef. 71 70 17
Interdito a menores de 13 anos

CINEMA-ESTREIAS

LAURO ANTÓNIO

Entre a traição e a amizade

DUELO NA POEIRA
Título original: **PAT GARRETT AND BILLY THE KID.**
Realização: Sam Peckinpah, 3973 (EUA).
Intérpretes: James Coburn (Patt Garret); Kris Kristofferson (Billy the Kid), Richard Jaeckel (Sheriff McKinney); Jason Robards (Governador Wallace), Katy Jurado (Mrs. Baker), Bob Dylan (Alias), etc..
Distribuição: Filmes Castello Lopes (MGM).
Estreia: Cinema Alvalade (1-8-74).

1. Sam Peckinpah é hoje em dia, sinónimo de violência, de cenas sangrentas sadicamente filmadas ao retardador. Mas Peckinpah começou a sua carreira com filmes onde, se a violência estava presente, era a amizade, a solidariedade que triunfavam. Mesmo perante a morte. **Sobretudo** frente à morte. Estamos a lembrar-nos de filmes como **Companheiros da Morte, Os Pistoleiros da Noite** ou **Major Dundee.**

Depois, progressivamente, o seu itinerário voltou-se mais e mais para o olhar comprazido numa violência mais e mais gratuita. Um grande êxito comercial, **A Quadrilha Selvagem** (e também um grande filme que, apesar de tudo, permanecerá uma data na história do cinema), coloca-lo-á na lista dos cineastas de lucro garantido, ainda que de convívio difícil. Os produtores aceitam as dificuldades do convívio, não esquecendo que, quando for preciso, poderão fazer valer o seu poder e reduzir a silêncio o autor incómodo. Issoiria acontecer em **Pat Garrett e Billy the Kid**, último filme de Peckinpah, obra amputada pelos produtores em cerca de vinte minutos, sobretudo na sequência final, onde a sorte reservada a Pat Garrett por Peckinpah não era de forma alguma a mesma que sepode ver (antever) nas cópias postas a circular mundialmente. Segundo informações do cineasta, Garrett, na sua versão, acabava destruído pelos detentores do poder económico, os mesmos que o haviam lançado na perseguição e destruição física de Billy the Kid. Mas os detentores do poder actual nos EUA acharam certamente por demais evidentes os paralelismos e resolveram, pura e simplesmente, amputar todo o final.

2. Posto isso que importava referir, regressemos à amizade, tema a que volve igualmente Peckinpah. **Pat Garrett e Billy the Kid** é um filme sobre o fim de uma amizade, sobre uma traição. A traição de Garrett, fora-da-lei, que um dia, por dinheiro e cansaço (por cobardia, acusam alguns), resolve abandonar os seus amigos de antanho, para os perseguir a soldo dos grandes criadores de gado, que lhe pagavam ordenado chorudo e lhe espetavam na lapela a estrela de **sheriff**. Atenuados ficam ao máximo os limites entre os fora-da-lei e os mantedores da lei, uns e outros hábeis no manejo das armas, manejo esse que só o banditismo lhes conferiaem alto grau. De pistoleiro e **sheriff**, eis um itinerário de desgaste que a história e a lenda do Oeste nos dizem ter sido amiudadas vezes seguido. De uma condição a outra, apenas o ordenado garantido e a traição. As trintas moedas de Judas.

Por isso, falando de uma traição, Peckinpah nos fala afinal da amizade. Da amizade traída, da amizade que permanece nos olhos do espectador, passadas que são as imagens desta obra importante na filmografia do autor. Porque de alguma forma parece regressar ao tempo que fez dele um dos maiores de Hollywood na década de 60.

Para além disso, Peckinpah não perde um ensejo para, na linha de Buñuel, por exemplo, falar dos homens através dos animais, da sua selvática oposição (luta de galos) ou da sua imolação (tiro a galinhas semi-enterradas; lançamento de perus). Onde, contudo, a renovação se nos afigura lenta é nos processos (que são hoje já **receita**) de exprimir a violência (esses **ralentis**, aqui mais raros, mas ainda assim repetitivos, em relação a obras suas anteriores).

De qualquer forma, **Pat Garrett e Billy the Kid** é um dos melhores filmes de Peckinpah, depois de **A Quadrilha Selvagem** e seguramente um dos mais simpáticos, num plano de intenções. Um filme que justifica inteiramente a atenção do espectador.

3. Sobre Sam Peckinpah:

David Samuel Peckinpah nasceu em 1926, numa reserva de índios em Naders. É filho de um grande chefe pele-vermelha e o seu avô baptizara a montanha que comprara com o nome da família (Peckinpah Moutain).

Sam Peckinpah chegou a Hollywood em 1949, depois de ter passado a sua infância em Naders e de ter visto em Fresno os primeiros filmes. Prticipou na 2.ª guerra mundial como fuzileiro naval e manteve-se, durante 38 meses, na China. Recebeu em 1950 um diploma universitário de arte dramática e tornou-se argumentista e dialoguista de TV. No cinema foi assitente de DonaldSiegel em 1956. Em 1961, rodou o sea primeiro filme de fundo, a que se seguiu «Os Pistoleiros da Noite», logo considerado pela crítica internacional como um dos mais importantes cineastas americanos revelado durante a década de 60.

Filmografia:
1961 — «THE DEADLY COMPANIONS» («Companheiros da Noite»).
1962 — «GUNS IN THE AFTERNOON» ou «RIDE THE HIGHCOUNTRY» («OsPistoleiros da Noite»).
1964 — «MAJOR DUNDEE («Major Dundee»).
1965 — «THE GLORY GUYS», de Arnold Laven («Peckinpah assina o argumento).
1968 — «VILLA RIDES», de Buzz Kulik (Peckinpah assina o argumento).
1969 — «THE WILD BUNCH» («A Quadrilha Selvagem»).
1970 — «THE BALLAD OF CABLE HOGVE» («A Balada do Deserto»).
1971 — «THE STRAW DOGS» («Os Cães de Palha»).
1972 — «GETWAY» («Tiro de Escape»).
1973 — «PATT GARRETT ANDBILLYTHEKID» («Duelo naPoeira»).

AMIGOS ATÉ AO FIM
Título original: **Billy Two Hats.**
Realização: Ted Kotcheff, 1973 (EUA).
Intérpretes: Gregory Peck, Desy Arnaz jr., Jack Warden, Sian Barbara Allen, David Huddleston, etc..
Distribuição: Rank Filmes.
Estreia: CinemaS. Jorge (1-8-74).

Novo **western** e de novo a amizade como tema central. Desta feita um **western** tradicional, todo ele construido sobre uma perseguição. Três pistoleiros são perseguidos por um representante da lei, após um assalto relativamente infrutuoso. No assalto, contudo, os pistoleiros assassinam involuntariamente um homem. No primeiro contacto entre os representantes da lei e os assaltantes em fuga, um dos assaltantes é morto. Restam dois: um homem de certa idade (**Deans,** Gregory Peck) e um rapaz bastante novo, índio (**Billy,** Desi Arnaz jr.). Será sobretudo a amizade entre estes dois homens que ocupará a atenção e o pouco talento de Ted Kotcheff. As intenções são, portanto, boas, a morosidade evidente. Um **western** discreto, simples, sem alardes de virtuosismo, com uma dignidade artesanal óbvia.

O HOMEM DA MEIA-NOITE
Título original: **The Midnight Man.**
Realização: Roland Kibbee e Burt Lancaster, 1973 (EUA).
Intérpretes: Burt Lancaster, Susan Clark, Cameron Mitchell, Morgan Woodward, etc..
Distribuição: Sif.
Estreia: Cinema Tivoli.

Um **policial** escrito e co-realizado por Burt Lancaster para maior glória do actor Burt Lancaster. Um polícia, preso por ter assassinado um homem que encontrou na cama da mulher, é o protagonista de **The Midnight Man** que procura regenerar-se como guarda-nocturno de um liceu. Liceu onde ocorre um crime. **O homem da meia-noite** inícia então as suas próprias investigações e acaba por descobrir o conluío. Tudo é mais ou menos **já visto** em inumeráveis outros filmes do mesmo género. Se a originalidade não é a meta, o restante não chega para que se possa recomendar.

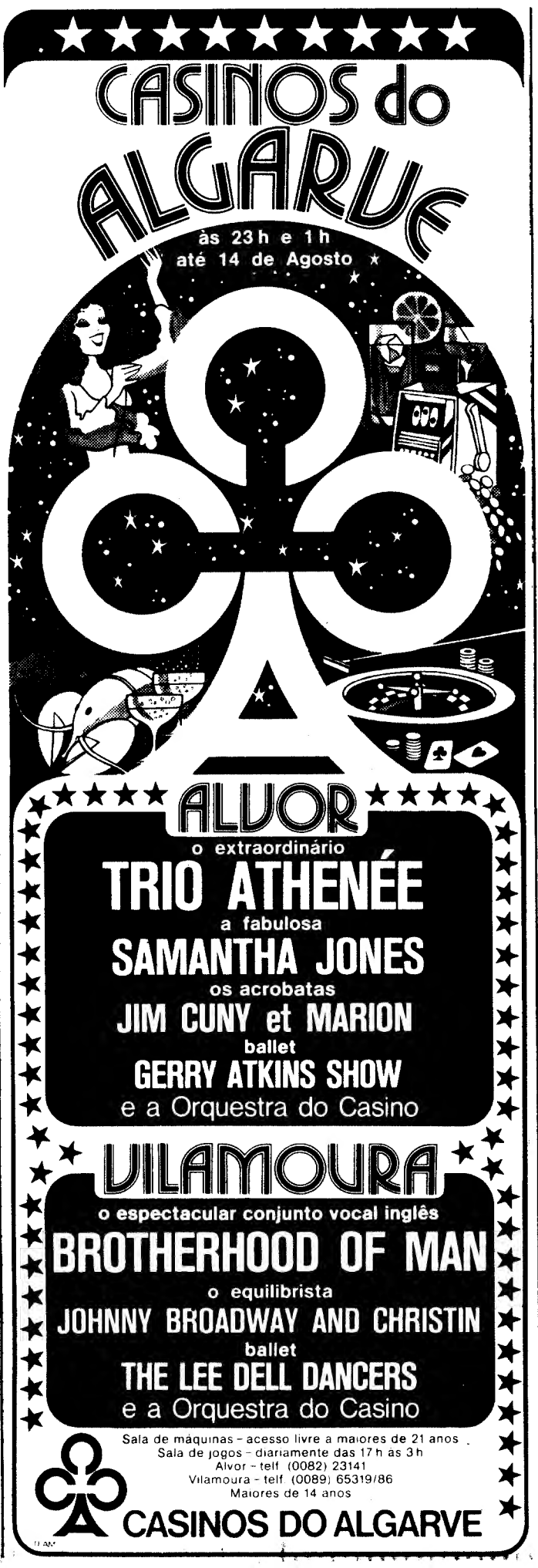
Emagreça 15 quilos

"(...) Perdi 15 quilos – e nunca me senti melhor na vida". Estas as palavras de Earl Ubell, depois de nos explicar a sua teoria para conseguir emagrecer.

Segundo este repórter americano, do seu método não constam tabelas de calorias, ou de controlo de peso, ele é apenas, uma técnica científica. É "uma técnica quase infalível, baseada no poder do espírito sobre a matéria: basta usar a cabeça para perder peso".

Leia o último número das Seleções do Reader's Digest e aprenda a manter a imaginação sob controlo consciente. E sobretudo, "nunca tenha em casa comida altamente calórica e já pronta"!

LONDRES
TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS DE ABRIL A OUTUBRO
UMA SEMANA DESDE 2.850$00!
PLEASE [illegible] LISBOA



Lindsay igual a si próprio

O «mayor» de Nova Iorque, John Lindsay, desempenha o papel de um senador norte-americano, no filme «Rosebud», de Otto Preminger, rodado em Hamburgo. Na foto, Lindsay surge-nos numa cena do filme ao lado de um dos maiores actores do mundo: Peter O'Toole.

GERAL

EM ALVEGA
A VIDA CONTINUA... COMO DANTES

Na vila de Alvega, freguesia do Concelho de Abrantes, pouco mudou — talvez quase nada — com o 25 de Abril, continuando o povo sob igual repressão à que imperava antes daquela data — informa-nos um leitor, ali nascido.

Voltado à terra, para férias, depois de 20 anos de afastamento, o sr. Cesário Pires Leitão escreve-nos pressionado pelas gentes da vila que, como diz, «vivem no medo constante que a reacção lhes provoca por meio de métodos opressivos e alienantes.»

Sede de freguesia que abrange os lugares de Concavada, Montegalego, Ventoso e Casa Branca, Alvega é dominada por grandes agricultores que chegam a negar a água a trabalhadores rurais e aos pequenos produtores. «Os demagogos opressores da terra ao serviço do fascismo — diz o leitor — tudo fizeram para que esta região se transformasse no ambiente de desolação em que a encontramos. Após o 25 de Abril — continua — as manobras da reacção não se fizeram esperar». Os que se mantinham, sob o fascismo, nos lugares vitais desta autarquia ainda aí se encontram, fazendo-se agora «os mais ardentes defensores da democracia». Estão entre estes elementos — quem nos escreve classifica-os de «camaleões» — «um médico, um médico explorador do povo, um médico para cuja actividade chamamos a atenção da ordem dos médicos, hoje constituída em sindicato, mas muito especialmente chamamos a atenção da Caixa de Previdência: este senhor — diz — tem sido opressor do povo através da sua casa do povo; para a qual o povo pede o total saneamento». Depois disto, o leitor continua mencionando um guarda-rios «que a coberto do fascismo se intitulava dono da referida casa do povo, e que estando suspenso das suas actividades, pelo Movimento das Forças Armadas, já ontem (a carta não vem datada) entrou na referida casa do povo, ao que dizem as pessoas para viciar documentos comprometedores.» Acusa ainda» um professor que apenas tem sido factor alienante das massas» e um pároco «que diz não permitir que nesta terra se realize qualquer sessão de Canto Livre, porque isso é alienante das populações e é uma heresia.» O autor da carta chama a atenção dos partidos políticos e de todos os movimentos democráticos no País, para o facto de não ter sido feito aqui qualquer movimento no sentido de democratizar a região e de a própria CDE, único agrupamento político nasede no Concelho de Abrantes, dizer a quem a ela se dirige que não é possível qualquer votação ela nunca seria considerada.»

Veiga Simão e a Democracia

NEWARK, Nova Jersia, (ANI) — «O meu desejo foi ver sempre em Portugal uma sociedade democrática, pelo que, se fui obrigado a aceitar críticas no anterior regime, melhor as aceito agora, pois acredito na verdadeira democracia, agora implantada em Portugal» declarou o prof. Veiga Simão, embaixador permanente de Portugal junto da ONU, entrevistado pelo jornal de língua portuguesa «Portugueses Times», publicado em Newark.

«A verdadeira democracia — acrescentou — ou seja o Portugal do futuro por todos nós desejado será uma realidade. Valerá a pena viver nos próximos anos em Portugal, para vivermos em democracia. Sinto-me feliz, pois os meus filhos terão a democracia que desejei».

Portugueses feridos

NOVA BEDFORD, MASSACHUSETTS, 9 — (ANI) — Um luso-americano morreu e mais quatro ficaram feridos num acidente de viação ocorrido em Nova Bedford. Os cinco foram projectados para o exterior de um automóvel conduzido por António Borges, também de nacionalidade portuguesa, que se despistou por excesso de velocidade.

Faleceu António Cabral de 49 anos, natural da Ilha de São Miguel, Açores, e ficaram feridos o próprio António Borges, de 28 anos, residente em Nort Front Street, Jaime Bernardo, de 26 anos, residente em 399 Belleville Avenue, Dionisio Oliveira, de 30 anos, morador em 75 Nash Road, e José Arruda, de 29 anos, residente em 188 Hathawai Street. Estes dois últimos foram transportados de helicóptero para o hospital de Norwood, devido à gravidade dos ferimentos.

ESTALEIROS OCUPADOS

Os estaleiros de construção e reparação naval da empresa Vaquinhas e Gertrudes, no Seixal e em Belém, encontram-se paralisados por decisão dos 160 operários que aí trabalham, a quem não foram pagos os vencimentos do mês passado. O trabalho foi reduzido a duas horas diárias e as instalações ocupadas pelos trabalhadores que, desde Janeiro, não recebem regularmente os seus ordenados, ao que entendem, por má administração da empresa. A decisão da ocupação foi tomada anteontem.

Simples caixa provoca pânico em Sete Rios

Uma caixa com a inscrição «COMANDO À DISTÂNCIA» gravada na tampa, colocou em pânico, ontem à tarde, cerca das 18 horas, transeuntes e moradores da zona de Sete Rios, mais exactamente na Rua Duarte Galvão, que pensaram estar em presença de alguma carga explosiva.

Alertadas ae autoridades, para ali se deslocou uma brigada de explosivos da P.S.P., que, após minucioso e prolongado estudo, chegaria à conclusão de que a caixa para além da inscrição nada tinha de perigosa e ofensivo.

Receiam-se acontecimentos graves em Angola

Continuação da pág. 1

Foi ontem distribuido o seguinte comunicado do Comando-Chefe das Forças Armadas, relativo a situação em Luanda:

«O Comando-Chefe das Forças Armadas informa que das 6 as 18 horas de hoje se verificaram ainda numerosos incidentes nas áreas suburbanas de Luanda.

«Assim, as 8 horas, no cruzamento das Ruas António Enes e de Francisco Newton, um grupo de africanos atacou uma viatura civil e agrediu os seus ocupantes, tendo ferido gravemente três deles. Às 8 e 30, verificaram-se diversos ataques em viaturas no troço final das ruas Francisco Newton e Brasil, de que resultaram prejuízos materiais de vulto. Às 8 e 50, na estrada da Brigada detectaram-se diversos incidentes que foram sanados pela presença das patrulhas militares. Às 9 horas, deflagraram pequenos incêndios en zona próxima do cinema N'Ia. Às 9 e 30, na estrada da Brigada, um indivíduo não identificado lançou para o interior de uma casa uma granada de mão que não explodiu. Compareceram peritos das Forças Armadas para desactivar e remover o engenho, o que foi feito sem incidentes. Às 14 e 45, no bairro Sambizanga, verificaram-se distúrbios entre grupos munidos de varapaus. Durante a tarde procedeu-se a uma ampla rusga numa das zonas mais afectadas pelos últimos incidentes, tendo sido detidos 100 indivíduos para averiguações. Destes, estão já detectados dois conhecidos agitadores que estão a ser interrogados pelas autoridades militares. Contrariamente a uma notícia difundida durante o dia de hoje, segundo a qual teria havido incidentes no bairro Salazar, informa-se que não ocorreram quaisquer actos violentos naquela zona. Os incidentes ocorridos durante o dia de hoje causaram quatro mortos, três pretos e um branco, e trinta e oito feridos, a maior parte dos quais com arma de fogo.»

MORTOS E FERIDOS

Ocasionou já 4 mortos e 16 feridos a vaga de incidentes e de retaliações que fustiga Luanda desde há três dias.

Graves incidentes voltaram a registar-se, um pouco por toda a parte, mas sobretudo na área dos subúrbios, sendo, todavia, digno de nota o facto de tanto a população branca como a negra colaborarem, de forma considerável, nas medidas de segurança, comum.

Uma patrulha prendeu dois africanos que tinham utilizado dispositivos incendiários para a destruição de duas casas desabitadas. Idênticas ameaças de destruição foram detectadas na área do cemitério novo, enquanto que, no bairro popular, elementos não identificados lançaram para as ruas objectos inflamáveis.

No «musseque» Calemba houve, além de incêndios, cenas de tiroteio, enquanto ocorreriam distúrbios junto à praça de touros. Igualmente foram disparados tiros na Avenida do Brasil.

Uma relativa acalmia da situação no Bairro do Golfe permitiu reduzir os efectivos militares para ali destacados sendo, entretanto, reforçadas as medidas de segurança em redor das instalações de tratamento de água.

Ao hospital continuaram a chegar vítimas de violências. Do «musseque» Lixeira vieram dois mortos e alguns feridos, todos civis africanos. No «musseque» Precol, foram mortos um branco e dois negros, todos civis.

Na estrada da brigada, o rebentamento de uma granada de mão causou a morte de um casal europeu.

RAJADAS CONTRA O HOSPITAL

Foi alvejado, com várias rajadas de metralhadora, o Hospital de São Paulo, onde estão concentrados os serviços de urgência da cidade.Os disparos, que se fizeram ouvir durante algum tempo,não causaram estragos, mas provocaram natural pânico entre internados e pessoal de serviço.

Por outro lado, cerca de onze «musseques» foram cenário de violência. Além dos infelizmente já rotineiros incêndios de carros e casas, verificou-se uma tentativa para forçar as portas de uma estação de tratamento de águas.

Entretanto o êxodo dos africanos faz-se já sentir na vida da cidade. As padarias estão fechadas por falta de pessoal e ameaças de destruição, bem como várias bombas de gasolina. Os serviços públicos estão, também, limitados, pois 70 a 80 por cento dos funcionários — os funcionários africanos, precisamente — pedem licença para regressar cedo a casa, receando as represálias dos agitadores.

COMUNICADO DA U.N.I.T.A.

O Comité Central da U.N.I.T.A.,distribuiuumcomunicado no qual assinala ser destituída de fundamento uma notícia vinda a lume, através de algumas emissoras de Angola, segundo a qual a U.N.I.T.A. teria de retomar o combate armado, se não fizesse perte do Governo Provisório angolano.

O referido comunicado, acrescenta: «Na nossa mensagem ao povo angolano, de 27 de Julho, na ocasião da comunicação don-Presidente da República Portuguesa quanto ao direito do nosso povo à sua independência total afirmamos com clareza que como militares viamos aproximar-se a hora do cumprimento do nosso dever. Por isso não nos move nenhuma ambição pessoal. Este tipo de declarações só pode emanar dos inimigos da U.N.I.T.A.,queserveminteresses inconfessáveis.»

Noutro comunicado, o mesmo Comité exige que se constitua uma comissão internacional de inquérito, da qual façam parte a O.N.U. e a O.U.A., os países vizinhos, o M.P.L.A., a U.P.A. (ou F.N.L.A.), membros do Governo Provisório e da Junoa Governativa de Angola, para verificar «in loco» qualquer evidência de cooperação com as Forças Armadas Portuguesas, contra os outros dois movimentos, acusações contidas na revista «Afrique Asie».

REUNIÃO EM LUSAKA

Estão reunidos em Lusaka representantes dos três principais movimentos de libertação de Angola, para tentar unificar as suas organizações.

Não foi publicada nenhuma declaração no final da primeira fase das discussões que, em caso de êxito, poderiam abrir o caminho a conversações de paz com as autoridades portuguesas.

Porém os observadores fazem notar que as negociações entre estes movimentos podem ser difíceis e demoradas.

Os mesmo observadores frisam que as divergências entre a F.N.L.A. e a U.N.I.T.A., por um lado, e o M.P.L.A., pelo outro, poderiam ser solucionadas facilmente.

CONGRESSO DO M.P.L.A.

Entretanto anuncia-se que na mesma cidade de Lusaka (transformada, pelos vistos em sede temporária dos movimentos angolanos no estrangeiro) se iniciou, ontem, um congresso, classificado de «crucial», do M.P.L.A.Crucial porque se destina a solucionar a crise de chefia do movimento, bem como outros graves em causa a eficácia prática da organização.

Várias vezes, nos ultimos dias, se anunciou a demissão de Agostinho Neto, e outras tantas vezes se desmentiu a mesma notícia. Agora tudo leva a crer que, com a realização do congresso, o assunto ficará definitivamente arrumado.

Nos bastidores do movimento, e voz corrente que o sucessor do dr. Agostinho Neto será Daniel Chipenda, antigo estudante de Coimbra e jogador de futebol da Associação Académica, homem que, ultimamente, não tem poupado os ataques ao actual presidente do M.P.L.A., verberando o seu abandono da frente de batalha, trocada pelo conforto de capitais estrangeiros, longe do campo da luta anticolonialista. Daí a expectativa que cada vez se adensa mais sobre este congresso do M.P.L.A.

José Hermano Saraiva afastado de Brasília

Um decreto com data de 10 de Julho exonerou do cargo de embaixador do nosso País em Brasília o dr. José Hermano Saraiva. Outros diplomatas afastados são os drs. Gonçalo Caldeira Coelho, até aqui embaixador em Londres, e Armando de Castro e Abreu, ministro plenipotenciário de 1.ª classe em serviço na embaixada de Santiago do Chile, colocados ambos na situação de disponibilidade por conveniência de serviço.

Entretanto o embaixador dr. José Tomás Calvet de Magalhães, que preenchia as funções de secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, foi transferido para os serviços externos e colocado na embaixada de Portugal junto da Santa Sé.

Outros movimentos diplomáticos agora conhecidos: embaixador dr. João Freitas Cruz, director-geral dos Negócios Políticos, colocado nos serviços externos; ministro de 1.ª classe dr. Fernando de Magalhães Cruz, destacado na Presidência do Conselho de Ministros e desempenhado o cargo da representante de Portugal na CEE, na CECA e no EURATOM e chefe da respectiva delegação em Bruxelas, mandado regressar ao quadro dos ministros plenipotenciários de 1.ª classe dos serviços externos; ministro plenipotenciário de 1.ª classe dr. Tomás de Melo Breyner Andresen, até aqui director-geral dos Negócios Estrangeiros do M.N.E., nomeado embaixador e secretário-geral do mesmo Ministério, substituíndo o dr. José Calvet de Magalhães; ministro de 1.ª classe dr. Carlos Augusto Fernandes, em serviço na embaixada de Haia, chamado à Secretaria de Estado; ministro de 1.ª rlasse dr. José Luís Trigueiros de Aragão, na situação de disponibilidade por conveniência de serviço, colocado no quadro dos ministros plenipotenciários de 1.ª classe dos serviços externos.

O ministro de 2.ª classe dr. António Patrício, representante de Portugal junto da O.N.U., foi mandado regressar ao seu quadro dos serviços externos. O substituto, como se sabe, é o prof. Veiga Simão.

Filantropia e caridade nos socorros a náufragos

Foi concedida, por serviços relevantes, a medalha de ouro de filantropia e caridade ao comodoro António Valeriano Gomes, ex-director do Instituto de Socorros a Náufragos. A venera é atribuída pelo Governo Provisório através do vice-almirante chefe do Estado-Maior da Armada.

Ao nível do mesmo Instituto de Socorros a Náufragos foram concedidas, sobretudo com base na campanha de assistência nas praias no ano transacto, medalhas de ouro, prata e cobre de filantropia e caridade a diversas individualidades, corporações e associações.

Entre os distinguidos com medalhas de ouro constam a Feira Internacional de Lisboa e o seu director, dr. Mário Neves, além do capitão-de-fragata Fernando Elpídio, capitães-de--mar-e-guerra José Albano Custódio e Jorge Joaquim Rocha, e capitão-tenente António de Sá Homem de Gouveia, e várias corporações de bombeiros.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria «MERGULHO», Rua de Luanda - Loja 5, c/ PAREDE

GERAL

Dizem os leitores

"A força ignorada das companheiras que se mantiveram na sombra"

. **Do nosso leitor sr. Luís de Seixas Ferreira Alves, do Porto, recebemos a seguinte carta**

«Uma invulgar coincidência entre alguns aspectos da minha vida privada e parte do depoimento prestado a esse jornal por Ermelinda Solnado Porto Oneto, sob o título «A força igorada das companheiras que se mantiveram na sombra-1», leva-me a solicitar a V. a publicação da presente carta o que, desde já, vivamente agradeço.

A referida coincidência reside nos seguintes factos:

. 1.º — Meu nome completo é Luís Seixas Ferreira Alves;

. 2.º — Minha mulher chama-se Maria Helena;

. 3.º — Estive quatro vezes preso, por actividades antifascistas, na delegação do Porto da ex-PIDE, sendo o meu nome, por essa e outras razões muito conhecido nesta cidade.

Não há, apesar do que parece evidente, qualquer relação entre a minha pessoa e os factos relatados, porque:

. 1.º — Não conheço qualquer dos intervenientes indicados no vosso jornal, a não ser de nome;

. 2.º — Nunca pertenci ou colaborei com a LUAR e, embora a actividade de resistência, anterior ao 25 de Abril, desse grupo antifascista me mereça toda a consideração, não são as minhas posições políticas, de modo algum, com ele coincidentes;

. 3.º — A minha última prisão verificou-se no Porto, em 1963, por razões «preventivas», na altura da «pré-inauguração» da Ponte da Arrábida, por Salazar;

. 4.º — **Nenhuma das minhas prisões deu origem a investigações posteriores da ex-PIDE em locais de trabalho ou residências de terceiros;**

. 5.º — As minhas relações familiares são normais e minha mulher, durante as minhas prisões e julgamento, sempre actuou com elevada consciência política.

6.º — Em Novembro de 1973, encontrava-me vivendo, como sempre, no Porto, onde desenvolvia a minha actividade profissional.

Não calcula V. a perplexidade causada pelo referido depoimento junto de sectores de opinião que me são afectos e os prejuízos políticos e morais decorrentes, já consubstanciados, neste momento, por telefonemas, nem todos agradáveis, que recebi.

Apesar de involuntária autora dos incómodos por que estou a passar, não posso deixar de enviar um solidário abraço à companheira de Fernando Oneto, cujas vicissitudes, quer eu, quer minha mulher, bem compreendemos. Aproveito para testemunhar todo o meu entusiástico e incondicional apoio ao rumo seguido pelo «Diário de Lisboa» de que, sem qualquer menosprezo por toda a equipa que V. dirige, destaco, como símbolo, esse meu velho e lúcido companheiro de leitura de todos os fins de tarde que é Mário Castrim.»

"O meu marido é alcoólico"

. «Tomei conhecimento do artigo publicado no vosso jornal sobre «Combate do alcoolismo na União Soviética» e venho, com imenso desgosto, relatar o que em minha casa se passa.

«Somos um casal novo, temos uma filhinha de 8 anos, eu e ela vivemos constantemente em pânico, pois o meu marido, todos os dias, aparece etilizado, ameaçando-me que me espeta uma faca e que me mata. Todos os dias até à hora em que ele chega, porque nunca sei a que horas vem, varia da bebida que lhe fornecem, a minha filhinha recusa-se a adormecer com receio de que o pai chegue e me faça mal.

«O que acontece no meu pobre lar, acontece também em muitos, bem sei, mas é em nome de todas as mulheres anónimas que vivem o mesmo drama que eu, que venho pedir a V. para tomar a iniciativa de organizar uma campanha como a que se tem levado a cabo na União Soviética.

«Tudo tenho tentado para combater o vício do meu marido, mas em vão. Com sacrifícios enormes tenho comprado remédios, sem possibilidades financeiras, pois despedem-no constantemente das empresas onde arranja trabalho. Porém, os remédios são postos de parte, por ele se recusar, terminantemente, a tomá-los.

«Tentei também interná-lo no Centro de Recuperação, anexo do Hospital Júlio de Matos. Foi uma tentativa frustrada. É preciso que o próprio viciado queira tratar-se, voluntariamente. Porquê?

. «Porque é que as tabernas estão abertas aos sábados e domingos e os outros estabelecimentos se fecham?

. «Porque é que se autoriza que a um indivíduo se venda vinho ou qualquer bebida alcoólica até atingir a inconsciência?

. «Porque não há sanções a este respeito?

. «Nascem crianças deformadas, atrasadas, etc., devido ao alcoolismo dos pais. No nosso país cada vez se verificam mais casos destes, sem, no entanto, existirem medidas preventivas.

«Ajude-me, sr. director, ajude-me assim como a todas as mulheres nas minhas condições a conseguir a paz nos nossos lares. O sobressalto em que vivemos (a minha filha e eu) e o infortúnio que o meu marido nos causa deu-me coragem para me dirigir a V.»

M.J.C. (Lisboa)

Cortaram-lhe a água por uma questão de 4$00!

. **O nosso leitor sr. José Rafael Luiz Bensaja dei Schiró, residente em Queijas, enviou-nos fotocópia da seguinte carta endereçada aos Serviços Municipalizados de Oeiras:**

. «Se por fascismo devemos entender sobretudo uma atitude de prepotência, exercida por uma meia dúzia acobertada por leis obsoletas e arbitrárias, em prejuízo da grande maioria dos comuns mortais,não tenho a mínima hesitação em classificar a vossa maneira de agir como tipicamente fascista, propondo desde já que a vossa estrutura seja saneada, a bem de todos.

No meu caso, que a seguir descrevo, impugno da maneira mais veemente e convicta, neste Portugal novo e democrático que nasceu do 25 de Abril, o direito de me cortarem a água com a alegação de que um recibo não foi pago nos prazos que fixam. Somos uma família de cinco pessoas que foi prejudicada nos seus mais legítimos direitos, em condições do mais puro arbítrio, por uns serviços que, se usassem para consigo próprios da severidade que usam para com os outros, não demoravam doze horas para reabrirem a água que tinha fechado: isto após cinco telefonemas, que utilizaram todos os matizes de argumentos, desde as súplicas às ameaças — uma das quais eu cumpriria se, às 23 e 45, o vosso funcionário não se tivesse apresentado em minha casa: eu próprio abriria a água, e depois os tribunais que decidissem.

Mas vamos aos factos: por descuido, porque minha mulher e eu somos empregados em Lisboa e não temos ninguém em casa, criminosamente não liquidámos o vosso recibo, no valor de esc. 22$10. Em contrapartida, vocês têm um depósito nosso (a vencer juros) que cauciona uma eventual fuga de pagamento, mas que pelos vistos serve para caucionar vinte e poucos escudos! Mas há mais: por descuido, há um bom par de meses pagámos a água em duplicado e vocês devolveram-me por vale de correio a quantia paga em excesso. Simplesmente, porque se enganaram no meu nome, o vale no valor de esc. 18$10 não pôde ser-me liquidado pelos CTT. Eu devolvi-o a esses serviços com a explicação do vosso erro: vocês emendaram o meu nome mas «abotoaram-se» com os 18$10, que eram meus e que nunca mais reavi! Portanto: independentemente da caução que depositei nas vossas mãos, ainda aí têm 18$10 meus — o que quer dizer que me cortaram a água devido a uma diferença de esc. 4$00!!! Não será isto arbitrariedade, abuso de autoridade, fascismo do mais puro? Eu afirmo que sim.

Fico, portanto, aguardando a devolução dos meus 18$10, bem como a explicação da utilidade prática da caução que aí depositei. Entretanto reservo-me o direito de dar a esta carta a publicidade que entender, pois parece-me que o tempo dos compadrios já passou e que é da vantagem de todos saberem como e quem é que emperra o processo de normalização da vida nacional, que durante tantos anos transformou o português no pior inimigo do português. Parece-me que é tempo de dizer aberta e claramente que, enquanto certos serviços da Câmara Municipal perdem tempo com preocupações desde quilate, o lixo — em tempo de Verão e de cólera se acumula nas ruas de Queijas, em contradição com a exortação feita pelos serviços de sanidade às Câmaras. É tempo que se saiba que as ruas desta localidade estão, há anos, infestadas de buracos que bastantes prejuízos causam aos carros dos munícipes contribuintes, num abandono criminoso, só parcialmente remediado nos troços por onde passou o ex-governador civil dr. Marchueta, quando aqui inaugurou a escola!

O padre de S. Pedro da Torre não faz reivindicações...

«Por julgar de interesse para conhecimento do público, neste momento em que mais do que nunca é necessário o trabalho válido e útil de todos nós, junto remeto uma circular enviada pelo pároco de S. Pedro da Torre aos seus paroquianos, acrescentando como esclarecimento que todos os serviços que os mesmos paroquianos eventualmente necessitam são sempre devidamente pagos, não tendo o pároco, homem novo, válido, com automóvel..., qualquer outra ocupação útil a não ser a recepção passiva dos seus proventos.»

A. TORRÃO (Lisboa).

Segue a circular:

«Caríssimo paroquiano: As minhas cordiais saudações. Ao enviar-te um envelope, onde vais depositar a tua oferta para cumprimento do 5.º preceito da Santa Igreja, quero aproveitar o ensejo para te dar um pequeno esclarecimento.

Todos os paroquianos, de harmonia com as suas posses, devem concorrer, sem mesquinhez, para a sustentação condigna do seu pároco.

«Esta obrigação provém do ofício do pároco, que tem de viver da sua paróquia e para os seus fregueses, desempenhando funções de gravíssima responsabilidade, expondo-se a grandes perigos, e gastando a sua vida e a sua saúde em benefício do seu rebanho. Esta obrigação é de direito natural, pois que, não podendo o pároco cumprir as suas obrigações sem a conveniente sustentação, fica na mesma condição dos operários que têm o direito de receber pelo seu trabalho um salário justo. Todo o homem tem direito a uma recompensa justa pelo seu trabalho. Negar-lha é uma desumanidade e injustiça.

«Actualmente todas as classes trabalhadoras reivindicam aumento de salários. O pároco, porém, não faz reivindicações, limitando-se a receber o que os seus paroquianos lhe queiram ofertar em ordem à sua sustentação.

«Pessoas há que fazem comparações entre as suas possibilidades económicas e as de outros, e chegam a afirmar que não pagam porque lhe estabeleceram uma quota desproporcionada. É evidente que só cada um sabe até onde chegam as suas economias. E cada um deve dar conforme as suas possibilidades, sem olhar para os outros. É um dever de consciência.

«Caríssimo (a) paroquiano (a), lembra-te sempre que o teu pároco não se ordenou para ser rico; aliás, se quisesse ser rico não lhe faltariam ocupações bem rendosas, em lugares que poderia ocupar com toda a competência em virtude dos seus diplomas de estudos. Mas não: o teu pároco ordenou-se para te ensinar a viver uma vida digna de harmonia com o Evangelho, e não pretende riquezas. No entanto, também não fez um curso de 12 anos para viver miseravelmente!...

«O pároco não exige nada além do suficiente para a sua sustentação. Porém a paróquia terá de lhe dar o suficiente para viver. Doutro modo ele terá de pôr a render os seus talentos noutros mesteres.

«Peço-te que não olhes para as ofertas dos outros, mas sim que consultes a tua consciência. É que a tua oferta não seja dada de má vontade, pois que, então, nada valeria. E se o teu pároco soubesse que fazias a tua oferta contrariado, não ta aceitaria. O teu pároco conta sempre e só com as pessoas de boa vontade».

CRÓNICA CINEGÉTICA

Por NABAIS DA CUNHA

Mais caçadores para menos terrenos

Apesar dos obstáculos com que se pretendeu impossibilitar a prática do acto venatório às camadas sociais economicamente débeis, a favor da classe rica, quer coutando quer aramando vastas extensões territoriais em parte do centro e em todo o Sul continentais, precisamente os distritos latifundiários de Castelo Branco, Santarém, Portalegre, Évora, Setúbal e Beja e parte importante do Algarve, o número de adeptos do desporto cinegético aumentado.

Realmente, em 1938 havia no continente 68.796 indivíduos de todas as classes licenciados para caçar. Dez anos após, em 1948, eram já 124.957 os caçadores legalizados; em 1953, havia 136.478; em 1958, 142.411; em 1963, 153.059 e em 1967, 167.693. No ano seguinte, porém, o número de licenças de caçar emitidas baixava para 116.387. O regulamento da caça que permitiu e proliferou o coutamento do País quer através da colocação de uma simples tabuleta considerando o terreno submetido ao regime florestal, mesmo que nele não exista um exemplar de flora que mereça essa distinção e determinando a proibição de nele caçar, o que não é verdade pois nele podem praticar-se chacinas consecutivas de animais da fauna venatória com o emprego da batida ou outro processo qualquer, modalidade de matar proprio de açougueiros que há muito deveria ter sido proíbida para proteção das espécies em todos os terrenos, mesmo coutados, e de aramados sistema campos de concentração género gestápico tão do agrado de certa gente criados pelo iniquo regulamento de 14 de Agosto de 1967, onde é também interditada a caça livremente, coutos e aramados que ocupam, nalguns concelhos do Sul, nalguns casos, mais de 60 por cento da sua área. Adicionando a esta superfície a àrea urbanizada, os caminhos, os cursos de água e outras zonas mais onde a caça ou não é permitida ou realizavel ou não existe e avalie-se a àrea que o egoismo rematado de certa gama de gente pelo monopólio, verdadeiramente escandaloso, zelosamente posto em prática pelos bem instalados nos poleiros da vida.

Em 1969, porém, refeitos dos efeitos chocantes da possibilidade conferida aos ricos de coutarem e aramarem a «terra que Deus lhes deu» de usurparem esta riqueza nacional ao Povo à boa maneira feudal, os pobres reagiram, esperançados em melhores dias, não se consideraram vencidos esperançados que a tempo se prestaria Justiça pondo termo ao furto deste secular bem comum de todos os portugueses, o número de licenças atingiu 128.829, para em 1970 ser de 136.285, em 1971 de 148.008, em 1972 de 158.914 e em 1973 atingir 174.390 tendo assim aumentado neste ano 15.476 em relação ao ano anterior e 105.594 licenças relativamente ao ano de 1938.

Simultaneamente elevava-se a quantidade de outras licenças indispensáveis à prática legal do desporto cinegético, a saber:

licenças de:

Ano	*Caça*	*Arma*	*Cão*	*Furão*
1970	136.285	128.793	126.540	4.041
1971	148.008	137.706	133.555	9.246
1972	158.914	138.331	148.824	8.656
1973	174.390	138.305	163.637	9.246

Por distritos e por licenças de caçar, de arma e de cão, respectivamente, temos, em 1973: Aveiro: 7984, 7199 e 5610; Beja: 9888, 8391 e 5954; Braga: 10.363, 7508 e 11.243; Bragança: 4952, 5146 e 3486; Castelo Branco: 5258, 4296 e 5878; Coimbra: 9254, 6930 e 7242; Évora: 9566, 10.090 e 11.591; Faro: 5955, 4308 e 5614; Guarda: 4930, 3611 e 3829; Leiria: 11.533, 8.224 e 9.265; Lisboa: 32.647, 19.443 e 27.693; Portalegre: 5.992, 5.451 e 7.821; Porto: 11.837, 7.481 e 11.309; Santarém: 15.147, 13.500 e 15.630; Setúbal: 13.991, 11.620 e 14.989; Viana do Castelo: 3.506, 2.570 e 4.009; Vila Real: 4.819, 5.869 e 3.009; Viseu: 6.768, 6.668 e 5.665, num total de 174.390 licenças de caçar, 138.305 de arma de caça e 163.637 de cão de caça.

No tocante às ilhas adjacentes temos: Açores: Angra do Heroísmo, 365, 328 e 424; Horta: 79, 186 e 2; Ponta Delgada, 952, 425 e 1.238, respectivamente caça, arma e cão. Na Ilha da Madeira - Funchal, 1.005, 460 e 868 respectivamente.

Licenças de furão, para caçar, em todo o continente 8.656 em 1972 e 9246 em 1973 no continente. 325 e 346 nos Açores e 196 e 202, na Madeira, em 1972 e 1973.

DIMINUIR O PERÍODO DE CAÇA E ÁREA COUTADA E ARAMADA

Se, como se verifica, o número de adeptos do salutar e viril desporto aumenta e a área de terreno livre diminue

Continua na pág. 12

NACIONAL

Naturais da Colónia reclamam um plenário da Casa de Macau

. A futura orientação da Casa de Macau terá que ser decidida por um plenário — afirma (e reclama) uma comissão de macaenses que também se bate pela eleição democrática dos corpos gerentes aberta a todos os naturais da colónia residentes em Lisboa. Mais reclama a comissão que «a selecção dos sócios (...) e os seus direitos não sejam proporcionais às suas possibilidades económicas».

Estes pontos são focados no seguinte texto, intitulado «Da Originalidade *Democrática* dos Dirigentes Reaccionários da Casa de Macau»:

. «Em flagrante contraste com todo o processo de democratização por que vêm passando as diversas estruturas da sociedade portuguesa e especificamente as Casas Regionais, o presidente da Assembleia Geral da Casa de Macau, general Flávio dos Santos, convocou, no passado dia 16, uma assembleia geral extraordinária de sócios, que excluiu a grande maioria de macaenses e ignorou todo um processo que desde o dia 9 de Junho tem mostrado a vontade dos naturais de Macau em definir a orientação da sua Casa.

De facto, enquanto outras Casas, logo após o vinte e cinco de Abril, convocaram todos os naturais da localidade a que se referem para revisão dos estatutos e nomeação de novos corpos gerentes, como a Casa da Madeira, por exemplo, a Casa de Macau, numa mal assimilada compreensão desse espírito, resolveu convocar exclusivamente os sócios para nomear uma comissão de revisão estatutária, sem qualquer referência a demissão de corpos gerentes.

Responderam a esta convocatória, pela imprensa e por circular, cerca de oitenta pessoas da totalidade dos 700 sócios, em que mais de setenta por cento seriam metropolitanos ligados pessoalmente aos elementos da direcção e que ali acorreram para uma vez mais lhes manifestar, com aplausos, o seu total apoio.

À hora marcada para o início da reunião, uma comissão de macaenses, dirigiu-se ao local para solicitar, através de um representante, que lhes fosse autorizado apresentar à assembleia os seus pontos de vista e esclarecer sobre o processo de ocupação. A resposta do senhor general Flávio dos Santos foi altamente «democrática»: *Não vem nos estatutos!*

. E assim, uma vez mais, a direcção da Casa de Macau ouvia alegremente os não macaenses e ignorava os macaenses, na maioria não sócios e que nos parece elementar e evidente serem os primeiros que devem ser ouvidos. E isto em nome de uma *legalidade estatutária que não deve de modo algum ser alterada e que deve ser a única via de democratização.*»

FOLHETIM

«Parece-nos estranho que as mesmas pessoas que reconhecem a necessidade de alteração dos estatutos e que para isso até convocam uma assembleia geral, se agarrem aos mesmos para excluir as pessoas que a eles se opõem.

Mais estranho ainda que no desenrolar da própria assembleia esses estatutos não sejam respeitados: no início da reunião não foi verificado se os sócios presentes estavam ou não na plenitude dos seus direitos que lhes permitisse assistir e participar na assembleia; na altura das votações não foi também verificado se votavam apenas os socios que o podiam estatutariamente fazer; as cartas de voto dos sócios ausentes não foram verificadas nem como autênticas nem como legalizadas; também a eleição que segundo os estatutos se deve realizar por escrutínio secreto, foi feita por simples levantamento de braço; e assim por diante...

Fez-se então um relato melodramático e folhetinesco da ocupação da Casa de Macau explorando todos os argumentos demagógicos de um sistema fascista de emocionar as pessoas perante imagens de destruição e de anarquia. Nesse relato esqueceu-se apenas um insignificante pormenor: a única responsável pela ocupação foi a direcção da Casa de Macau, por toda a sua actuação passada e pela sua sistemática recusa de diálogo que uma vez mais ficou patente nesta reunião.»

PRETENSÕES

«Não é de mais repetir que logo após o vinte e cinco de Abril a direcção decidiu encerrar a sede (pelo menos durante horas normais em que costuma estar aberta) e que desde o dia 9, dia da ocupação até ao dia 22, dia em que os móveis foram destruídos na resistência à entrada das forças policiais, tiveram precisamente 13 dias para se demitirem, para convocar os macaenses e para oferecer-lhes garantias de que a Casa seria de facto aberta a todos.

Se houve erros e precipitações de actuação, ninguém os contesta, mas o que houve sobretudo foi uma actuação muito coerente e esclarecida de pessoas ideológica e efectivamente ligadas ao antigo regime e que se opuseram violentemente à entrada na Casa de Macau de qualquer espírito democrático.

Os macaenses que se têm vindo a organizar no sentido de obter do Governo o direito de decidirem o futuro da sua Casa e o necessário saneamento de pessoas que não deixam qualquer sombra de dúvida, pelos seus actos, do seu carácter anti-democrático, pretendem apenas o seguinte:

. — que se realize um Plenário de todos os macaenses para decidir a orientação futura da Casa de Macau;

. — que os estatutos sejam estabelecidos dentro desse espírito;

. — que os corpos gerentes sejam eleitos democraticamente por todos os macaenses;

. — que a Casa de Macau defenda de facto os interesses da colectividade de macaenses residentes na metrópole e não somente os interesses de alguns;

. — que a selecção dos sócios da Casa de Macau e os seus direitos não sejam proporcionais às suas possibilidades económicas.

Para isto esclarem a opinião pública e solicitam o apoio de todas as pessoas que de algum modo se sintam ligadas a Macau.»

TRIBUNA LIVRE

Um futuro risonho

Por MARIA DA GRAÇA DUARTE

Quem diria, ao bater a última badalada de 1973 que este seria o derradeiro ano do fascismo em Portugal?! Que acabariam as opressões, o «paraíso» de umas duzentas famílias a quem o País «pertencia»?!

. Quem diria que 1974 havia de ficar na História como o ano do nascimento da II República, o ano da libertação de um povo por demais espezinhado e humilhado?

. Quem diria, há uns meses atrás, que findaria em 1974 uma guerra sem finalidade prática, em que se sacrificava a nossa juventude?

. Se o 25 de Abril foi o raiar de um dia que jamais pode ser esquecido, o 27 de Julho ficará como data histórica, que fez parar as palpitações de ansiedade em tantos peitos, que secou lágrimas de desespero e medo... e fez verter outras, de eterna saudade!... A declaração feita neste dia pelo Presidente da República, general António de Spínola, é o anúncio de que novas nações irão nascer: nações filhas de Portugal à imagem do Brasil, e que, já adultas, tinham o direito à sua independência.

O destino é por demais complexo e oferece coincidências que são autênticos mistérios de significação.

Veja-se, por exemplo, esta coincidência: fez precisamente no passado dia 27 quatro anos que Salazar morreu. Ele foi o responsável máximo da politicado «orgulhosamente sós» na qual no dia 27, o general Spínola desferiu o golpe fatal.

Agora que a guerra acabou, que somos livres de pensar e agir, acalmemos os espíritos e sejamos dignos dos que tudo nos deram sem quase nada nos pedirem, a não ser colaboração. Devemos portanto, mais do que nunca, homens e mulheres trabalhar com afinco e vontade, com os olhos postos num futuro que *agora* já se pode adivinhar risonho e próspero, na reorganização do nosso empobrecido País. Cabe-nos a responsabilidade de uma ajuda, que é esperada!

Já nada nos incita à revolta surda. Já não há as injustiças e, se as houver, podemos, se tivermos razão, pedir justiça, sem medo a represálias ou vinganças mesquinhas.

SENHORIOS, INQUILINOS, AVALIADORES

PROBLEMA A TRÊS COM INQUÉRITO

. «Foi sempre minha preocupação, ao falar, de uma maneira geral, nas Comissões de Avaliação» (da propriedade urbana para efeitos de inquilinato), «não as individualizar, pois que em todas as camadas sociais existem indivíduos com os seus defeitos e outros com as suas virtudes». Com este argumento de fundo defende-se o sr. Júlio de Castro, morador em Moscavide e dizendo-se representante de 5.018 chefes de família de 94 localidades do País, da acusação que lhe fez, em Junho, a comissão de Loures, por sua vez alvo, dias antes, do que considerou palavras ofensivas «da dignidade e honra» próprias.

O caso começou com uma exposição dirigida pelo alegado porta-voz dos 5.018 chefes de família ao então primeiro-ministro Palma Carlos. Aí se falava — sem especificar o caso do concelho de Loures — das Comissões de Avaliação como «submissas», tomando «sempre o partido do mais forte» (o senhorio, pelo qual «se deixam subornar») e imunes à revolta do «povo asfixiado». A situação — escrevia o sr. Júlio de Castro — assemelhava-se a um «pinhal da Azambuja», símbolo velho da ladroagem à solta.

Reagiu a comissão de Loures, composta pelos srs. Fernando Fontinha, Urbano Pires, Carvalho e Silva e Amado de Aguilar, pedindo ao prof. Palma Carlos um inquérito às suas, dela comissão, actividades. O solicitado incluía, obviamente, a audição do sr. Júlio de Castro como autor do escrito. E a comissão de Loures acrescentava:

. «Do resultado desse inquérito depende a situação em que nos veremos colocados: réus de crime que a Lei prevê e pune, e por cuja prática deveremos ser julgados; ou acusadores em processo por injúria e difamação caluniosa».

«RASTEIRA»

O sr. Júlio de Castro reagiu mediante uma nova exposição, agora endereçada ao coronel Vasco Gonçalves. Nesse segundo texto lê-se que o signatário está pronto a responder no solicitado inquérito («como quem não deve não teme, prontifico-me a responder»). Diz também osr. Júlio de Castro quenão teve nunca nada a ver «com tão incómodas e indesejáveis pessoas quando em uso do seu ofício». Os membros da comissão de Loures são igualmente taxados de «pouco imparciáveis» (sic) «funcionários avaliadores», que quereriam passar «uma rasteira» ao alegado representante dos 5.018 chefes de família.

Eis matéria que, como diz o povo, tem pano para mangas, tanto mais que o sr. Júlio de Castro se serve agora de seis relatos de outros tantos casos em que ressaltaria, a seu ver deficiente actuação da comissão de Loures. Um deles, indicando como fonte a sra. D. Maria Adelaide António Pinheiro, conta a história deum aumento de renda (20 por cento) subsequente ao pedido que a inquilina teria apresentado ao senhorio para lhe fazer obras em casa; obras que não teriam sido feitas — sublinha o sr. Júlio de Castro — apesar de D. Maria Adelaide se haver oferecido para pagar, como compensação, uma renda maior.

FILATELIA E POLÍTICA

A importância das pagelas

Por ALMEIDA SILVA

. Já é do conhecimento de muitos — mas não de todos — o papel importante que a Filatelia pode exercer sob o ponto de vista político. Essa participação pode apresentar-se de diversas e até às vezes muito variadas formas, assumindo aspectos verdadeiramente inusitados.

Diga-se desde já que, neste caso, não é só o selo que conta. Vamos hoje apresentar um exemplo concreto disso.

Alguns dias antes do lançamento de cada nova série de selos, os CTT produzem uma nota informativa denominada «pagela». Nela são reproduzidos nas suas cores naturais e em formato geralmente aumentado, as estampilhas que as compõem. Também aí figuram os carimbos de primeiro dia de circulação, alguns elementos técnicos relativos à emissão e ainda um texto explicativo da oportunidade da respectiva série.

E aqui é que está o fulcro da questão.

Essas notas que umas vezes são da autoria dos próprios serviços dos correios e outras, de entidades ligadas aos assuntos evocados nos selos, devem ser escritas com o maior cuidado.

Na verdade, as pagelas têm larga divulgação. Com uma tiragem de muitos milhares, são distribuidas a inúmeros coleccionadores e cobrem amplo leque de órgãos de Informação especializados ou não. Isto não só em Portugal mas também por todo o mundo. A sua leitura é facilitada no estrangeiro por todos os elementos das pagelas serem redigidos em português, francês e inglês. Repare-se que muitos desses órgãos informativos as transcrevem integralmente proporcionando-lhes ampla divulgação. Assim se espalha portanto o que de bom ou de mau elas contiverem.

É altura então de falarmos do texto da última pagela distribuída pelos CTT, referente à emissão comemorativa da inauguração das estações terrenas das comunicações via satélite, que foi posta a circular a 26 de Junho passado. Ao lê-lo, pareceu-nos estar de novo a viver nos tristes tempos anteriores ao 25 de Abril. O modo como o seu autor se refere em vários passos aos territórios africanos, encontra-se em profunda contradição com a forma como os nossos actuais órgãos governativos se expressam e como os meios informativos os divulgam em todo o Mundo.

Quem resolva comparar essas duas noções ficará por certo confuso ou desconfiado — o que, sinceramente, nos parece não ser nada conveniente.

Poder-se-à refutar que a citada nota já estava escrita antes de 25 de Abril.

Escrevia-se outra.

Poder-se-à até dizer que as próprias pagelas já estavam impressas antes da mesma data — o que não nos parece, por não ser habitual.

Mas mesmo nesse caso, ainda havia, sem dúvida, tempo para fazer outras.

Preferiu-se contudo adoptar outra solução: a pior.

Vamos então aguardar pelas seguintes. Outro lapso como este, revestir-se-ia de gravidade e seria absolutamente inadmissível.

"Michael Kohlhaas"

..«Michael Kohlhaas», o Rebelde é um filme de violenta contestaçao e revolta perante a injustiça e a prepotência, respirando um sadio desejo de justiça e de liberdade e interpretado por David Warner e Anna Karina.

Neste discurso cinematográfico de Wolker Schlondorff sobre a liberdade, a justiça e a opressão, Kohlhaas mostra que tem a consciência que o mal não está em si mas nos injustamente poderosos e erige-se a si próprio em juiz.

«Michael Kohlhaas» é o filme que o Império exibe pelas 18.30 na sua tarde cultural de hoje.

"Um barco para Itaca"

Termina no próximo dia 19, a carreira de «Um Barco para Itaca», de Manuel Alegre, que a Casa da Comédia apresenta diariamente às 22 horas (ao sábado também às 16).

São intérpretes: Manuela Machado, Elisa Lisboa, Jorge Vale, Paulo Simões, Virgílio Marques e Fernando Gaspar (autor das músicas).

Colaboração técnica de António Mileu e Mário Tojal. Máscaras de Inês Guerreiro. Encenação de Norberto Barroca.

Espectáculo não recomendado para menores de 13 anos.

LANZAROTE e LAS PALMAS
2 790$00
LISBOA

NACIONAL

EXCURSÕES CP

GOZE FÉRIAS EM PORTUGAL

PARTIDAS DIARIAS

Viagem nos melhores comboios (1.ª classe)

• JARDIM DO MINHO

★ Excelentes ares, excelente cozinha, paisagens encantadoras...
★ Aloj. nos Hotéis de mais categoria em Viana do Castelo.
★ Praia do Cabedelo (transporte assegurado dos Hotéis).
★ Excursões facultativas: Passeio de manhã ao grande mercado de Barcelos; Passeio de barco no Lima, com almoço-piquenique; e Passeio a Valença e a Vigo.

— Períodos de 4, 5, 8 dias e mais...
— Preços de Lisboa, desde 1.100$00.

• ALGARVE MARAVILHOSO

★ As belas praias de Lagos, Albufeira, Quarteira, Faro e Monte Gordo.

— Períodos de 2, 3, 4, 5, 7 dias e ma's...
— Preços: Lisboa, desde 580$00; Porto, desde 830$00.

FAÇA JÁ A SUA RESERVA:
LISBOA: T. 36 75 29 — PORTO: T. 5 70 61

Informações e folhetos:
LISBOA — Estações de Lisboa-Rossio e St.ª Apolónia.
» — E. G. T. — Rua do Arsenal, 124.
PORTO — Estação de Porto-S. Bento.

Lei especial para os criminosos da PIDE-DGS

-propõe a Associação dos Ex-Presos Políticos Antifascistas

Incriminação individual especial dos agentes e colaboradores da PIDE-DGS e entendimento legal da sua responsabilidade colectiva como membros de uma corporação de carácter criminoso constituem as duas linhas fundamentais dum projecto de decreto-lei entregue pela comissão jurídicada Associação dos Ex-Presos Políticos Antifascistas e que se encontra já em estudo pelas autoridades competentes.

O advogado antifascista e consultor jurídico da Associação, dr. José Augusto Rocha, que se destacou como defensor dos presos revolucionários no extinto Tribunal Plenário, enviou-nos o seguinte texto justificativo do projecto de que é co-autor e que fornece dados novos à complexa e controvertida questão da lei a aplicar aos elementos das corporações repressivas fascistas.

OS CRIMES DO FASCISMO

Sob este título, o jornal «República» de 8 de Julho último publicou um artigo do advogado Joaquim Pires de Lima que é, tanto quanto sabemos, uma primeira tentativa para informar o povo português e alertar a opinião pública — um e outra logrados por um tipo de informação que nada tem de popular — sobre os crimes cometidos por orgãos de soberania quando ou a pretexto do exercício da sua função pública.

Trata-se concretamente dos crimes cometidos pela PIDE-DGS, LEGIÃO e alguns sectores mais corruptos da Administração Pública.

Em essência, o artigo perguntava e dava resposta ao problema de saber se esses crimes devem ser incriminados e julgados com base na lei criminal e processual comum vigente ou se pelo contrário a resposta político-jurídica — que não meramente técnico-jurídica — encontraria a réplica justa numa legislação penal substantiva de excepção.

O dr. Joaquim Pires de Lima, preocupado por razões de eficácia e justiça, inclinou-se para a primeira solução, defendendo a incriminação através do artigo do Código Penal de «associação de malfeitores».

Sem pôr em causa os méritos do trabalho e considerações desenvolvidas, afigura-se que a conclusão final a que chegou o artigo não satisfaz.

Liminarmente, parece que há que distinguir entre os crimes da PIDE-DGS e LEGIÃO e os outros cometidos pelo sector da Administração Pública. Quanto a estes, pode entender-se que a lei comum pune com suficiente rigor as actividades criminosas desenvolvidas pelos seus agentes.

Já não assim quanto aos primeiros.

As provas que existem dos crimes cometidos pela PIDE-DGS e LEGIÃO estabelecem a verdadeira história de décadas de anos de vida de um regime de terror e opressão, a história de uma verdadeira conspiração policial cujos crimes são em essência os seguintes: o impedimento sistemático do exercício dos direitos políticos dos cidadãos; o recurso metódico à tortura, as sevícias e aos maus tratos nas pessoas dos presos; a devassa sistemática da vida cívica e pessoal dos cidadãos por meio de escuta telefónica; a violação continuada e organizada do sigílio da correspondência; o recurso ao assassínio.

A natureza da concepção e da preparação dos crimes assim realizados conferem às polícias e agrupamentos que os perpetraram o carácter de os perpretaram o caracter de organizações criminosas, do mesmo passo que a forma metódica, sistemática e continuada da sua realização lhe empresta uma dimensão muito especial que a legislação penal não prevê nem valora no seu conjunto criminal.

Dois exemplos para concretizar a justeza da nossa posição.

A tortura, que transformou o processo penal político em processo inquisitorial, orientado pela violência e pelo terror, em que o arguido era verdadeiro objecto de prova, não pode ser incrimanada como mera ofensa corporal. Como se sabe, à prática consecutiva desse método demonstra que a PIDE/DGS unicamente respeitava na aplicação que dele fazia os limites da morte, muitas vezes controlada pelos seus médicos que diziam: «aguenta mais». Ela submetia o preso político a dias e noites consecutivos sem dormir e fazia acompanhar a tortura de métodos adjuvantes de extermínio moral e físico pelo uso da violência física e coacção moral.

São hoje numerosos os presos políticos que não mais recuperaram a integridade física e psíquica e se sujeitam ainda a tratamentos médicos das sequelas que os diminuem.

O direito criminal comum chega para incriminar este crime hediondo que é uma verdadeira conspiração de homicídio premeditado tentado?

Um outro exemplo se pode apresentar.

Como se sabe, está amplamente documentada a devassa da vida política e íntima dos cidadãos portugueses ao longo de anos consecutivos pela escuta telefónica. Em violação flagrante da Constituição, a PIDE-DGS não só impedia o exercício dos direitos políticos dos cidadãos, como ainda entrava na esfera dos seus direitos pessoalíssimos, estendendo a escuta telefónica a objectivos bem demarcados em várias rubricas do inquérito do processo individual de escuta, tais como: «dificuldades com a família», «possibilidade de aceitação de espórtulas», «possibilidades de chantagem», «possibilidades para assustar ou deprimir», etc., etc..

Este é um outro dos aspectos sinistros da actividade criminosa da PIDE-DGS e Legião.

O direito criminal comum chega para incriminar esta actividade delituosa, que é um verdadeiro crime de chantagem contra a vida do povo português?

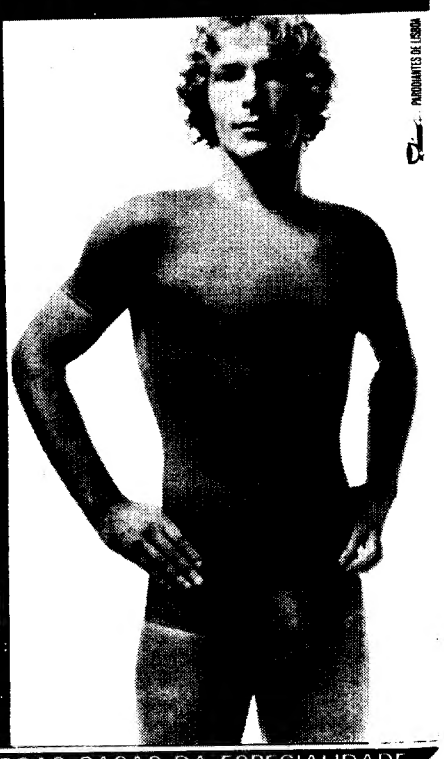
Só uma justiça popular poderia julgar estes crimes e outros, que lançaram na noite da opressão, do terror e da violência toda a vida do povo português.

Ela não foi feita e neste momento é imperioso e urgente a elaboração de uma lei especial que puna a PIDE-DGS e Legião enquanto tais, e apure rigorosamente as responsabilidades dos seus membros e agentes.

A incriminação da «associação de malfeitores» não basta, por isso a Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas já elaborou e deu a conhecer a quem de direito as bases de um projecto de decreto-lei cujas linhas de força estabelecem uma incriminação individual especial e acolhem a tese da responsabilidade colectiva ao preverem a possibilidade de o Tribunal declarar o caracter criminoso das corporações policiais ou agrupamentos. Ainda, de acordo com os princípios ou prática do direito internacional penal, esse projecto veda a atenuação extraordinária da pena e a escusa absolutória com o pretexto de obediência a ordens superiores.

HOM
o homem tal e qual é

Um sucesso constante
Em algodão ou em polyamide
Em 8 cores diferentes



CAMISOLAS E SLIPS
HOM
Importador e Distribuidor:
TECOM

A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

ESTABELECIMENTOS
M. SIMÕES JR., SARL

Informamos os n/ estimados clientes que os escritórios, armazéns e serviços técnicos da n/ Firma, se encontram encerrados de 12 a 24 de Agosto, para férias ao seu pessoal.

EXCURSÕES abreu EM AUTOPULMAN

Se está interessado numa excursão de pequena duração, (1, 2 ou 3 semanas) peça-nos o livro (grátis) "EUROPA 74".

Se prefere uma excursão de maior duração, visitando todos os principais países da Europa, peça-nos o livro (grátis) "COM ABREU O MUNDO É SEU".

EXCURSÕES abreu TRADIÇÃO NA QUALIDADE
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2

A respeito de governadores civis

Continuação da pág. 3

ras. Com o que feito, e salvo um ou outro acidental engano, onde estavam uns estadonovistas se opuseram outros estadonovistas. Aos representantes do Movimento Democrático Açoriano, nem vê-los e muito menos ouvi-los: evitou-os o delegado da Junta, como se personificassem a peste!

Em face da amostra, pergunto-me: será um homem destes indicado para governar um distrito? E que eleições, se governador vier a ser, nesse distrito se poderão fazer com vista a um parlamento democrático e não salazarista ou caetanista?

No caso concreto da Horta como, com um governador assim, se virão a esclarecer casos de prepotência e saque tão graves como, por exemplo (podia pôr muitos mais, clamorosos), o dos Serviços Florestais ou os dos aeroportos do Faial e das Flores?

Evidentemente, trata-se de um político (persisto em que apolítico) que nunca procurará esclarecer nada do (pouco) que acabo de apontar. De um político cuja vocação é deixar estar o que estava, mesmo mau. Que pode ser uma esperança para os saudosos do «bom tempo», mas que a não é para os 40 000 açorianos comuns do distrito da Horta cujo direito a serem cidadãos livres de um país livre, a um futuro digno, não é menor do que o de quaisquer outros portugueses.

Claro que, como comecei dizendo, se impõe não demorar mais a nomeação de governadores civis para todos os distritos do País. Mas também que isso se não faça sem se saber bem quem se nomeia!

P.S. — Disse que nos Açores a A.N.P. muda a face em P.P.D. A quem ouse negá-lo, aponto os casos de Ponta Delgada (dr. João Bosco da Mota Amaral — deputado até 25 de Abril) e de Angra (dr. Álvaro Monjardino — idem; eng. Leiria Gomes — ex-vice-presidente distrital da A.N.P., e Henrique Barcelos — ex-legionário e integralista». Na Horta, ainda não há, com casa posta, o dito jovem partido, que em liguagem de futebol se diz «centro-esquerda». Mas já o namoram o ex-vice-presidente da A.N.P. (eng.º Santinho Horta) e um ex-crónico presidente da Câmara (dr. Sebastião).

Querem mais? É só pedir, que se dá o recado.

NACIONAL

CASTRO DAIRE

AINDA FALTA SANEAR QUATRO JUNTAS DE FREGUESIA

CASTRO DAIRE, 9 — Das vinte e duas freguesias do concelho faltam eleger quatro Comissões Administrativas de Junta de Freguesia nas localidades de Mezio, Ermida, Ester e Gozende.

Nesta última, apesar de já se ter realizado uma assembleia popular para o efeito, teve de ser anulada em virtude de alguns «incidentes reaccionários» que se verificaram, motivados, segundo se crê, por um grupo de pessoas de Castro Daire. Entretanto, aguarda-se a marcação de nova assembleia, sendo desejo do presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal que esta se faça com a presença de representantes das Forças Armadas. Por outro lado, além do saneamento das Juntas de Freguesia há também repartições públicas onde o saneamento se impõe.

Congratulando-se com a declaração do Presidente da República sobre o direito a independência dos povos de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, o Movimento Democrático de Castro Daire enviou ao Chefe do Estado um telegrama felicitando e apoiando a decisão.

HERANÇA DO FASCISMO

O fascismo deixou uma herança terrível a este concelho. Assim, o «déficit» financeiro do Município atinge cerca de 6965 contos, tornando-se impossível socorrer as necessidades, que são muitas e urgentes, de várias aldeias do concelho de Castro Daire, muitas das quais não têm água, nem vias de comunicação. No entanto, se não havia dinheiro para melhorar as povoações ele não faltava para transportar os fascistas as manifestações a Lisboa, Porto ou Viseu.

Foi eleita a nova mesa do hospital daquela localidade e que ficou constituída da seguinte maneira: provedor, José Veríssimo Alves Moreira, escrivão, José da Silva Seixas, vice-escrivão João Augusto Oliveira e vogais, Manuel Sousa Silva Andrade, Adriano Monteiro Cardoso, Manuel Antunes Cardoso e Adriano Ferreira da Silva, aguardando-se que a nova mesa mande proceder a um inquérito conforme ficou determinado em assembleias anteriores para que o povo da terra fique elucidado da bou ou má administração que se verificara anteriormente.

Entretanto, o Movimento Democrático de Castro Daire requereu a Câmara Municipal que autorizasse a afixação de propaganda política dentro da secretaria daquela autarquia, em virtude de lá se encontrar apenas propaganda de uma facção política, afixada pelos funcionários, o que foi indeferido resultando que a referida propaganda fosse também retirada.

A exemplo de outros concelhos foi concedida a antiga sala de audiências do tribunal para sede e centro de trabalho do Movimento Democrático.

Comício em Moscavide

No campo de futebol do Clube Desportivo dos Olivais, em Moscavide, realiza-se esta noite um comício para discussão dos problemas locais e de apoio à Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Loures.

Este comício tem por objectivo a população acerca da manobra fascista de assalto a Câmara de Loures e da tentativa de expulsão dos membros da Comissão Administrativa aproveitando o descontentamento gerado no sector da construção civil pelo fim de suborno e da especulação, pelo fim da protecção que o anterior regime garantia aos construtores, comerciantes e especuladores de terrenos através das administrações das Câmaras e das Juntas de Freguesia, ao que a Comissão Administrativa actual pôs termo.

O comício que começa as 21 e 30, é convocado pelas organizações locais do P. C. P., M. D. P./C. D. E.; M. J. T., Junta de Freguesia de Moscavide, Clube Familiar Moscavidense e Atlético Clube de Moscavide.

LEIA O JORNAL motor

TAUROMAQUIA

NA MEDIDA EM QUE...

Isto de *«na medida em que...»* já passa das medidas, mas aplica-se nisto da tauromaquia nacional, em que tudo é na medida do touro e da lide que se lhe pode dar. Os de ontem, do sr. Sommer de Andrade estavam bem apresentados e deixou-se lidar o primeiro de Manuel Conde, que deu volta à arena, e os dois de José Cortes, que em ambos deu volta com os heróicos ribatejanos de Souto Barreiros que suaram para fazer investir o seu último.

Santiago Lopez foi ovacionado ao som da música e deu volta triunfal no seu primeiro, que não no outro, (que recebeu de joelhos à porta da gaiola), mas como que não se entendeu na muleta. O nosso Ricardo Chibanga igualou o granadino no seu primeiro e quase no último. A ambos bandarilhando como ele sabe. Agostinho bandarilhou os dois de Lopez e bem bregaram todos os portugueses.

Enfim, *«na medida em que...»*, o touro só morrerá depois no matadouro, inúteis seriam os ferros das bandarilhas que não melhoram, antes pioram, como dizia «Bombita». Se até os ferros dos cavaleiros podiam ser substituídos por ventosas. Então sim, não seria a nossa tourada combatida por alguns e antes exemplar por sua bondade.

EI T.P.

AMANHÃ

O QUE SERA PORTUGAL SEM AS COLONIAS. O QUE SERÃO AS COLONIAS SEM PORTUGAL.

DESENVOLVIMENTO ECONOMICO EM ANGOLA, MOÇAMBIQUE E GUINE-BISSAU
INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS NAS COLONIAS
AS MULTINACIONAIS EM PORTUGAL E NAS COLONIAS
A ECONOMIA PORTUGUESA SEM AS COLONIAS

20 PÁGINAS!

EXIJA O SUPLEMENTO DOCUMENTOS - QUE NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

sempre fixe

A SOCIEDADE IMOBILIÁRIA GRÃO-PARÁ SARL

COMUNICA

A mudança de suas instalações da Rua Castilho, n.º 50, para o prédio de sua antiga sede, Rua Victor Cordon, n.º 37, Tels. 322582 e 322583
LISBOA

MATUR

SOCIEDADE DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS DA MADEIRA, SARL

TEMOS O PRAZER DE ANUNCIAR A TRANSFERÊNCIA DOS NOSSOS ESCRITÓRIOS PARA A

AVENIDA INFANTE SANTO, 66 - F
LISBOA

OS NOSSOS PREZADOS CLIENTES E FORNECEDORES PODERÃO UTILIZAR, A TÍTULO PROVISÓRIO, OS TELEFONES DAS NOSSAS ANTIGAS INSTALAÇÕES

NÚMEROS 53 72 91 E 4 66 54

OPORTUNAMENTE ANUNCIAREMOS OS NÚMEROS DEFINITIVOS

LISBOA, 8 DE AGOSTO DE 1974.

A ADMINISTRAÇÃO

CETAME

CENTRO DE ESTUDOS E ASSISTÊNCIA EM MARKETING E ECONOMIA — MÁRIO BAPTISTA, LDA.

Informa os seus Clientes e Fornecedores de que, por motivo de férias anuais do pessoal, os seus serviços estarão totalmente encerrados no período de 12 de Agosto a 9 de Setembro.

NACIONAL

QUEM É O FUTURO GOVERNADOR DO FUNCHAL

. FUNCHAL, 9 (ANI) — O futuro governador do distrito autónomo do Funchal, dr. Fernando Rebelo, tem 54 anos e é natural de Gouveia, casado com uma professora do ensino secundário, da qual tem quatro filhos, todos estudantes.

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, com distinção, foi presidente da Academia de Coimbra, director do Teatro de Estudantes de Coimbra e director do jornal «Via Latina», também de Coimbra. Encontra-se radicado há doze anos na Madeira, onde o seu sogro oftalmologista, dr. Abel Carreira, viveu.

Exerce a advocacia e entre outras actividades foi entusiástico dirigente desportivo, ascendendo em épocas diferentes aos cargos de presidente das associações de desportos da Madeira e de futebol do Funchal.

Desde os seus tempos académicos que desenvolveu uma actividade política, particularmente no MUD, nas campanhas presidenciais de Norton de Matos e Humberto Delgado e, por último, como candidato pela oposição madeirense às eleições para deputados da Madeira, em 1969.

Vários jornais e revistas têm recebido a sua colaboração.

Coimbra

CAMPO DE TRABALHO EM ALMALAGUÊS

Cerca de 50 estudantes de várias nacionalidades (franceses, espanhóis, alemães, brasileiros e portugueses) encontram-se em Almalaguês nas instalações do Centro Social, utilizando tendas de campanha instaladas em terrenos anexos e que foram dcedidas pelas Forças Armadas de Coimbra.

Este campo de trabalho, que funcionará em dois turnos de 15 dias, visa auxiliar o povo da freguesia na reparação das estradas e caminhos que se encontram em estado deplorável. Auxiliarão ainda o povo nos serviços agrícolas e em obras tais como a construção de mais uma sala para o serviço da Telescola, uma vez que as existentes são já insuficientes.

Este campo é promovido pela GRAAL em colaboração com o Centro Social e comissão directiva da freguesia.

FESTA DA SENHORA DA GUIA

No Loreto, um dos mais populosos bairros da zona norte da cidade, vão realizar-se, a partir de sábado, os tradicionais festejos em honra de Nossa Senhora da Guia.

O programa inclui nomeadamente no domingo, procissão com a imagem de Nossa Senhora da Guia, que percorrerá o lugar, acompanhada pela Filarmónica Ançanense que também abrilhantará a missa solene, às 12 horas. Depois da procissão, que se inicia às 16 horas, haverá arraial com a colaboração de um conjunto musical e a encerrar, fogo de artifício.

Os festejos prolongam-se até quarta-feira, havendo na terça com início às 17 horas, uma tarde desportiva.

CURSO DE VERÃO

Realizou-se o último colóquio do XIX Curso Universitário de Verão, que decorreu nesta cidade, promovido pela Residência dos Estudantes da Beira.

Neste colóquio, o dr. João Morais Barbosa, assistente da Universidade de Lourenço Marques, abordou o tema «A Crise das Ideias», seguido de debate.

PROGRESSO DE CEIRA

A freguesia de Ceira, através da sua Junta de Freguesia e com a colaboração da Comissão do Centro Cultural, procura a sua valorização, com a abertura de estradas, abastecimento de água e electricidade, esgotos e ainda carreiras regulares de transportes colectivos.

Numa assembleia ultimamente realizada todos estes assuntos foram devidamente tratados, sendo dada prioridade à abertura de estradas que se espera seja uma realidade em princípios de Outubro, tendo para o efeito sido pedida a colaboração dos proprietários dos terrenos.

Quanto ao problema de transportes colectivos, um dos mais importantes, foram elaborados horários e que foram entregues aos Serviços Municipalizados, marcando-se o início das carreiras para o dia 1 de Outubro próximo.

"Canto livre" em Torres Novas

. O Movimento Democrático Português de Torres Novas leva hoje a efeito, pelas 21 e 30, o primeiro espectáculo de «Canto Livre». Nas piscinas municipais, está prevista a presença de Carlos Paredes, José Jorge Letria, Henriqueta Maia, Júlia Babo e Armando Caldas, não para tomar banho, como o local sugere e por certo convidará, mas para colaborarem em mais esta excelente iniciativa do MDP-CDE de Torres Novas.

Filme agrícola em Santarém

. De 21 a 27 do próximo mês de Outubro, realiza-se em Santarém com o apoio e patrocínio do Governo Civil do distrito, Junta Distrital e comissão Administrativa da Câmara Municipal de Santarém, o IV Festival Internacional do Filme Agrícola e de Temática Rural, este ano, sem limitações de censura.

Quinze países entraram já em contacto com a organização, e estão a proceder a diligências para uma participação. Cinco outros países, a Alemanha, o Brasil, Cuba, Dinamarca e Israel garantiram já a sua presença no certame de Santarém.

EM OITO DIAS

Trezentas viaturas furtadas em Lisboa

Informa o Comando-Geral da PSP que, no período compreendido entre as 24 horas de anteontem e as 24 de ontem, desapareceram as seguintes viaturas: BC-74-33, Morris; GI-63-13, Morris; HG-68-58, Morris; HN-87-18, Morris; IG-31-61, Morris 850; RR-51-75, Morris 1000; BI-98-21, Morris 1000; CF-53-28, Morris 1000; DH-65-07, Morris 1000; DF-47-11, Morris 1000; BC-74-33, Morris 1000; CH-39-85, Morris 1300; MO-77-70, Morris 850; LB-79-99, Fiat 124; BB-83-72, Fiat 124; MS-21-90, Fiat 124; PP-42-90, Fiat 125; CH-73-25, Fiat 128; CB-35-52, Fiat 2300; MR-76-17, Austin; ED-57-64, Austin Mini; EI-27-85, Austin 850; EL-28-72, Austin 000; FI-82-06, Austin 1000; BG-70-43, Austin 1000; EC-88-20, Citroen; ED-35-18, Citroen; FL-89-27, Datsun 1300; LC-27-61, NSU e IM-98-20, BMW.

No mesmo período foram recuperadas vinte e cinco viaturas. Cálculos feitos, entretanto, a partir dos comunicados policiais, levam-nos a concluir que, desde o início do mês em curso, já desapareceram, só na zona de Lisboa e arredores, trezentos automóveis ligeiros.

MOTIM PROVOCADO POR CABO-VERDIANOS

BILBAU (Espanha), 8 — (EFE/ANI) . Várioscabo-verdianos tripulantes do barco liberiano «Venus» provocaram um motim a bordo por questões de carácter económico.

O comandante do navio, que está atracado na doca de Galdames, fugiu para terra, assustado com a atitude dos amotinados — segundo informa «a agência do norte».

O «Venus» — barco destinado à sucata . tem uma tripulação de 32 homens de diversas nacionalidades, mas na sua maior parte gregos e portugueses. Estes pediram ao comandante que lhes pagasse em libras ou em dólares as duas mensalidades em atraso.

Com a chegada a bordo de um representante da companhia proprietária do navio foram cumpridos os desejos dos portugueses que seguiram, como os outros tripulantes, para as suas terras.

Assalto a um clube português na Argentina

..BUENOS AIRES, (ANI) . — Cerca de dez milhões de pesos velhos foram roubados, num assalto à mão armada ao Clube Português de Buenos Aires, por dois indivíduos que se intitularam a si mesmos de «guerrilheiros».

O assalto, o primeiro de que foi vítima o Clube Português em 55 anos de existência, durou meia hora e deu-se no momento em que toda a direcção do clube se encontrava reunida numa sala, enquanto noutra, três elementos dirigentes contavam o dinheiro recebido para o afretamento de um avião «charter», numa próxima iniciativa da colectividade.

Os dois assaltantes, armados de pistola e ameaçado matar qualquer oponente, recolheram as notas e os cheques em poder do segundo daqueles grupos e, levando os três elementos como reféns, penetraram depois na sala de reuniões da direcção, obrigando os presentes a despojarem-se de todos os bens de valor que tinham consigo nesse momento. Algumas das vítimas tinham, por casualidade, elevadas quantias, produto de operações comerciais efectuadas nesse dia.

O roubo foi participado, à polícia, existindo a suspeita de que os assaltantes tinham preparado o assalto há mais de duas semanas. Conta-se a este respeito, que nas duas quintas-feiras anteriores foram vistos quatro indivíduos num automóvel em atitude suspeita, perto da porta da instituição (que normalmente permanece aberta), não se tendo atrevido então ao assalto talvez por se terem realizado festas nesses dias e haver muita gente no clube.

Museu português nos E.U.A.

..FALL RIVER (Massachusets), 9 (ANI) — A «Portuguese Foundation» envida esforços para criar em Fall River um museu português, uma biblioteca portuguesa e a realização de exposições e de conferências.

Fall River conta já várias associações portuguesas tanto de beneficência como desportivas e recreativas.

Mais caçadores para menos terrenos

Continuação da pág. 8

constantemente e assombrosamente em consequência do monopólio verdadeiramente iníquo que o feudal regulamento de 1967 permite, só há, em nosso entender, um caminho a tomar para que a caça, riqueza nacional que não particular como alguns «tubarões» defendem, possa ser protegida, fomentada e defendida do seu extermínio: diminuir substancialmente as horas de caça que deve ser praticada como desporto e não como uma profissão; racionar o número de peças a abater por caçador, desaramar todos os terrenos destinados a monopolizar as espécies venatórias, que constituem bem público que não particular e descoutar, pelo menos, 50 por cento da área coutada. E fomentar as espécies cinegéticas com a instituição de reservas, fixas e volantes exclusivamente destinadas à criação e refugio da animais da fauna em terrenos do Estado, baldios e outros que para esse fim sejam comprados ou arrendados. Também a instituição de postos de aclimatação de espécies exóticas seria de tentar. Os terrenos do Estado, confiados à administração de certos organismos, como a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, Junta de Colonização Interna e outras onde caças apenas «eleitos» que ao usufruto deste bem comum dos portugueses não têm mais direito que aqueles que não são «bonitos» deverão manter-se coutados para procriação de espécies e caçarem algumas entidades oficiais, corpo diplomático, etc. A não ser, repetimos, que esse coutos continuem a ser privilégio exclusivo de alguns ilustres donatários.

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CONCESSIONÁRIA DO ESTADO

CAPITAL EMITIDO ESC. 1 250 000 000$00

SEDE EM LISBOA E ESCRITÓRIOS NO AEROPORTO DE LISBOA

É convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade para se reunir na Sede da Associação Comercial de Lisboa, na Rua das Portas de Santo Antão, n.º 89, desta cidade, no dia 30 de Agosto de 1974, pelas 10.30 horas, com a seguinte

ORDEM DO DIA

a) Discutir, oprovar ou modificar o balanço e contas, o relatório do conselho de administracão e o parecer do conselho fiscal, referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1973;

b) Pronunciar-se sobre as renúncias apresentadas pelos membros dos corpos sociais, cujos mandatos não terminaram no fim do exercício de 1973 e proceder à eleição das vagas que vierem a verificar-se;

c) Deliberar sobre a alteração ao art.º 28.º dos Estatutos;

d) Pronunciar-se, para os efeitos do n.º 3 do art.º 17.º do Contrato de Concessão, sobre a notificação feita pelo Governo para a Sociedade retomar a exploração do serviço concedido a partir da data desta Assembleia Geral;

e) Ratificar a gestão de negócios da Sociedade pela Comissão Administrativa, nomeada por despacho de 7 de Maio de 1974 da Junta de Salvação Nacional, desde 8 de Maio de 1974 até à data da realização desta Assembleia Geral.

Constituem a assembleia geral os accionistas possuidores de cem ou mais acções averbadas em seu nome com a antecipação mínima de 15 dias sobre a data da Assembleia Geral.

Os accionistas com menos de cem acções poderão, todavia, agrupar-se para perfazerém esse número nos termos do § 2.º do artigo 24.º dos estatutos.

Lisboa, 6 de Agosto de 1974.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
O BANCO DE ANGOLA
(Representado por Eng.º **António Teixeira de Sousa**)

MADEIRA
TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS, DE JUNHO A OUTUBRO
UMA SEMANA DESDE 2 500$00
DUAS SEMANAS DESDE 2 990$00
TELEFONES 58722-58785 58741 58874-58875 - LISBOA

ESTRANGEIRO

A Índia flagelada pelas chuvas da monção

. NOVA DELHI, 9 (F.P.) — Inundações catastróficas no Leste, no Norte e no Sul da Índia fizeram muitas centenas de mortos enquanto o centro do país está a sofrer uma seca desastrosa.

As regiões mais afectadas pelas chuvas torrenciais da monção são o Nordeste do Continente (Assã, Bengala, Bihar e Uttar Pradesh) e o Sul, nomeadamente o Estado de Kanartaka. Em Nova Delhi, o rio Yamuna, afluente do Ganges, ultrapassou em trinta centímetros o nível de alarme.

No Uttar Pradesh, a cidade de Gorakhour, centro dum distrito muito populoso (três milhões de habitantes)ç está ameaçada pela ruptura da barragem de Chilwa Taal. Só neste distrito há 500.000 sinistrados. Lucknow, a capital do Estado, também está sob a ameaça de ruptura duma barragem no Rapto, afluente do Ganges.

Em Assã, a leste de Bangladesh, o número oficioso de mortos ultrapassa a centena. Nove dos distritos do Estado estão sob as águas. Há quatro dias que o exército está a proceder a uma operação maciça de salvamento.

O Governo de Assã lançou um S.O.S. pedindo 10 mil toneladas de arroz e de trigo ao Estado ocidental do Pendjab, o mais rico da Índia. Há mais de 15.000 pessoas isoladas que não recebem nem comida nem água potável há quinze dias. Todas as comunicações estão cortadas entre o Norte e o Sul de Assã. A famosa reserva de animais selvagens de «Kaziranga National Park» está praticamente inundada.

Nos cinco distritos setentrionais do Bengala Ocidental contam-se dezenas de mortos, 300.000 sinistrados e 13.000 casas destruídas.

Os prejuízos causados nas colheitas estão avaliados em três milhões de dólares americanos.

O Estado de Bihar, a Ocidente do Bengala, conta mais de 70.000 sinistrados, muitas dezenas de mortos, e pediu 20.000 toneladas de cereais do governo central.

No sudoeste do continente, o Estado de Karnataka foi atingido pelas inundações mais graves desde 1923. Contam-se, oficialmente, 15 mortos, 8.000 casas destruídas e 20.000 sinistrados. Os prejuízos sofridos pelas colheitas são avaliados em quatro milhões de dólares.

Por fim, em Nova Delhi, a cheia do rio Hamuna inundou os bairros baixos da cidade. As autoridades sanitárias pediram à população para ferver a água antes de a consumir pois já foram registados muitas dezenas de casos de hepatite devidos à absorção de água inquinada.

Por outro lado, os dois estados do centro e do centro-leste da Índia estão afectados pela seca mais séria dos últimos 50 anos.

No estado de Madya-Pradesh, milhares de camponeses fogem dos campos queimados pelo sol na região de Raipur onde a fome ronda. Metade da colheita de arroz está perdida na região de Chatigarh.

Em Orissa, estado situado a Sul de Calcutá, o director do instituto de investigação sobre o arroz, declarou que se as chuvas não parassem nos próximos dias seria uma catástrofe para o estado, o mais pobre da União Indiana.

O Governo Central de Nova Delhi concedeu um auxílio de 30 milhões de rupias ao estado de Orissa.

Inglaterra: para os ricos os tributos mais pesados

. LONDRES, 9 — (R.) — O Governo britânico anunciou propostas de reforma fiscal que têm por objecto levar os ricos a arcar com fardo tributário mais pesado.

O chanceler do tesouro, Denis Healey, declarou que as medidas constituiam uma «tomada de posição há muito devida à redistribuição da riqueza».

E acrescentou: «Pelos tempos mais próximos, a grande maioria das pessoas deverá esperar pouco ou nenhum aumento do seu nível de vida. O Governo está decidido a conceder auxílio especial aqueles que mais dele carecem. Isso significa que os ricos terão de fazer sacrifícios adicionais».

Prometeu porém, o chanceler do Tesouro que os novos impostos poderão permitir mais tarde que o Governo reduza os níveis dos impostos sobre rendimento.

Healey anunciava a firme política governamental de aplicar um imposto que vai ser chamado de imposto de transferência de capital. Mas as porpostas com vista a uma taxa a aplicar à riqueza têm a forma de um documento sujeito a debate, pelo que não será anunciado durante alguns meses.

A taxa de transferência de capital tem por objectivo preencher as lacunas sempre que grandes fortunas particulares sejam herdadas de geração para geração, evitando impostos sobre heranças. Vai ser aplicada a todas as transferências de riqueza pessoal, sejam durante a vida ou por morte de uma pessoa.

Quando se processarem entre marido e mulher ficarão isentas.

A escala de impostos começará em 10 por cento na transferência de 15 000 libras esterlinas, elevando-se a 75 por cento no caso de quantias superiores a dois milhões de libras.

As propostas governamentais para um imposto sobre a riqueza significam que todos os bens individuais em excesso de 100 000 libras — incluíndo casas, acções, terrenos e quadros — ficarão sujeitos a imposto. Espera-se que este seja aplicado a menos de um por cento da população.

O limite de 100 000 libras como mínimo sujeito a imposto vai ser debatido, pelo que o Governo poderá ainda alterá-lo antes de se tornar lei. Será aplicado a qualquer riqueza, seja herdada, ganha ou recebida como prémio — no totobola, por exemplo.

Segundo disse Healey, o Governo calcula que o um por cento, a camada mais rica da Inglaterra, tem nas mãos cerca de 25 por cento da riqueza do país. O imposto sobre a riqueza eliminará estes desequilíbrios.

Em teoria, o imposto aplicar-se-ia a todos os bens realizáveis, mas provavelmente serão introduzidas cláusulas especiais para proprietários de edifícios históricos e colecções de obras de arte, de livros e de manuscritos, desde que estejam em exposição ao público.

RODÉSIA

Transferência forçada de tribos africanas

. SALISBÚRIA, 9 — (Do enviado da Reuter, Martin Dickson) — Na maior operação do seu género na Rodésia, o Governo está a transferir cerca de 50 mil membros de tribos africanas dos seus lares, no nordeste do território, assolado por guerrilheiros nacionalistas, para 21 «aldeias protegidas», com vedações e iluminadas com holofotes.

O objectivo dessa transferência é duplo: proteger os índigenas da intimidação de rebeldes nacionalistas negros e impedir que as tribos dêem aos guerrilheiros comida e abrigo, quer voluntariamente, quer devido ao emprego da força.

A operação, a que foi dado o nome de código «Overload», constitui claramente uma reacção à penetração considerável dos guerrilheiros para o Sul, vindos da fronteira Nordeste com Moçambique, o teatro principal da acção dos rebeldes.

Os índigenas que vão ser transferidos vivem todos no território tribal de Chiweshe, do qual a zona sul se estende até apenas cerca de 80 quilómetros de distância de Salisbúria, a capital da Rodésia, governada por uma minoria branca.

A concepção de aldeia protegida não tem em si nada de novo — os britânicos utilizaram-na para combater guerrilheiros comunistas na Malásia, nos anos 50, os norte-americanos agiram de maneira semelhante no Vietname, nos anos 60 e mais recentemente, os portugueses puseram em prática a aldeia para lutar contra insurrectos nacionalistas africanos em Angola e Moçambique.

Contudo, certos críticos não estão contentes com as medidas que o Governo tomou para tornar a transferência o mais fácil possível para os africanos.

O coronel Richard Atwell, comandante do exército de Salvação na Rodésia, afirma que «homens, mulheres e crianças, com os seus bens, têem sido transferidos para savanas desertas, em determinadas áreas, sem abrigos, água e facilidades sanitárias adequadas».

O dr. Pat Hill, médico em Chiweshe, queixa-se de que a forma como seres humanos são transferidos para uma dessas aldeias se assemelha a «escolher animais e a mudá-los de uma pastagem para outra».

Esses funcionários declararam ainda que a reacção dos índigenas à transferência forçada — descrita por um deles como uma experiência muito traumatizante — tem variado enormemente.

Afirmam que ao longo da fronteira essa reacção não foi boa, pois nessa região os indígenas tem sofrido, muito devido à actuação dos guerrilheiros nacionalistas.

Quanto a certos aspectos materiais, os aldeões viverão melhor visto muitos deles conhecerem pela primeira vez as vantagens da água corrente e haver planos para electrificar as áreas onde vão habitar Esses planos visam tanto propósitos domésticos como razões de defesa.

«Se pudermos tratar correctamente disto e ajudar essa gente a resolver o problema de se ajustar ao novo modo de vida, não penso que o plano vá criar objecções desnecessárias», declarou um alto funcionário. «Contudo, se não os auxiliarmos o projecto poderá voltar-se contra nós». — (R.)

ESCRAVATURA

DAR ES SALAM, 9 (F.P.) — Um advogado sul-africano expulso do seu país em 1971, Joe Carlson, acusou ontem na comissão dos direitos do homem na ONU, o regime sul-africano de impôr aos negros um tratamento próximo da escravatura.

Carlson sublinhou que os negros, na Africa so Sul, eram maltratados, muitas vezes torturados, trabalhavam por salários de miséria, e pouco beneficiavam da protecção dos tribunais.

«Quanto mais numerosos são os investimentos brancos na África do Sul mais os negros sofrem, ao passo que os brancos lucram», sublinhou ontem perante a comissão que realizou a sua última reunião em Dar-es-Salaam.

O advogado sul-africano, de 48 anos, sublinhou que perto de 90 mil negros sul-africanos se encontram presos, o que constitui, acrescentou, a população penal mais elevada do mundo.

Se as pressões sobre o Governo sul-africano fossem mais importantes e se o auxílio aos combatentes da liberdade fosse mais substancial, o regime racista da Africa do Sul modificaria a sua política de Apartheid», disse.

"Desconfiem de Kissinger"

TELAVIV, (F.P.) — O prof. Hans Morgenthau, autoridade mundial no domínio das relações internacionais e um dos professores de Kissinger, declarou numa conferência que Israel devia desconfiar da «política nefasta» do actual chefe do Departamento de Estado.

Por seu turno, o rabino Fabian Schoenfedd, chefe da comunidade ortodoxa americana declarou numa conferência de Imprensa: «desconfiem de Kissinger e da sua política de desanuviamento, que é fictícia. Israel deve ter a coragem de lhe dizer não».

Morte de um jornalista em Chipre

....NICÓSIA, 9 (F. P.) — Dez jornalistas dirigiram-se ontem em 4 automóveis à estrada Lapithos-Vassilia, a ocidente de Kyrenia, onde se travavam combates. Num cruzamento, os automóveis imobilizaram-se, pois o condutor do primeiro carro viu que a estrada estava minada.

Ted Stodard, da B. B. C. saiu, mas pisou uma mina e morreu pouco depois, na estrada. «Foi então que ouvimos explosões surdas e o crepitar das metralhadoras turcas, conta Ian Walker, enviado especial do jornal «Sun». Os pára-brisas dos carros voaram em estilhaços. Simon Drings que correu a abrigar-se, saltou sobre outra mina. Não voltou a ser visto, mas deve ter sido transportado para o hospital militar turco de Boghaz».

«Tentámos retroceder conta Ian Walker, mas uma das rodas da frente do meu carro ficara pulverizada por um obus. No banco de trás, Cristopher Morris, ensanguentado gritava: «Ajudem-me, ajudem-me, por favor». Entrámos para o segundo carro. Ao volante, Simon Drying, do New York Times apertava o estômago. Fora atingido por diversos estilhaços. Mesmo assim, tentou conduzir, mas desmaiou alguns instantes mais tarde.

No terceiro carro, Paul Rock, fotógrafo da «Associated Press» fora atingido por várias balas no peito, nas pernas e num olho.

Juan de Onis, também do «New York Times» indica que os dois carros que conseguiram voltar para trás cairam, imediatamente, nas linhas cipriotas gregas: «Deram-nos logo uma ambulância e levaram-nos para o hospital de Nicósia». Juan de Onis ficou ligeiramente ferido no pulso direito.

COMUNICADO TURCO

ANKARA — O Estado-Maior general turco fez distribuir pelo seu serviço de Imprensa um comunicado declarando que o incidente que provocou a morte de um jornalista estrangeiro em Chipre foi provocado por minas gregas.

«Na manhã de 8 de Agosto, uma coluna de automóveis, vindos de Vassilia e aproximando-se das linhas turcas provocou a explosão de minas colocadas pelos gregos no sector turco.

«Dois automóveis foram atingidos e um dos jornalistas foi morto enquanto outros dois ficavam feridos.

«As autoridades turcas não tinham sido avisadas de que os jornalistas estrangeiros iam fazer essa deslocação» conclui o comunicado.

ESTRANGEIRO

NIXON DESPEDE-SE DOS AMERICANOS:

"Tenho de colocar acima de tudo os interesses dos Estados Unidos"

WASHINGTON, 9 (R/FP/ANI) — Quando o presidente Nixon abandonar hoje ao meio-dia (17 horas em Lisboa) a Casa Branca, transferindo os seus poderes para o vice-presidente Gerald Ford, cai o pano sobre um dos maiores dramas da política americana, que durante 5 semanas decorreu perante o espanto, a angústia e a frustração de milhões de americanos, os quais esperam agora que o novo presidente consiga retirar o país do pântano em que foi lançado pelo escândalo Watergate.

Num breve discurso de 17 minutos transmitido ontem à noite pela televisão, Nixon disse que saía sem ressentimento para com aqueles que contribuíram para a sua queda e pediu ao povo americano que se una em torno do novo presidente.

Nixon descreveu a agonia que para ele constituíu a luta interna que travou antes de se decidir a abandonar a presidência, que ocupava há cinco anos e meio.

«Nunca gostei de desistir. Abandonar o cargo antes de completar o mandato é uma coisa que me repugna profundamente mas, como presidente, tenho de colocar acima de tudo os interesses da América.»

Nixon, que entra para a história como o primeiro presidente dos Estados Unidos forçado a apresentar a demissão, não fez recriminações nem atribuíu a situação em que se encontra à perseguição dos seus adversários políticos, como alguns observadores esperavam.

A sua atitude de recomendar uma transição de poderes sem sobressaltos e o facto de não ter feito ataques ou recriminações para justificar a sua saída foram recebidos com agrado pelo Congresso.

O presidente admitiu ter procurado por todos os meios cumprir o seu mandato até final, mas compreendeu que depois de ter revelado na segunda-feira que conhecia as tentativas de encobrimento de Watergate muito antes da data que anteriormente mencionara, a sua base de apoio político desmoronou-se, não lhe permitindo continuar à frente do Executivo.

Ao abandonar voluntariamente a presidência, em vez de aguardar a decisão de impugnação do Senado, Nixon conserva o direito a uma pensão de 60 mil dólares anuais mas, por outro lado, como simples cidadão particular, arrisca-se a ser demandado criminalmente por obstrução à Justiça, caso não consiga obter uma imunidade especial.

«UM MOMENTO MUITO TRISTE»

«É um momento muito triste e ao mesmo tempo muito reconfortante», escreve o «Washington Post» num editorial consagrado à demissão do presidente Nixon. Mas, acrescenta o jornal «por cataclismático que seja este desfecho e os acontecimentos que a ele conduziram, não podem, de nenhum modo ser interpretados como constituindo toda a história da presidência de Nixon. Encontram-se muitas realizações positivas dignas de relevo e de serem analisadas, e também muitos insucessos substanciais que se podem ver pelos erros particulares que provocaram a saída de Nixon».

«Na história americana nunca houve semelhante falta de firmeza a um nível tão elevado», afirma o editorial.

O «New York Times» escreve: «A demissão de Richard Nixon, é um fim trágico da história sórdida de abuso de poderes pela presidência». Mas a presidência de Nixon teve os seus aspectos positivos «sobretudo no domínio dos Negócios Estrangeiros. Ao contrário, a política interna tem pouco que a recomende».

«NIXON MERECE AS NOSSAS ORAÇÕES»

O reverendo Billy Graham, o evangelista muitas vezes recebido na Casa Branca durante a presidência de Richard Nixon, publicou ontem à noite, uma declaração afirmando que o presidente cessante «merece as orações mesmo dos que se sentem traídos e abandonados».

«Considerá-lo-ei sempre como um amigo pessoal. O seu desgosto deve ser quase insuportável», declarou.

«O MELHOR QUE PODIA ACONTECER»

«A demissão do presidente é o melhor que podia acontecer à nação» declarou o senador Edward Kennedy.

O senador republicano Edward Brooke, um dos primeiros correligionários políticos do presidente que pediu a demissão de Nixon, disse: «Ford é capaz de reduzir a inflação e melhorar a economia, assim como continuar a política externa de Nixon-Kissinger, e nenhum democrata conseguirá derrotá-lo nas eleições de 1978 porque o país lhe ficará agradecido».

O senador republicano Charles Percy declarou por sua vez que o seu partido poderia ressentir-se se Nixon não apresentasse a demissão.

«O futuro do Partido Republicano não é Nixon, mas Nixon teria sido um problema grande se não se afastasse. Assim, por sua própria decisão, o problema foi minimizado.»

O congressista Robert McClory também republicano, observou:

«Agradeço a Nixon a sua resolução. Creio que a pessoas deixarão agora de pensar nos malogros da sua presidência e que a sua imagem de líder mundial será restabelecida».

POSSÍVEL INCRIMINAÇÃO

WASHINGTON, 9 (R.) — O dr. Leon Jaworski, procurador especial no caso Watergate, afirmou, ontem, à noite, que não estabelecera qualquer acordo com o presidente Nixon.

Essa afirmação fez surgir a possibilidade do presidente poder ser incriminado como um cidadão particular de obstruir a justiça.

«Não houve qualquer acordo ou ajuste fosse de que género fosse entre o presidente ou os seus representantes e o procurador especial relacionado de algum modo com a sua demissão» disse o dr. Jaworski numa declaração oficial.

O procurador especial prosseguiu: «O gabinete do procurador especial não foi solicitado para firmar semelhante acordo ou ajuste.»

Acrescentou que, embora fosse informado da decisão do presidente antes dele proferir o discurso anunciando a sua demissão, o seu gabinete não participará de qualquer maneira nessa resolução.

Na passada segunda-feira, Nixon publicou a transcrição de uma gravação da Casa Branca, datada de 23 de Junho de 1972 seis dias depois do arrombamento no complexo de escritórios Watergate revelando que estivera envolvido no encobrimento do caso.

NIXON E GOEBELS

De tudo o que as gravações e outros documentos revelados pelo escândalo Watergate, nos mostraram uma frase retive-a nestes últimos dias. Ela caracteriza bem o personagem que ocupou a Casa Branca durante estes últimos anos. Ela evidência os perigos a que todos estivemos sujeitos, pois, como se sabe, os Estados Unidos são ainda o mais poderoso país do mundo.

Disse Nixon um dia ao seu colaborador Bob Haldemann:

«Isso das artes é coisa de judeus e esquerdistas».

Desta frase a uma outra que se celebrizou na boca do homem da propaganda de Hitler, Goebels «quando ouço falar em cultura, puxo logo da pistola» vai apenas o passo, pequeno, que medeia entre a força totalitária do nazi e o pequeno controle a que Nixon se julgava sujeito.

A ideologia que se encontra por de trás de ambas as afirmações é exactamente a mesma e tem custado a vida a milhões de homens.

Afinal a democracia americana, a que elegeu de forma esmagadora um homem como Nixon, veio a mostrar que ainda era capaz de rejeitar os corpos incómodos.

Mas não nos enganemos: foi a incomodidade que se afastou, a essência do Estado e das instituições é exactamente a mesma. De futuro ter-se-á mais cuidado na escolha para que não sucedam coisas desagradáveis como Watergate. Mas Watergate é secundário...

A. VILLAVERDE CABRAL

Alívio e tristeza do cidadão comum

NOVA YORK, 9 (FP) — O público americano acolheu com alívio, mas para muitos também com tristeza, a anunciada demissão do presidente Nixon.

Nas casas, como nos bares e restaurantes, fez-se um grande silêncio quando o presidente apareceu na tela, silêncio que durou os dezasseis minutos do discurso presidencial.

O fim do discurso foi recebido com aplausos.

Em Times Square havia a multidão habitual, muitos negros ou turistas, aparentemente indiferentes aos letreiros luminosos em que se anunciava sem descontinuar a demissão do presidente.

Em Washington havia centenas de jovens em frente da Casa Branca, de resto para celebrarem o acontecimento.

Depois do discurso, uns comentários iam do «é um burlão, mas há mais» a' «toda a gente se engana».

Muita gente não gostou que o presidente tivesse resultado pesar algum e acharam arrogante a sua atitude. Mas a impressão geral de alívio foi a principal. O caso já durava de mais, tendo feito perder demasiado tempo a toda a gente e ao país, numa altura em que se acumulam os problemas económicos.

À irritação e ao cansaço sucede a esperança de que tudo vai voltar ao normal nos negócios públicos dos Estados Unidos.

O primeiro presidente a demitir-se

WASHINGTON, 9 (F.P.) — O presidente Nixon é o primeiro chefe de Estado americano que se demite.

Dos trinta e seis presidentes que o precederam, vinte e oito exerceram a totalidade dos seus mandados. Dos restantes oito, quatro foram assassinados: Abraham Lincoln, James Garfield, William McKinley e John F. Kennedy. Quatro morreram de morte natural durante o exercício das suas funções: William Harrison, Zachary Taylor, Warren Harding e Franklin Roosevelt.

Abe Lincoln foi morto por um fanático sulista, em 1865, quando o país começava a curar-se das feridas da longa guerra civil. Em 1881, Garfield foi assassinado por um homem a quem tinham recusado um emprego público. Vinte anos mais tarde um anarquista matava McKinley. Finalmente, a 22 de Novembro de 1963, em Dallas, Lee Harvey Oswald mata John Kennedy.

MILHÕES DE TELESPECTADORES

WASHINGTON, 9 (UPI-ANI) — Mais norte-americanos acompanharam na televisão a demissão do presidente Nixon que a chegada do primeiro homem a Lua, segundo anunciou um informador da «National Broadcasting Corporation».

A emissora calcula em 30 milhões o número de norte-americanos que seguiram a mensagem de 16 minutos de Nixon pelos três canais comerciais e o canal de televisão pública.

A transmissão da chegada do primeiro homem à Lua, em 20 de Julho de 1969, teve um total calculado em 125 milhões de telespectadores norte-americanos.

PARTIDA PARA A CALIFÓRNIA

WASHINGTON, 9 (F.P.) — Soube-se na Casa Branca que o presidente parte hoje pelo meio-dia local (17 horas de Lisboa) para a Califórnia, acompanhado da família.

Os Nixon partem no momento em que a demissão se torna efectiva e Gerald Ford se instala na Casa Branca.

Acompanhado por sua mulher Pat, pelas suas duas filhas Júlia e Tricia e seus maridos, o presidente seguirá para a Base Aérea de Andrews nos arredores de Washington, donde costumava partir para as suas viagens ao estrangeiro ou pelos Estados Unidos.

Nixon viajará num avião da frota presidencial que o deporá seis horas depois no seu retiro de S. Clemente na Califórnia.

quer viver as férias da sua vida?

Percorrer os mais belos itinerários da Europa? Fazer turismo com qualidade internacional? Essas são as férias que Claras lhe oferece. Para viver dias de sonho como merece e precisa. Inscreva-se já. Porque há muitos que têm o mesmo desejo de viver férias de sonho. Com Claras

Rias Encantadas
3 dias 1600$00 15 Ago 13 Set

Fim-de-Semana em Sevilha
3 dias 1350$00 15 Ago 13 Set

Espanha Histórica
9 dias 2700$00 17 Ago

Andaluzia de Sonho
7 dias 3450$00 11 e 25 Ago 1 e 15 Set

Além Pirinéus
9 dias / 4950$00 10 e 31 Ago 7 e 21 Set

Marrocos Imperial
9 dias / 5500$00 17 Ago 14 e 21 Set

Magia de Marrocos
14 dias 7750$00 1 Set

Moinhos da Holanda
16 dias 10 550$00 10 e 24 Ago 7 Set

Paris-Londres
16 dias 10 550$00 10 e 24 Ago 7 Set

claras
Turismo com qualidade internacional
Av. Fontes Pereira de Melo, 33 Tels. 56 00 15 - 56 34 51 Lisboa

SUBARU

O AUTOMÓVEL CUJA CONCEPÇÃO GARANTE UMA ESCOLHA EXCEPCIONAL

PODE APRECIÁ-LO, DESCOBRINDO-LHE AS QUALIDADES, A PARTIR DE HOJE E ATÉ AO DIA 31, DAS 9 ÀS 24 HORAS, NA EXPOSIÇÃO QUE A **DARGAUTO, STANDCAR** VOS OFERECE, COMO CONCESSIONÁRIA, NA
ESTRADA DE BENFICA, 707-A EM LISBOA

EXCLUSIVO

A papoila turca e a ajuda americana

A decisão da Turquia de autorizar de novo a cultura da papoila dormideira suscita o vivo descontentamento do Governo americano. Ao cabo de dez anos de negociações e de pressões diversas, Ancara havia aceite, em 1971, interromper a produção no ano seguinte. A interdição tinha, na época, enchido de contentamento os responsáveis americanos.

Enquanto que o Irão, após treze anos de política antipapoila, acabava de autorizar os seus camponeses a retomar, sob controlo, a cultura do estupefaciente, tendo as autoridades chegado à conclusão de que o engodo pelo ganho, nas regiões particularmente deserdadas, continuava a ser mais forte do que o medo da pena capital em que incorria o cultivador clandestino. A partir de 1971, 12.000 hectares foram semeados, o que corresponde ao dobro do ano anterior. A rápida extensão das zonas cultivadas devia vir a tornar o controlo cada vez mais ilusório. A América, que conta várias centenas de milhares de drogados (quarenta mil heroinómanos somente na cidade de Nova York), tinha de sofrer as consequências. A maior parte da heroína introduzida, de contrabando, nos Estados Unidos, provinha precisamente do Irão e da Turquia, e transitava geralmente pela França.

Para incitar Ancara a interditar a cultura da papoila dormideira, Washington tinha oferecido, à guisa de compensação, 37,5 milhões de dólares, uma parte dos quais (15 milhões) iria directamente para a tesouraria turca, ao passo que o restante serviria para indemnizar os cultivadores. No entanto, por motivos que se ignoram, o governo americano não manteve a sua palavra, a acreditar na imprensa de Ancara, visto que não entregou até agora senão 8 milhões de dólares (16 milhões de dólares segundo uma comunicação da Agence France Presse, proveniente de Washington). As indemnizações oferecidas por vários outros países e diversas organizações internacionais também não compensaram a falta de ganhos de uma massa camponesa miserável, que sofre o aumento dos efeitos da inflação mundial e os efeitos de uma crise económica local.

Bulent Ecevit, primeiro ministro turco, fiel à sua política tendente a reforçar a «independência nacional», considerou, sem dúvida, que o seu país não podia continuar a assumir sacrifícios que lhe eram solicitados pelo seu aliado americano. Tanto menos quanto é certo que o chefe do Partido Republicano do Povo procura, sem dúvida, alargar as bases populares da sua formação nos campos, em especial nas províncias que cultivam tradicionalmente a papoila, e onde a oposição conta numerosos entusiastas.

Ecevit passa, sem dúvida, a correr um risco: o governo americano, sob pressão do Congresso, poderia vir a decidir medidas de réplica. O porta-voz do Departamento do Estado anunciou já, na terça-feira 2 de Julho, que o saldo das indemnizações prometidas não será entregue à Turquia, acrescentando que, «de momento», não há razão para interromper o auxílio militar e económico, considerável, que Washington fornece a Ancara.

Uma tal medida parece, no entanto, improvável. A Turquia, membro da aliança atlântica, é um aliado demasiado precioso no Mediterrâneo Oriental para que os Estados Unidos possam entrar numa prova de força que teria consequências políticas imprevisíveis.

O mau humor manifestado por Washington relativamente a Ancara é, talvez, exagerado. A retomada da cultura da papoila dormideira não modificará profundamente a situação da toxicomania nos Estados Unidos; a corrente de tráfico proveniente da Europa decresce à medida que se desenvolve o «filão extremo-oriental», que encaminha através do Pacífico uma parte das 700 toneladas da produção opiácea do «triângulo de ouro» da Birmânia e do Laos. Não obstante, o problema do controlo internacional da utilização de estupefacientes continua de pé. («Le Monde»).

República Democrática Alemã

25 ANOS DE DESENVOLVIMENTO DE UMA NOVA CULTURA SOCIALISTA

Por KARL-HEINZ SCHULMEISTER
(«PANORAMA D.D.R.»)

Na República Democrática Alemã surgiu uma nova cultura socialista nacional, que representa os resultados criadores atingidos em quase trinta anos pelos operários, camponeses cooperativistas e intelectuais, conduzidos pela classe operária.

Depois da libertação do fascismo, o povo trabalhador, especialmente a classe operária, rompeu definitivamente com o passado político e económico no território da RDA, estabelecendo, de maneira totalmente nova, as bases da vida social. Desta forma, criaram-se também as premissas para uma renovação mental do povo. O privilégio de instrução das antigas classesdominantes foi liquidado. Os teatros, museus, clubes e casas de cultura, todas as instituições de ensino e cultura abriram as suas portas a todos os que criam as riquezas do povo. A ideologia e a cultura da classe operária desenvolveram-se, tornando-se um factor decisivo da vida intelectual.

A CULTURA DO POVO

Com a fundação da RDA, há 25 anos, a renovação democrática tomou uma firme forma estatal. Os sonhos dos melhores representantes progressistas tornaram-se realidade. Desta forma, surgiu um estado que se manifesta em prol da paz, um estado cuja característica é o humanismo real.

Poucos dias depois da fundação da RDA, Johannes R. Becher, uma das mais importantes personalidades da literatura alemã e internacional, enalteceu o acontecimento, ressaltando que agora existem todas as condições que possibilitam livres realizações de todos os seres humanos que trabalham intelectualmente. A liberdade e o humanismo conquistaram o poder e a razão está para se tornar o poder. «O ser humano alemão» relatou Becher «com a fundação da República Democrática Alemã, alcançou a superior forma de vida na sua história. Surgiu um estado que é um estado livre e um estado de paz, um estado humano, um estado dos seres humanos».

A cultura socialistas é uma cultura do povo. Os trabalhadores tomam posse das obras culturais. Criam as condições necessárias para uma atmosfera criadora, para uma modalidade de viver cultural. São os promotores da nova cultura e os aliados dos artistas.

É uma característica da nossa vida que as necessidades e interesses culturais dos trabalhadores crescem permanentemente. Testemunha-o o número cada vez mais elevado de visitantes dos museus, exposições artísticas, clubes e casas de cultura. 27 por cento do total da população aproveitaram, no ano passado, as cerca de 8 000 bibliotecas existentes.

Mais de 2 milhões de cidadãos frequentam anualmente os 12 teatros da República. A participação de mais amplas camadas da população na discussão sobre obras artísticas desenvolveu-se, para formar a vida intelectual e cultural.

Actividades folclóricas múltiplas enriquecem a vida cultural, contribuindo para descobrir e promover os talentos. Desenvolveram-se relações permanentes entre artistas profissionais e conjuntos artísticos populares. O abismo outrora existente entre o nível cultural da população urbana e rural está sendo superado passo a passo.

AS REALIZAÇÕES CRIADORAS DOS INTELECTUAIS

No desenvolvimento social, especialmente cultural da RDA, as obras criadoras dos intelectuais, cientistas, artistas, médicos e pedagogos ocupam o lugar importante. O nosso Estado e a nossa cultura são inimagináveis sem as realizações excelentes destas individualidades e realizações que elas fizeram no sentido profissional e político-intelectual.

A Federação Cultural uniu estas pessoas, depois de 1945, para promover os seus pensamentos e actividades. Muita coisa que foi alcançada na vida científica e cultural, desde 945 no território da RDA, deve-se a esta organização que contribuiu essencialmente para a renovação democrática da vida cultural e intelectual. O poeta Johannes R. Becher, o romancista e humanista Viktor Klemperer, o médico de doenças internas conhecido mundialmente e inimigo da guerra Theodor Brugsch, tal como Alexander Abusch e Max Steenbeck, Max Burghardt e Gunther Rienacker e muitas outras destacadas personalidades, representam todas as pessoas que fizeram importantes realizações científicas e artísticas e, graças à sua grande actividade, agiram como políticos culturais e educadores do nosso povo.

Nos 25 anos de existência da nossa República, cresceram intelectuais que são filhos da classe operária e dos camponeses cooperativistas. Identificam-se totalmente com os objectivos da sociedade e do Estado e, através dos seus conhecimentos e sua capacidade, têm grande participação nos êxitos alcançados em todos os sectores da vida social. Devemos mencionar por exemplo os escritores e artistas, Anna Seghers e Hermann Kant, Fritz Cremer e Willi Sitte, Ernst-Hermann Meyer e Siegfried Matthus, Wolfgang Heinz e Ekkehard Schall.

O CARÁCTER INTERNACIONALISTA DA VIDA CULTURAL

Na RDA, as ideias da paz, da democracia e do socialismo constituem o conteúdo da vida intelectual. A preservação de todo o património cultural progressista do passado e do presente, a manutenção das melhores tradições humanistas dos povos é um objectivo de toda a sociedade. Junto com todos os seres humanos progressistas do mundo, homenageamos o património e os pensamentos de personalidades como Immanuel Kant, Thomas Morus e Albert Schweitzer, bem como Fréderic Joliot-Curie, Maxim Gorki e Arnold Zweig. As obras de Johann Sebastian Bach e de Johann Wolfgang von Goethe, William Shakespeare, Honoré de Balzac e Lew Tolstoi são amplamente divulgadas como as de Ernest Himingway, Pablo Picasso e Pablo Neruda. Nossa vida cultural e intelectual é aberta ao mundo e contribui para que os cidadãos da RDA sejam educados no espírito do entendimento entre os povos e da paz. Existe um vivo intercâmbio de experiências e informações no sector da ciência, saúde pública, educação e cultura, especialmente com os demais países socialistas. Realizam-se com regularidade múltiplas reuniões no quadro da ONU e de suas organizações especiais, outras sociedades e grémios da política, ciência e cultura. Nossa política cultural é determinada pelo desejo de dar a todas as forças de boa vontade a possibilidade de que se tornem conhecidas e sejam divulgadas as suas obras em nossa República. Regentes e compositores internacionalmente conhecidos tais como Dimitri Schostakowitsch, Hans-Werner Henze, Herbert von Karajan, escritores como Louis Aragon, Alberto Morávia e Peter Weiss, conjuntos teatrais e artistas plásticos de todos os continentes tiveram e têm a possibilidade de expressar a sua mensagem na RDA, em exposições, apresentações teatrais concertos e livros.

Na base de uma nova relação social e partindo do passado revolucionário da classe operária internacional, desenvolveu-se a cultura socialista da RDA como parte integrante da cultura mundial socialista que está em processo. Nesse processo crescem as causas comuns, aperfeiçoando-se a cultura e o modo de vida dos povos da comunidade socialista.

N. da R. — O autor é membro da presidência da Câmara Popular da R.D.A. e primeiro-secretário da Federação Cultural da R.D.A.

PORTO-RIQUENHOS DO SILÊNCIO

Por DOMINIQUE TORRÉS
«Le Monde»

Ainda há dez anos, quem tinha ouvido falar dos porto-riquenhos dos Estados Unidos? A seu respeito, nada mais se conhecia senão a sua imagem idílica transmitida pelo filme «West Side Story». Imigrantes como tantos outros no país do «meltin pot», talvez um pouco mais violentos, um pouco mais pobres. Como saber mais a seu respeito quando eles próprios não se tornavam notados? Não eram privilegiados? Contrariamente aos haitianos ou aos dominicanos, os porto-riquenhos não tinham de entrar ilegalmente nos Estados Unidos. Daí, poder-se deduzir que se encontravão em sua casa...

Aliás, a cor da sua pele, frequentemente bastante clara, colocava-os na «hierarquia racial» acima dos negros. Eram «quase brancos», «quase» americanos. O seu ideal? Assimilar o mais possível, integrar-se na vida americana. Para uma jovem porto-riquenha, «fazer um bom casamento» queria dizer simplesmente casar com John, Bill ou Tom. O seu passado? Um país, um sonho, com o qual se sonhava, às vezes, com saudade. Nas famílias, os mais velhos contavam, às vezes, uma história «lá da terra» e toda a gente suspirava do fundo do coração. Os porto-riquenhos dos Estados Unidos já não tinham raízes, nenhuma cultura própria e bem poucas perspectivas de futuro.

Hoje, as coisas mudaram muito. Em lugar de se integrarem docilmente no subproletariado norte-americano, a população porto-riquenha encontra-se em plena cirse de identidade. Perdidos? Esquecidos? Os porto-riquenhos manifestam-se em todos os domínios da vida pública. Aparecem na literatura, na moda, no jornalismo e na política. Um porto-riquenho, Henri Badillon, acaba de ser eleito para o Congresso.

MÃO-DE-OBRA BARATA...

Presentemente, torna-se difícil para uma grande empresa não ter pelo menos um porto-riquenho num lugar-chave. Um grande quotidiano matutino levou três semanas para conseguir finalmente desalojar um jornalista porto-riquenho. Agora, os jovens porto-riquenhos afirmam com arrogância: «Eu, americano? Eu não pedi para vir para cá. Que sou eu para este país senão um estrangeiro que se explora?»

A sua história resumida não passa de um episódio banal do colonialismo. Em 1917, os americanos tomam Porto Rico aos espanhóis. Transformam imediatamente a sua economia por aquela que convém às suas necessidades. Resultado: Porto Rico torna-se completamente dependente dos Estados Unidos. Já pobre, a economia torna-se ainda pior. Em contrapartida, para os Estados Unidos a ilha é um bom negócio. Porto-Rico é o quinto importador dos produtos dos Estados Unidos. A situação torna-se paradoxal: a ilha chega a importar os seus próprios produtos. Finalmente, como os Estados Unidos procuram um volume de mão-de-obra barata, outorgam a nacionalidade americana aos porto-riquenhos e concedem-lhes grandes facilidades para abandonar a ilha.

Nos Estados Unidos, o porto-riquenho pode ser mandado imediatamente combater pela sua nova pátria, porém, este privilégio não é extensivo aos direitos políticos. Pode morrer pelo país, mas não pode votar para eleger o seu presidente. Na ilha, a população torna-se cada vez mais miserável (35 por cento de desempregados), o país esvazia-se: pelo menos na América há trabalho.

Um movimento de revolta aparece na ilha. Todos os partidos clandestinos reclamam a independência. Personalidades importantes, como o adovgado Albizio Campo, estão presas e, diz-se, são torturadas. Em 1968, 75 por cento da população vota por uma solução do tipo Commonwealth.

Durante muito tempo, os porto-riquenhos emigrados ignoram quase tudo o que se passa na sua ilha: a Imprensa americana não diz nada. Porém, em 1950, registam-se tumultos nos próprios Estados Unidos. Dois porto-riquenhos armados marcham sobre aCasa Branca «para tomar uma atitude». Isso vai-lhes custar caro. Serão julgados por atentado contra a vida do presidente e condenados a prisão perpétua. Vinte e cinco anos mais tarde, um está morto e o outro encontra-se, ainda, na cadeia.

Em 197., um operário, Carlo Filipiano, é acusado de ter colocado bombas num imóvel da I.T.T., em grandes armazéns e numa estação de rádio. É o caso Sacco e Vanzetti, versão porto-riquenha. «O Governo pensava poder, assim, travar o movimenca de revolta nascente», explica um militante, «e, no entanto, não conseguiu senão que toda a população porto-riquenha lhe voltasse as costas». Todos os partidos da esquerda se agrupam para exigir a libertação de Carlo Filipiano e provar a sua inocência: «O seu caso é tão injusto como o de Ângela Davis, mas quem fala disso?» O jovem militante acrescenta: «Evidentemente, os negros americanos são mais escutados e atendidos, pois, foram eles os primeiros a elevar a voz. Vai ser preciso recuperar o tempo perdido».

Assim, a população porto-riquenha saiu do seu torpor. Tornou-se mobilizável. Surgem comissões de toda a espécie, às dezenas. Os porto-riquenhos fazem as suas contas e compreendem que foram apanhados numa armadilha. Tudo está preparado para uma revolta. Falta apenas a centelha que a faça deflagrar. E, então, que aparece, em 970-197 , um grupo que vai levar o movimento porto-riquenho ao plano da cena nacional: os «Young Lords».

OS «YOUNG LORDS»

O seu nome é um desafio. Os «Young Lords» designam-se como uma espécie de aristocracia do «macadame», jovens cancros da miséria. O seu programa é simples: defender os interesses dos porto-riquenhos e, numa segunda fase, lutar para obter a independência da ilha.

Os «Young Lords» trazem menos inovações no seu programa do que uma nova maneira de falar. A verdade é que sabem falar e a América começou a escutá-los. Até então, os porto-riquenhos copiavam os métodos e as tácticas dos revolucionários negros. Os «Young Lords» operam num estilo pessoal: em vez de serem arrogantes, seduzem; em lugar de meter medo, têm o cuidado de ser simpáticos. Num ápice, este grupo de intelectuais porto-riquenhos torna-se o menino endiabrado e querido da Imprensa americana. «as nossas relações públicas eram fantásticas», diz

Continua na pág. 19

NACIONAL

No Alentejo continuam os fogos postos

Mais um fogo posto numa seara alentejana: desta vez na Quinta do Vimeiro, no concelho de Arraiolos. Minutos antes das chamas deflagrarem, testemunhas oculares viram um indivíduo de identidade desconhecida afastar-se apressadamente do local.

Também suspeitas de fogo posto, embora ainda não confirmadas, recaem sobre um incêndio manifestado numa seara de trigo, no Monte de Vale de

Mértola, próximo de Beja, em que ficaram totalmente destruídos cerca de onze hectares de trigo e ainda fardos de palha e algum restolho.

Reivindicações da indústria de moagem de trigo

. A Indústria de Moagem de Trigo com Peneiração, reunida em Plenário, resolveu enviar ao Governo Provisório a seguinte exposição:

. Dentro do conhecimento parcial do futuro regime cerealífero que, aliás, ainda não se sabe se já foi aprovado por Conselho de Ministros e para cuja formulação lastimamos não terem permitido prestar a nossa leal colaboração e o nosso indiscutível conhecimento das problemáticas que lhe são inerentes, a indústria de moagem hoje reunida em Assembleia Plenária resolve reivindicar junto do Governo os seguintes pontos, essenciais para a continuidade do seu trabalho no enquadramento de uma eficaz colaboração com os interesses superiores do País:

. 1 Assegurar, perante o Organismo estatal monopolista de vendas de matéria-prima . Instituto dos Cereais os meios suficientes e necessários para uma distribuição à indústria de cereais nacionais e exóticos que garantam a formação de lotes tecnologicamente equitativos de forma a evitar-se a desigualdade de situações industriais e a produção de farinhas do mesmo tipo mas de qualidade panares diferentes com manifesto prejuízo do consumidor;

. 2 _ A alínea anterior pressupõe a reconhecida incapacidade material do Instituto dos Cereais para proceder à separação e qualificação destes, à escala nacional, sendo-lhe, por isso, impossível escalonar e padronizar os cereais e, especialmente, o trigo, nos seus celeiros e silos.

Assim, o trigo bom e o trigo mau é entregue à indústria de moagem pelo mesmo preço e em plena ignorância de qualidade, o que não sucede em mais nenhum país da Europa e é caso ímpar, julga-se, em qualquer contrato normal de compra e venda de bens.

Associando-se esta carência com o carácter monopolista da sua acção no mercado do trigo, o Instituto dos Cereais deverá ser controlado e, até, fiscalizado por entidades representativas da nossa indústria. Os citados organismos representativos terão de dispor de meios próprios, denominadamente laboratoriais, que supram as carências do Instituto dos Cereais, como atrás se menciona, sendo-lhe para isso, facultadas as instalações que a indústria criou e são seu património;

. 3 _ A manutenção das condições actuais da compra do cereal.

As disposições contidas no novo regime cerealífero e, principalmente, aquilo que elas omitem, obrigariam a indústria à mobilização imediata de centenas de milhar de contos cerca de 300.000 o que, para uma indústria que entrou já há anos num desmantelamento financeiro, em holocausto ao preço político do pão, é totalmente impossível;

. 4 _ Garantir a plena continuidade, por parte da Caixa Geral de Depósitos, na prestação de financiamentos, a longo prazo, à indústria, necessários para os seus reequipamentos técnicos.

Neste momento devem estar mobilizados, neste tipo de financiamento, cerca de 170.000 contos;

. 5 _ Assegurar a manutenção das tarifas de fretes para trigos e farinhas, por parte da Companhia dos Caminhos de Ferro. Sabe-se o desejo, já manifestado pela Companhia dos Caminhos de Ferro, para o fazer e receia-se que a extinção jurídica de um dos contratantes, a F.N.I.M. dê aso a um acréscimo súbito de tarifa que, obviamente, viria agravar, ainda mais, a situação da classe;

. 6 _ Permitir à indústria o fabrico de tipos de farinha com preços naturais até ao limite de 0,95 por cento de cinzas, de forma a poder concorrer nos mercados tradicionalmente consumidores desses tipos;

. 7 _ Excluir da actuação, no mercado privado de farinhas, as fábricas de moagem da Manutenção Militar que obedecem e beneficiam de condicionalismos especiais económico-financeiros e às quais compete, unicamente, o abastecimento do sector militar:

. Faz-se justiça, ao reconhecer que as reivindicações formuladas, com excepção da última, foram apontadas pelo Conselho Geral e, em princípio, compreendidas e até aceites pelo Senhor Secretário de Estado do Abastecimento e Preços mas, é evidente, que a indústria, no seu viver aflitivo do dia-a-dia, não se pode basear em simples promessas mas realidades devidamente definidas e concretizadas por medidas legais adequadas.

Em anotação final, explica-se que não houve a preocupação de esgotar toda a matéria das nossas reivindicações mas, simplesmente, apontar as que, para já, são essenciais e imediatas e, até dentro destas, as que se articulam com o Programa do Movimento das Forças Armadas que esta indústria deseja ver, total e eficientemente cumprido.

RÁDIO ESTUDANTIL NAS CAMPANHAS DE ALFABETIZAÇÃO

Para além do seu horário habitual, a Rádio Estudantil, a funcionar na sede da Comissão Pró-Unep, começou a transmitir um programa dedicado especialmente à cobertura das Campanhas de Alfabetização e de Educação Sanitária, com o seguinte horário: 2.ª-feira, das 17 às 18 horas; 3.ª, das 16 às 17; 4.ª, das 18 às 19; 5.ª, das 16 às 17; e 6.ª, das 17 às 18 horas.

A nova programação visa, essencialmente, dar apoio cultural informativo à alfabetização e alfabetizados e levar a efeito uma completa reportagem «in loco» nas zonas de actuação das brigadas.

PASSE UM FIM-DE-SEMANA SEM CONTRATEMPOS

QUANDO ACORDAR ESTARÁ NO ALGARVE

SERVIÇO DE CARRUAGENS-CAMAS LISBOA-ALGARVE

Barreiro-V.R. Sto. António: sextas-feiras
V.R. Sto. António-Barreiro: domingos

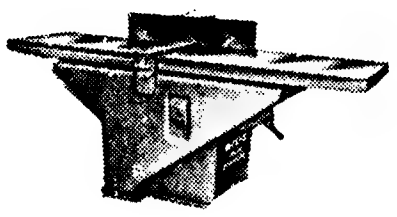
SERVIÇOS EXTRAORDINÁRIOS NO NATAL E ANO NOVO

INFORMAÇÕES TELEF. 32 62 26

Caminhos de Ferro Portugueses

CP-5/A-3

«MIDA»



Garlopa Mod. GA

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

* LOTES

UMA URBANIZAÇÃO DIFERENTE...
UM LOCAL DIFERENTE...
...PARA PESSOAS EXIGENTES

- Para construção de moradias de todos os tipos
- a mais bela panorâmica da BAÍA DE CASCAIS E SERRA DE SINTRA
- ZONA COMERCIAL e zonas ajardinadas
- redes de águas, esgotos e arruamentos concluídos
- ligação em autocarros a Parede, S. Pedro Estoril, LICEU DE CASCAIS e escolas
- 5 parques de estacionamento reservados a moradores.

Informe-se no local, na Secção de Informações no edifício sede mesmo aos sábados e domingos
— Sede — telef. 247 23 18 —

URBANIZAÇÃO DO SOLAR DE S.to ANTÓNIO
★ ALVARÁ N.º 7, da C. M. C.
Acesso pela Rua Combatentes Ultramar — PAREDE

CAUNY

RELÓGIOS PARA DESPORTOS

AUTOMATICO
DIA E DATA
CALENDARIO
ANTICHOC

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

FLASH ELECTRONICO
Multiblitz
a iluminação perfeita para o fotografo profissional mais exigente

ASSISTÊNCIA TÉCNICA IMEDIATA
ESTAB M SIMÕES JR S A R L
PRAV DO ALMADA 12 2.º Esq — LISBOA
RUA SANTO ANTÓNIO 208 — PORTO
Peça um folheto ilustrado

LUSOFRIO
REPARAÇÕES FRIGORÍFICAS
Telef. 77 62 87 — LISBOA

NACIONAL

FOLHA OFICIAL

As exonerações do major João Manuel de Melo Mariz Fernandes e do coronel médico tirocinado dr. António Augusto Fernandes Tender dos cargos de secretários de Comunicação Social e Turismo de Angola e de Saúde e Assistência de Moçambique são acompanhadas por louvores salientando a «competência, zelo e inteligência» com que exerceram as suas missões.

Foram nomeados comandantes de divisão da P.S.P. de Lisboa os majores José Manuel Gonçalves e António Gil Marques Nunes, de Infantaria, e Manuel de Simas da Silveira, de Artilharia.

Saíram de chefe de gabinete e secretária do secretário de Estado do Planeamento Económico respectivamente o dr. Luís Manuel Cidade Pereira de Moura e D. Maria Pedro Gomes dos Santos Rato. Exerceram tais funções entre 11 de Julho e 3 do corrente, recebendo agora louvores.

Foi demitido, por abandono do lugar, o terceiro-oficial do Fundo de Abastecimento (quadro do pessoal vitalício) Francisco Gomes da Silva Folgado.

A Câmara Municipal de Ovar tem à sua disposição um subsídio de 1000 contos para comparticipação nos encargos com a secção liceal local (Colégio de Nossa Senhora da Esperança).

Foi designado presidente do conselho de administração da Empresa Insular de Electricidade, S.A.R.L., de Ponta Delgada, o eng.º Luís Toste Rego.

O secretário de Estado da Saúde escolheu, para chefe de gabinete, o dr. Vítor Manuel Mateus Ribeiro da Fonseca.

ALVOR, PENINA E CASINO NA AGENDA DA TORRALTA

Indicações naturalmente não confirmadas dados os objectivos e o montante do provável negócio, levam a crer que a Torralta estaria na iminência de adquirir a posição maioritária, nunca inferior a 80 por cento, na Sociedade Salvor, proprietária do Hotel Alvor, do Hotel Penina e de uma terceira unidade hoteleira em construção no Algarve, ao mesmo tempo que se disporia a tomar posição igualmente maioritária na Sointal, proprietária dos Casinos de Alvor, Vilamoura e Monte Gordo.

A transacção, a concretizar-se, subiria a qualquer coisa como a 900 mil contos, talvez satisfeitos a pronto ou numa outra modalidade pelos primeiros vendedores.

Neste momento, e não contando com as unidades hoteleiras ou de diversões atrás referidas, sabe-se que a Torralta domina no Algarve as seguintes posições: na Praia da Rocha, Hotéis Tarik e Bela Vista; complexo Torralta, incluindo o Hotel D. João II, no Alvor; o Hotel S. Cristovão, em Lagos; e Hotel Golfinho, na Meia Praia.

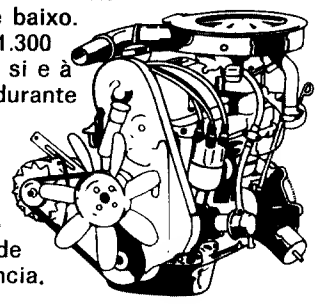
Em Lisboa o mesmo grupo detém a gestão do Hotel Fénix, possuindo ainda um Hotel nas Penhas da Saúde (onde tem em construção um complexo turístico).

Se juntarmos, a esta lista, os números adquiridos em herdades no Alentejo e na Sociedade Abastecedora de Peixe Gel-Mar, a dimensão do grupo avulta, sem margem a qualquer dúvida, na precária indústria hoteleira portuguesa.

Atenção, condutores!
Os factos falam pelo Ford Cortina.

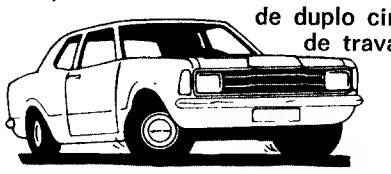
Facto: Maior economia

O preço inicial é baixo. O consumo é baixo. O motor de 1.300 cm3 leva-o, a si e à sua família, durante 100 Km por apenas 8,5l de gasolina. E entre as revisões são 10 000 Km de plena eficiência.



Facto: Melhor comportamento na estrada

Direcção mais precisa, barras estabilizadoras e via mais larga para óptimo comportamento na estrada. O sistema de duplo circuito de travagem,



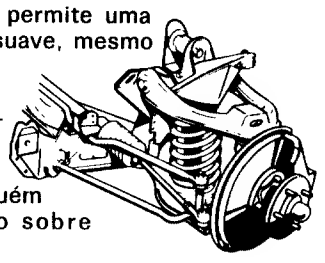
servo-freio e disco à frente garantem que o carro pára mesmo.

Facto: Mais espaço para a família

Pernas, ombros e joelhos têm espaço à vontade, à frente e atrás. Bancos bem almofadados (os da frente reclináveis) e um porta-bagagens com 324 dm3 úteis. Ideal para famílias de 4 ou mais pessoas.

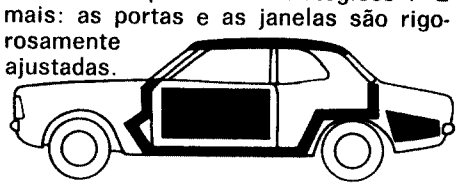
Facto: Condução mais suave

No Ford Cortina, a combinação da suspensão helicoidal com amortecedores telescópicos permite uma condução suave, mesmo nas piores estradas. Suave e confortável. É que no Ford Cortina ninguém vai sentado sobre as rodas.



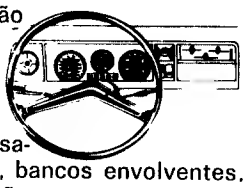
Facto: Marcha mais silenciosa

Houve o maior cuidado em isolar o compartimento dos passageiros de qualquer ruído mecânico, do vento ou da estrada. Isoladores de som estão colocados nos pontos «estratégicos». E mais: as portas e as janelas são rigorosamente ajustadas.



Facto: Maior segurança

A garantia de segurança que o seu sistema de travagem e a sua suspensão oferecem, o Ford Cortina acrescenta: coluna de direcção compressível em caso de impacto, colocação racional dos instrumentos num painel espessamente almofadado, bancos envolventes, posição de condução correcta e portas traseiras com fecho de dupla segurança.



Vá ver ao seu concessionário Ford toda a gama de modelos Cortina: 1.300 L, 1.600 XL, 2.000 GT, 2.000 E e 1.600 «Leva Tudo».

Ford Cortina - Um carro de facto!

Ford

FORD À FRENTE!

CURSOS

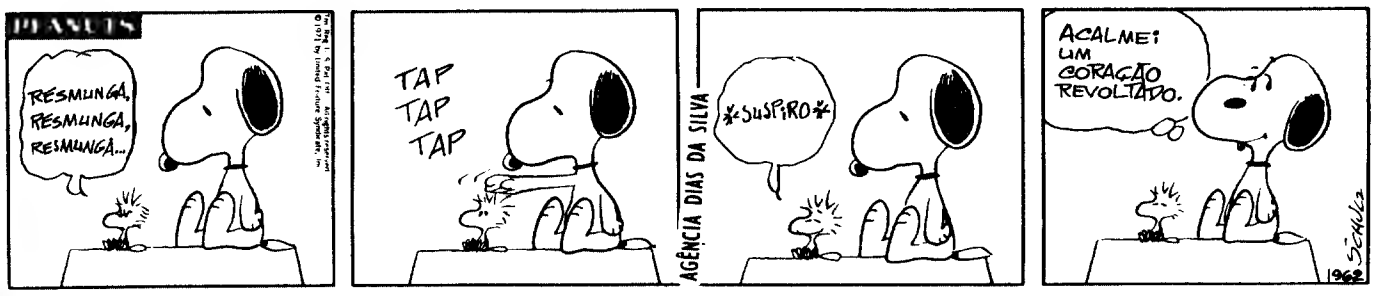
● MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
máq. 029-059-129-1701-1710
Início dos cursos: 23 Agosto
Informações e matrículas no:
EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 364272
R. do Arsenal, 100 - 1.º

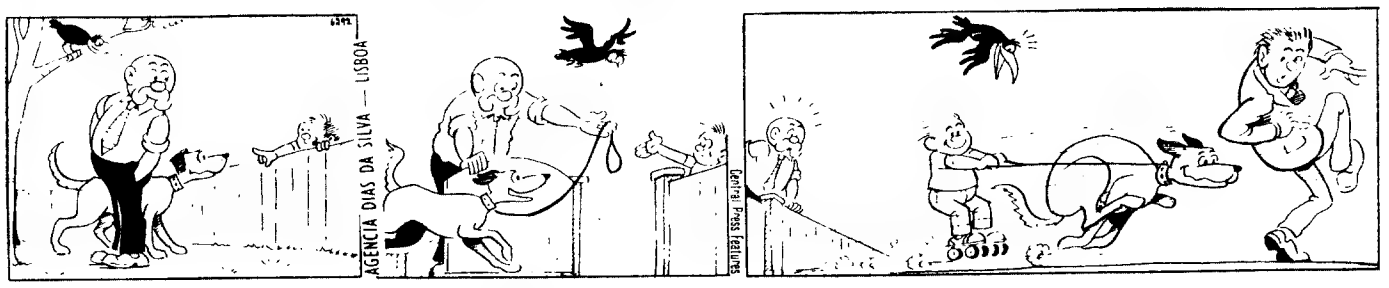
FIAT 850 REBOCADO DA CALÇADA DA PATRIARCAL

Pronto Socorro, rebocou dia 7 pelas 2 horas da manhã, Fiat 850, causou prejuízos noutra viatura.

Solicita-se entrar contacto urgente, Telef. 328487.

A chuva em Nova York vê-se da varanda dum hotel, com um guarda-chuva para evitar resfriados. Assim o entende, pelo menos, a Miss Universo, Amparo Muñoz, de sua graça, espanhola, nada e criada em Málaga (Telefoto UPI/Telimprensa)

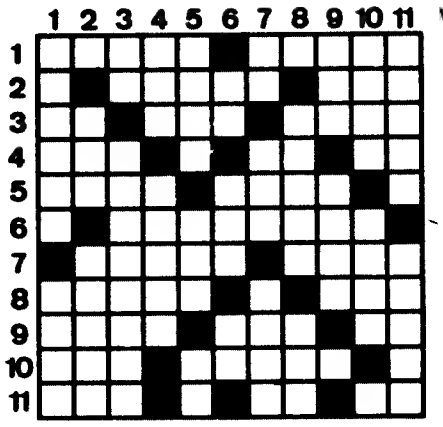




palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10856



HORIZONTAIS

1 Filtra Prevenida.
2 Taramelas Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 943
3 Senhor. Doçura. Recente.
4 Possui. Em partes iguais. O MAIS:
5 Guarnecem de asas. Palmeira da Amazónia.
6 Roubaria (pop.)
7 Carruagem de caminho de ferro. Acrescentar.
8 Simples Medida de superficie
9 Cidade da Grécia Textualmente Campeão
10 Habito Inveterado (Bras) Bebedeira (fig)
11 Preposição e artigo definido (pl) O sono das crianças. Gálio (sq.)

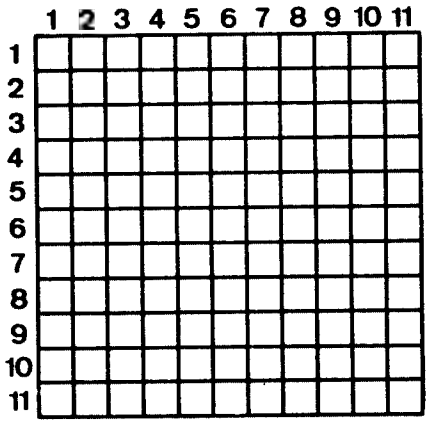
VERTICAIS

1 Fatias. Cidade da Arábia - 2 Rente. Antiquado.
3 Senhor Pisarias.
4 Preposição. Feiticeiras
5 Acolá. Freguesia do concelho de Penafiel Lê
6 O mais Passado Nota musical.
7 Escândio (s.q.) Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de ah! oh! Furo.
8 Relata. Grande peixe africano.
9 Graudo Opera de Verdi
10 Jogo de gaúchos (Bras) Encoleriza
11 Afia Vinte mãos de papel

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7014



HORIZONTAIS

1 Nome de um estofo indiano Rebuliço
2 Preposição Vaguear. Nota musical
3 Satélite de Júpiter. Saliente. Pertences
4 Zombou Balela. Matemática
5 Rio da Toscana Golpelo
6 Fora para fora Sugas o leite materno.
7 Rio de Portugal Íntimos
8 Despovoai.
9 Sacudidela Salvo
10 Planta do pé Caminharem.
11 Planta vivaz e medicinal. Um dos estados da Federação da Malásia.

VERTICAIS

1 Courelas Une por casamento
2 O mesmo que amouras Por baixo de (inv.)
3 Ligava. Flanco.
4 Vês. Mandar
5 Verbal. Gorgulho tropical.
6 Apelido.
7 Porto abrigado por terras altas Dai mios.
8 ? Larva das feridas dos animais Raça
9 Delicadeza Enguia
10 Arejaras. (Bras.). Pronome reflexo.
11 Sobras. Cidade de Itália.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10855

HORIZONTAIS:

1 Acaba. Visas.
2 Lama. O. Roça.
3 Alistaremos.
4 Paga. Nora
5 Ado. Mesão.
6 Adoa.
7 Ariscas.
8 Âmbar. Alear.
9 Ua. Urre.
10 Minas. Ad. Pg.
11 Asara. Garoa.

VERTICAIS:

1 Alapa. Cauma.
2 Calado. MAIS:
3 AMIGO. Ab. Na.
4 Basa. Aramar.
5 Adir. Sa.
6 Oaú. Os A.
7 Maçã. Ag.
8 Irene Aluda.
9 Somos. Ser.
10 Açorar. Arpo.
11 Sasão. PREGA.

Provérbio: O MAIS AMIGO A PREGA.

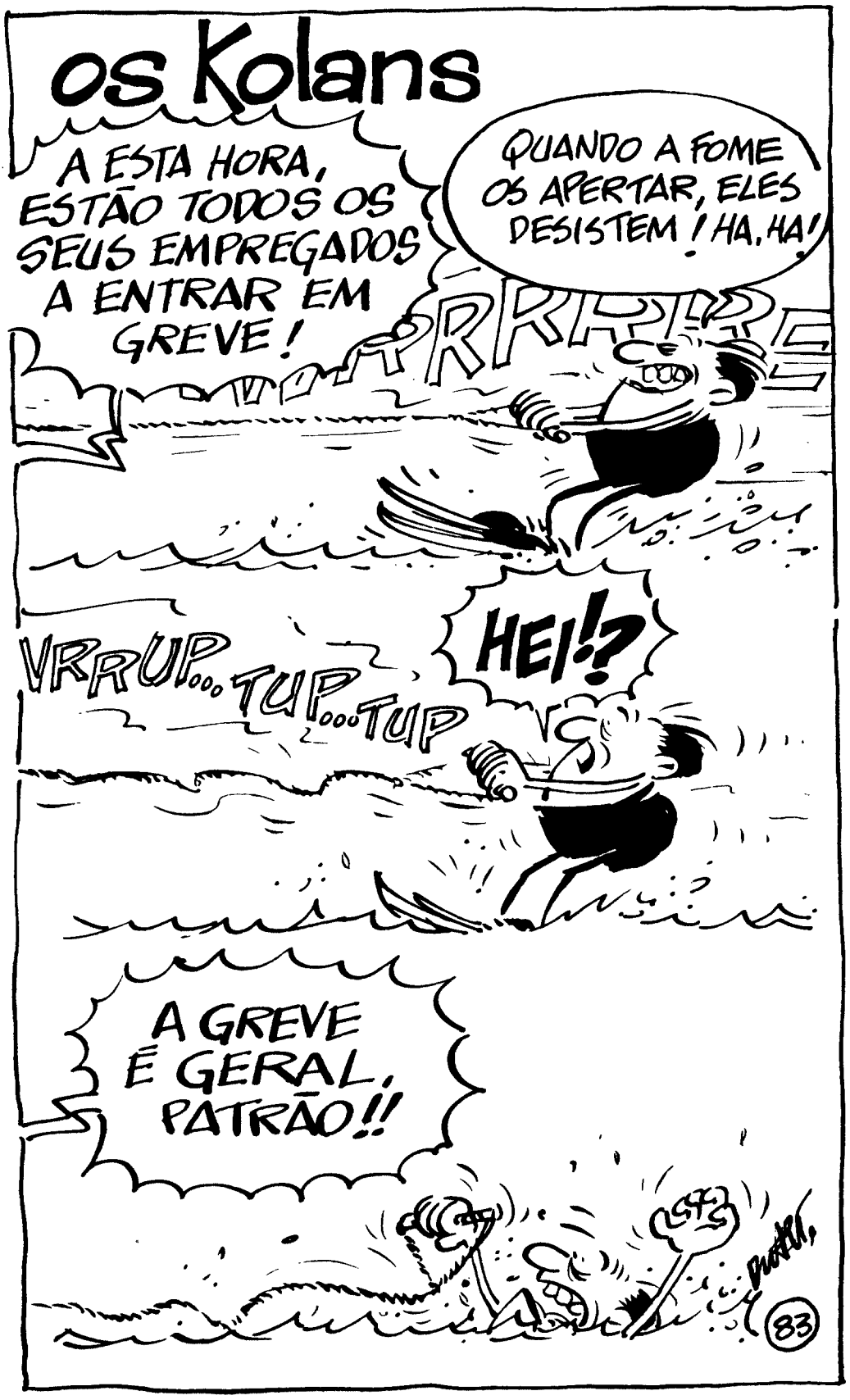
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7013

HORIZONTAIS:

1 Achém. Matem.
2 Voa. Aí. Li.
3 Arras. Orçar.
4 Raer. Arva.
5 Armam. Gruas.
6 Olá.
7 Besunta.
8 Ávila. Aires.
9 Boca. Ácis.
10 Ita. Tua.Aro.
11 Aarau. Garoa.

VERTICAIS:

1 Avara. Sábia.
2 Corara. Vota.
3 Harém. Bicar.
4 Ara. Ela.
5 Mas. Mosa. Tu.
6 Lu. Nu.
7 Mão. Gana. Ag.
8 Airar. Tia.
9 Cru. Arcar.
10 Elavas. Erró.
11 Miras. Assoa



GERAL

PORTO-RIQUENHOS DO SILÊNCIO

Continuação da pág. 15

o seu antigo chefe, Felipo Luciano. «Compreendi imediatamente que era preciso, sobretudo, não voltar as costas à Imprensa. Ela pode apoiar ou afundar».

Quatro anos mais tarde, que resta dos «Young Lords»? O movimento dissolveu-se, minado pelas lutas internas. Só o seu nome paira ainda como uma flâmula por cima da causa porto-riquenha. Tornou-se o seu símbolo. Alguns dos militantes formaram um outro grupo. Pró», marxista e pela independência da ilha. Felipo Luciano anima uma importante emissão de rádio portorriquenha, «cuja finalidade» diz ele «é dar a população uma sensação de dependência e de orgulho». Publicou poemas, escreveu dezenas de artigos (frequentemente na Imprensa negra) e fez cinema. É o único porto-riquenho conhecido ao nível nacional. Tem vinte e seis anos e continua a ser um autêntico «garoto de rua» da cidade de Nova Iorque, que grita, que se encarniça, que se apaixona por tudo aquilo a que mete ombros. Até mesmo os seus inimigos políticos confessam: «Felipo, eram os Young Lords». Sem ele o movimento não poderia ter existido».

Hoje, os porto-riquenhos continuam a ser tão pobres (embora tenham, estatisticamente, um rendimento superior ao dos camponeses do Mississipi). Formam 20 por cento da população de Nova Iorque, mas têm de se bater para conseguir uma emissão na televisão. E fornecem 28 por cento dos atrasados mentais, segundo um inquérito de Q.I. (quociente de inteligência) efectuado em inglês. No entanto, o homem da rua já não é o mesmo. Já não tem a sensação de ser o parente pobre da América. O seu futuro não lhe parece traçado antecipadamente. É sacudido pelas diversas tendências que se defrontam: os românticos, que sonham com um regresso à ilha, os revolucionários que pregam a revolução em Porto-Rico, os «integristas» que são por uma luta comum com todas as outras minorias americanas e que consideram os problemas económicos como primordiais. E, finalmente, a corrente dita «New York Portoracanism» que insiste no desenvolvimento cultural da população: «A cultura porto-riquenha está morta e enterrada», pensa Felipo Luciano. «Porém, uma cultura nova, original, está em vias de surgir. Temos uma maneira bem nossa de escrever, de pintar, de fazer música e de ver o mundo. É a nossa força, o nosso futuro; é esse jogo que, hoje em dia, é preciso fazer».

Profissionais de cinema contra as manobras do patronato

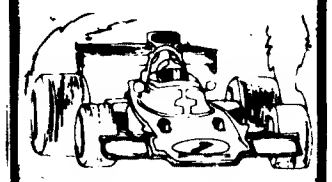
. A comissão directiva do Sindicato dos Profissionais de Cinema enviou aos seus associados uma circular onde apela à sua ampla participação «para desmascarar todas as manobras do patronato» e «denunciar todas as tentativas de divisão da classe trabalhadora».

O texto começa por referir o estado das negociações havidas entre o sindicato e o grémio relativamente ao estabelecimento de um período de férias dos trabalhadores. Face à proposta sindical — 15 dias para empregados com menos de um ano de casa e 30 para os restantes, pagos a 100 por cento — o patronato, em reunião efectuada no Ministério do trabalho, contrapropôs 12 dias para os trabalhadores até dois anos de casa e 30 dias para os que tenham mais que dois anos, pagos a 100 por cento. «Que atitude deve assumir a Comissão Directiva do Sindicato — interroga-se na circular — para corresponder à vontade da massa trabalhadora e aparar mais este golpe do patronato?»

. Informa-se aí, igualmente, que «a ameaça de despedimento paira sobre alguns dos nossos companheiros que, em regra, são aqueles que têm mais anos de casa, e não se dispõem a aceitar as exigências de policiamento sobre os seus camaradas de trabalho. O patronato exige que alguns camaradas nossos façam o «serviço» que até há pouco tempo cabia a uma famigerada corporação... — afirma-se.

Avisam-se também os trabalhadores de que, «contra todas as medidas legislativas mesmo fascistas! — os dois grupos monopolistas principais (Lusomundo e Intercine) começaram a amplicar arbitrariamente um «novo» horário de trabalho: as horas que até aqui eram pagas como extraordinárias (das 0 horas às 2 ou 3 horas), são agora pagas ao preço de horas normais por «livre» decisão do patronato. Isto não acontece com os projeccionistas nem com os fiscais, a quem continuam a pagar essas horas ao preço de extraordinárias. A quem convém esta manobra, de dividir os trabalhadores? A quem convém pagar a três ou quatro para com isso se locupletarem com os vencimentos dos restantes?» — pergunta a comissão directiva.

ÀS TERÇAS-FEIRAS



O JORNAL motor

Despedimentos na "Consilium"

. Num comunicado da comissão de trabalhadores da «Consilium» (fábrica de cosméticos, de Carcavelos), afirma-se que «foram despedidos os 34 trabalhadores da firma, 23 dos quais com cartas injuriosas», sendo esta uma das razões apontadas para a situação de impasse a que se chegou nas negociações de um caderno reivindicativo com a administração. O documento esclarece ainda, que a reacção por parte da entidade patronal tem sido tão forte e sugestiva, que, depois de os trabalhadores, em reunião de conciliação efectuada no Ministério do Trabalho, terem concordado com a proposta de um accionista para substituir a actual administração, o mesmo se negou depois, a tal compromisso.

RURAIS

Não se chegou a acordo nos pontos referentes a salários, na reunião efectuada em Alcácer do Sal, visando a celebração de um contrato colectivo de trabalho entre os proprietários locais e os trabalhadores agrícolas. Os trabalhadores reivindicam os salários e o pagamento das horas extraordinárias tal como ficou acordado na Convenção de Beja. Os proprietários oferecem 30$00 para os homens e 20 para as mulheres.

Críticos de cinema reúnem-se

. Realiza-se hoje, às 19 horas, na Casa da Imprensa, uma reunião da Secção de Cinema da Associação Portuguesa de Críticos, para discussão de assuntos relacionados com a sua actividade profissional.

CTT

SERVIÇO TELEFÓNICO AUTOMÁTICO COM A FRANÇA E O MÓNACO

OS CTT INFORMAM

A partir do dia 10 às 0 horas os assinantes de Lisboa TLP cujos números começam por 21, 219, 251, 253, 3 (excepto 31 e 38), 4, 5, 6, 7 (excepto 70 e 749) e 8, podem atingir automaticamente os telefones da FRANÇA e MÓNACO.

Para o efeito devem marcar respeitando a seguinte ordem:

07 ● Serviço Internacional Automático
33 ● Indicativo de FRANÇA e MÓNACO
● Zona de FRANÇA ou MÓNACO
● Número do assinante que se pretende

Exemplo: para falar para o n.º 1234567 de Paris marcar seguidamente 07 33 1 1234567.

Em caso de dificuldade marque 17.

Custo das conversações: 1$00 por cada 2,5 segundos.

Para melhor esclarecimento consulte a página 8 da Lista Telefónica.

ENCOMENDAS POSTAIS
EXPORTAÇÃO
FIRMA NORUEGUESA, IMPORTA ARTIGOS PELO SISTEMA DE ENCOMENDAS POSTAIS.
RESPONDER EM INGLÊS PARA:
KARE SOLEM A/S, FJELLHUS ALLÉ 22, OSLO 6.

NACIONAL

CISÃO NO P.R.P.-B.R.

Em comunicado difundido por alguns elementos do P.R.P.-B.R., afirma-se ter acontecido uma cisão no seio daquele partido, durante um congresso recentemente realizado. O resultado dessas divergências foi a saída da organização de 67 por cento dos militantes das Brigadas Revolucionárias, 75 por cento da redacção do jornal «Revolução», 83 por cento do organismo de agitação e propaganda e 3 elementos da Comissão Central. O balanço total da cisão soma uma percentagem de 41 por cento dos militantes presentes no congresso. Em virtude destes factos, os divergentes consideram doravante ilegítimo todo o uso da sigla BR (Brigadas Revolucionárias) pelo actual P.R.P.

Segundo o comunicado, os motivos que levaram à cisão, embora se tenham vindo a explicitar mais agudamente no Congresso, existiam desde há já tempo no espírito de numerosos militantes. Estes motivos residem no facto de os autores da cisão considerarem que o P.R.P. «tem vindo a abandonar progressivamente os seus objectivos principais de luta pela organização revolucionária autónoma do proletariado». Por outro lado, os divergentes pensam que o abandono dos objectivos revolucionários do P.R.P. se tem traduzido nos moldes de funcionamento orgânico do Partido, com grave prejuízo da sua democracia interna e das formas de elaboração colectiva da linha política.

Durante o congresso, estas tendências centralistas internas, diz ainda o comunicado, tornaram-se flagrantes numa proposta de esquema orgânico apresentada pela direcção representado na prática a liquidação da democracia de base da organização. Os elementos da cisão criticam também a definição da linha política do partido em virtude de essa linha reflectir «a adopção de objectivos reformistas, na medida em que se propunham hipóteses estratégicas, que, nomeadamente sobre o tema da tomada do poder, implicavam o abandono da luta pela organização revolucionária autónoma das massas, em benefício de fórmulas burocráticas e partidárias da substituição das mesmas massas na perspectiva de uma eventual tomada de poder à burguesia e do seu exercício futuro.»

Conselho de Coordenação Economica e Social

Sob a presidência do primeiro-ministro Vasco Gonçalves, reuniu-se ontem o Conselho de Coordenação dos Assuntos Económicos e Sociais. Foram apontadas medidas a tomar, com a maior urgência, no sector da construção civil, abordada a problemática habitacional, incluindo a lei das rendas, e o projecto do decreto sobre a caça. Como o Conselho não tem funções deliberativas, mas sim consultivas, os resultados da sessão deverão ser apresentados hoje, ao Conselho de Ministros que se inicia às 15 horas.

A reunião estiveram presentes os ministros do Trabalho, da Economia e das Finanças, respectivamente, capitão Costa Martins, drs. Rui Vilar e Silva Lopes, ministros sem pasta Alvaro Cunhal e Magalhães Mota e tenente-coronel Melo Antunes e major Vítor Alves.

BAIXA AO HOSPITAL

O ciclista Perna Coelho a contas com problemas pulmonares

O ciclista Perna Coelho, do Lordetano, não alinha para a etapa de hoje da Volta a Portugal por motivos graves de saúde. O médico da corrida foi chamado durante a noite para o atender tendo diagnosticado problemas pulmonares impeditivos de continuação em prova.

O caso é grave dado que o clube o fez alinhar em condições físicas deploráveis para o trabalho diário na oficina, quanto mais para corridas de bicicleta, diária em extensões para lá dos cem quilómetros e à torreira do sol.

Leonel Miranda, do Sporting, é outro ciclista em precárias condições. Ainda esta noite voltou a ser medicamentado pois o furúnculo que o afecta agravou-se. Pode, no entanto, prosseguir a corrida.

REUNIÃO POR CAUSA DO «DOPPING»

Esta tarde, na Lourinhã e logo depois de se concluir a etapa do dia, reunem-se os clubes com a Federação por motivos relacionados com o controlo antidopping. Os clubes recusaram-sea aceitar o controlo se ele não fosse ordenado e controlado pela Direcção Geral dos Desportos. Quanto aos ciclistas, uns são a favor outros contra o controlo. Os jornalistas assistirão à reunião.

AMANHÃ

sempre

fixe

"FRANCA COLABORAÇÃO"

-pediu o Ministro da Comunicação aos jornalistas

Já está elaborado um primeiro projecto da nova lei de Imprensa, que será agora trabalhado por uma comissão mista integrada por representantes dos partidos da coligação governamental e por dois representantes do Sindicato dos Jornalistas, além de um representante do Grémio da Imprensa Diária e outro da Imprensa não-diária.

A comissão preparará, no mais curto espaço de tempo, o projecto do decreto-lei que vai ser presente ao Conselho de Ministros e depois ao Conselho de Estado para aprovação.

Esta informação foi dada ontem no Palácio Foz durante uma conferência de Imprensa, a que presidiu o ministro da Comunicação Social e na qual usaram da palavra o novo subsecretário de Estado da Informação, jornalista Luís de Barros, e os directores-gerais da Informação e da Cultura Popular, respectivamente o comandante Freire Montez e o eng. Vasco Pinto Leite. Foram também indicados os nomes dos elementos da comissão já contactados: Pedro Soares (PC), Alberto Aarons de Carvalho (PS), Francisco Pinto Balsemão (Imprensa não-diária), Adriano Lucas (Imprensa diária), faltando ainda os dois representantes do Sindicato dos Jornalistas e o do Partido Popular Democrático.

O novo subsecretário de Estado da Informação disse que a sua missão inicial seria a coordenação da comissão para a Lei de Imprensa, além da organização dos serviços informativos do Ministério e do processo de saneamento do mesmo. Luís de Barros precisou que a redacção inicial do projecto do decreto-lei já tinha sido elaborado pelos juristas drs. Sousa Franco e Rui Almeida Mendes, baseados no projecto Sá Carneiro-Balsemão vencido na última Assembleia Nacional e ainda no decreto 12.008 e nas disposições de alguns países estrangeiros sobretudo da França e da Inglaterra.

Referiu-se depois a recuperação da estrutura editorial do Ministério, que estava ao serviço da propaganda do regime fascista e terá de ser agora aproveitada para dar uma nova imagem do País e para a publicação de obras de iniciação política e de formação cultural.

Segundo afirmou o director-geral da Informação, comandante Freire Montez, a nova equipa do Ministério está interessada na experiência democrática e no tocante à informação entende que ela não pode ser isolada do contexto político actual. Aludindo à deterioração da informação no período fascista, o director-geral afirmou para os jornalistas que «todos temos muito que aprender» e que a informação verdadeira, clara e oportuna deve estar empenhada na experiência democrática e por isso não será necessariamente isenta, fria e científica. Referiu-se depois aos órgãos de que o Governo dispõe para servir ao povo esta iinformação (os jornais «Época» e «Diário de Notíciae», a Emissora Nacional e a RTP), adirmando que se impunha definir em que termos estes órgãos seriam agora utilizados. Esclarece-se que a posição do Estado no «Diário de Notícias» baseia-se na participação da Caixa Geral de Depósitos no capital da empresa. Em seu entender, no entanto, isso não basta: em relação aos jornalistas dos outros órgãos de Informação, terá de haver também «uma franca colaboração».

O eng. Vasco Pinto Leite, director-geral da Cultura e Espectáculos, sublinhou a neressidade de «criar polos de desenvolvimento cultural na província» para «desmacrocefalizar a cultura». Sintetizou, como presentes objectivos prioritários do sector, a democratização da cultura, facilitando a todos o seu acesso e levando-a a todo o País. A atitude das Casas de Portugal no estrangeiro será também revista, no sentido de ser dada uma nova imagem do nosso País. O director-geral avançou, ainda, a sugestão de se realizar «um grande Congresso da Cultura Portuguesa» para aí se definirem as linhas dessa acção cultural.

Nas respostas às questões levantadas, depois, pelos representantes da Informação, o ministro revelou que a lei de Imprensa em que se trabalha no seu departamento não abrangerá aos meios audiovisuais, que será objecto de regulamentação própria. A questão das sanções à Imprensa remeteu-a o ministro para a comissão «ad hoc». Revelou igualmente que será nomeado, na próxima semana «um diplomata de carreira» para porta-voz da política externa portuguesa, tendo em particular conta «uma certa confusão» existente entre os correspondentes da Imprensa estrangeira quanto a quem representará essa política.

MOTORISTAS DE CARGA PEDEM IGUALDADE EM RELAÇÃO AOS OUTROS PROFISSIONAIS

Relativamente ao novo contrato colectivo de trabalho dos Motoristas de Transportes de Mercadorias, recebemos de um grupo de profissionais daquele sector, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

«Os signatários manifestam, por este meio, o seu descontentamento em relação ao novo acordo de trabalho dos Motoristas de Transportes de Mercadorias (regime de aluguer), publicado nos jornais de 13 de Junho findo. Este contrato estipula novos ordenados, a concessão de um mês de férias e um subsídio de 00 por cento, mas só entra em vigor a partir do próximo ano. Lembramos que já anteriormente havia sido publicado o novo acordo de trabalho dos Motoristas de Táxi e de Turismo, com as mesmas regalias, mas a vigorar no corrente ano. Desta forma, encontramo-nos prejudicados por este facto, pois que são muitos os motoristas de carga que andam dia e noite pelas estradas, chegando até a estar semanas inteiras sem poder ir a casa.

É lamentável ver no fim do ano os nossos camaradas a gozar um mês de férias, com 100 por cento de subsídio, e nós só termos direito a 2, 8 ou 24 dias, conforme os anos de casa, e 50 por cento de subsídio, quando o nosso trabalho é tão árduo como o dos outros, para não dizer mais.

Em face do exposto, esperamos que, quem de direito, tome as providências necessárias para que aquelas regalias nos sejam concedidas ainda este ano. Não pedimos mais do que igualdade, relativamente aos outros motoristas, e é a isto, no nosso entender, que se chama democracia».

Rusga no Intendente

«Roubos, prostituição e vadiagem em excesso» estiveram na origem de uma «rusga monstro» levada a cabo esta madrugada, na zona do Intendente, por forças conjuntas da P.S.P. e das Polícias Militar, Aérea e Naval. Foram presas cento e vinte e sete pessoas, onze das quais mulheres. Onze dos detidos foram entregues às autoridades militares.

VÁRIOS ARTISTAS APOIAM A FESTA DOS EMIGRANTES

Têm vindo a intensificar-se os esforços das organizações democráticas com vista a transformar o Estádio 1.º de Maio, no domingo, num lugar de confraternização para os trabalhadores portugueses radicados no estrangeiro e para o povo de Lisboa que se queira associar a iniciativa.

De facto, o Movimento Democrático Português/C.D.E., que desde o início patrocinou esta festa, não se tem poupado a esforços para numa perspectiva unitária, dar à manifestação dos emigrantes um cunho patriótico e popular.

Depois das adesões do P.C.P., P.S., P.P.D. e da Intersindical, conta-se já com o apoio do Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas (M.D.M.P.) e do Movimento da Juventude Trabalhadora (M.J.T.).

No Estádio estarão presentes o Primeiro-Ministro, coronel Vasco Gonçalves e o general Costa Gomes, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, contando-se ainda com a presença de elevado número de elementos das Forças Armadas, que darão assim, uma imagem do 25 de Abril e do 1.º de Maio, a quem, longe no estrangeiro, não pôde assistir a estes momentos altos do processo democrático em Portugal.

Entretanto, confirmaram já a sua presença nesta festa de recepção aos emigrantes Ary dos Santos, Tonicha, Nicolau Breyner, Henriqueta Maia, Júlia Babo, Armando Caldas e Luís Filipe Costa, que fará a locução. Conta-se, ainda, com a presença dos pauliteiros de Miranda, do grupo coral de Ferreira do Alentejo, dos ranchos de Torres Novas e de Santo Tirso e também, da banda da Carris.

Novas adesões e apoios têm chegado, nomeadamente de cenógrafos e carpinteiros de cena que pretendem dar o seu contributo a decoração e preparação do Estádio.

Tudo se conjuga, portanto, para que domingo a Alameda D. Afonso Henriques, onde às 3 e 30 se iniciará o desfile dos emigrantes e o Estádio 1.º de Maio (ex-Estadio da F.N.A.T.), onde, a partir das 5 horas decorrerá a manifestação-comício-festa, se transformem em pontos de confraternização popular, de regozijo de trabalhadores que buscaram o seu pão no estrangeiro.

O M.D.P./C.D.E. está empenhado em proporcionar aos emigrantes um autêntico dia de solidariedade nacional e não regateia esforços para o conseguir

José Mário Branco em Grandola

Os cantores populares José Mário Branco, Tino Flores e Fausto actuam no Campo da Bola, em Grândola, amanhã à noite.

O programa é de canções populares revolucionárias e está aberto a todos os que quiserem actuar. Diz o prospecto que anuncia a festa: «cantar para o povo significa cantar os seus sofrimentos, as suas alegrias, as suas derrotas, as suas vitórias na luta contra a opressão e a miséria, contra a exploração capitalista, contra a guerra colonial assassina, e em particular a justa luta dos trabalhadores contra a opressão fascista que durante 48 anos tentou calar à força as aspirações do povo português e dos povos das colónias».

EXAMES "AD HOC"

A comissão pró-exames «ad-hoc» de aptidão à Universidade, na sua última reunião de carácter nacional, realizada em Coimbra, elaborou o seu caderno para os exames de ingresso nas várias faculdades do País, o qual foi entregue na delegação local do M.E.C. Aguarda agora a resposta do ministro da Educação, sobre as pretenções de centenas de pessoas, maiores de 25 anos, que desejam ingressar nos cursos superiores.

Comício em Leiria

LEIRIA, 9 Analisar a situação actual e as tarefas da classe operária e do povo é o objectivo principal do comício popular que o Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (M.R.P.P.) promove no próximo dia 13, às 21 e 30, no pavilhão gimnodesportivo de Leiria. No comício usarão da palavra diversos oradores.

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA — DESPORTOS

Os problemas do leite no caminho dos ciclistas

Foi uma sorte espantosa para uns bons trinta ciclistas: em Vagos a caravana fez «stop» e quase toda a gente teve oportunidade de trocar dois dedos de conversa com os amigos. Os retardatários (três exclusões) ficaram junto aos melhores e a corrida voltou a partir do zero. Aconteceu isto: a exemplo do sucedido no «Tour» de França, os agricultores de Vagos vieram para a estrada e com as vaquinhas lado a lado fizeram questão de apresentar o seu problema em relação ao consumo de leite no nosso País

Por NEVES DE SOUSA
Nosso enviado especial

PROTESTO EM COMUNICADO: DE VAGOS COM CERTA LEITEIRA

Aos representantes dos órgãos de Informação que acompanham a «volta» em serviço de reportagem foi, então, entregue o comunicado que a seguir se transcreve e no qual aqueles agricultores se manifestam contra a política das Secretarias de Estado da Agricultura e de Abastecimentos e Preços.

O comunicado é do seguinte teor:

«Os agricultores têm direito a ver melhorada a sua vida.

Há dois meses que se arrasta o processo da subida do preço do leite para 5$00 e 5$50 por litro e da eliminação do actual sistema burocrático da classificação por outro mais simples e justo.

Entretanto a Secretaria de Estado da Agricultura anuncia nova lei da caça do investimento de milhões de contos no Alentejo para se produzir leite e carne sem mexer na estrutura fundiária e nada diz sobre o preço do leite. Os pobres dos agricultores continuam a ser desprezados.

É preciso que o País saiba que é da Beira Litoral que vão diariamente 120 mil litros de leite para abastecer Lisboa e que esse leite é produzido por pessoas pobres e humildes que tem apenas uma ou duas vacas.

É preciso que o país saiba que nós temos de tratar todos os dias dessas vacas e não temos descanso semanal, nem férias, nem direito a assistência médica, nem direito a reforma. E qual a paga do nosso trabalho?

É sermos esquecidos pelas secretarias de Estado da Agricultura e de Abastecimentos e Preços, enquanto são lembrados os grandes donos das coutadas e dos latifúndios alentejanos e protegidos os Grémios da Lavoura e as Federações dos Grémios que continuam de pé à espera da lei que os derrube.

Da Secretaria de Estado de Abastecimentos e Preços ouvimos a ameaça de ser mantida e aumentada a importação de leite da Holanda em vez de gastar esse dinheiro na melhoria da nossa economia.

Nós, que somos solidários com o espírito do 25 de Abril, e com o segundo Governo Provisório, não compreendemos como é que as Secretarias de Estado da Agricultura e dos Abastecimentos e Preços se comprometem com esses latifundiários alentejanos e se desprezam os pequenos agricultores, produtores de leite.

Companheiros agricultores de todo o País, os pequenos agricultores apelam para a vossa solidariedade. A força do trabalho será o futuro de Portugal. Abaixo todos os exploradores e parasitas. Viva a unidade entre todos os agricultores.

Assinam os agricultores produtores de leite do concelho de Vagos.»

PARTIDA

Largamos de um local chamado Mozelos. Vila? Cidade? Unicamente um ponto religioso no mapa do País. Uma questão religiosa com o Bispo do Porto colocou Mozelos no mapa da Volta a Portugal. Vinte contos para divulgação da terra nos órgãos informativos foi quanto custou a festa: tudo isto porque Vergara é uma freguesia próxima e o Bispo do Porto teima em juntar na mesma circunscrição administrativa (na mesma paróquia, portanto) Mozelos e Vergara. Contestada há dois anos essa junção, na estrada apareciam letreiros que diziam assim: «Mozelos só pede justiça ao senhor Bispo do Porto» e mais adiante: «Senhor Bispo do Porto: queremos justiça». A Igreja está fechada há dois anos. A religião faz-se na rua. A «volta» ganhou, desta vez, graças a Cristo.

Teixeira Maia, Roberto Costa, Fernando Mendes e Carlos Relvas são os homens-chave da Casa do Povo de Mozelos. Na etapa para Coimbra eles juntaram o que tinham para fazer e foram, de porta em porta, pedir o resto. Assim, largámos às 16.08 de um local desconhecido no mapa da Volta a Portugal em Bicicleta. Tão «desconhecido» como foram, até a corrida passar por lá, Fontainhas do Mar, Emendos e Alcains.

COMEÇA A ANDANÇA

Cai um motociclista da G.N.R. Mendes fura, troca a roda traseira e recola imediatamente. Fura José Maria Nunes. Fura o Leite. Descolam Perna Coelho, Ramalho Martins e Vitorino Pereira. Depois António Santos, António Castro, Vitor Rocha, Vitor Cabrita, António Teixeira, Manuel Sousa, António Martins, José Pacheco e Helder Santos, ficam na estrada.

Acabaram os letreiros que chamavam a atenção do Bispo. Começava, afinal, a atenção para o Académico de Coimbra.

LEITE

Mil e quinhentos escudos para Manuel Silva. Um conto para António Martins. Meia nota para Joaquim Andrade. Américo Silva fica à espera de Leite. César Aires troca de máquina, mas recola logo a seguir. E recolam todos os atrasados.

Após quarenta minutos de corrida, a cinco quilómetros de Arrifana, o médico chega junto de Leonel Miranda e dá-lhe uma injecção em andamento.

Em S. João da Madeira, os três primeiros: Custódio Gomes, Carlos Farramacho e Joaquim Leite. E cabe aqui uma palavra de elogio para o magnífico serviço da G.N.R. dirigido pelo tenente Joaquim Carretas. Também um abraço de simpatia (porque não pode ser mais...) para as meninas da «Posição Volta», habilmente conduzidas por Rodrigo Ferreira. Uma citação honrosa para a estreia de João Loutenço (actor de teatro) como locutor. E realçamos ainda a camaradagem de três amigos grandes que andam aqui na «volta»: Alvaro Graça, Arnaldo Porto e Manuel Dias. Para a equipa do R.C.P. (a emissora da Liberdade) chefiada por Mário Pereira.

VOLTANDO À CORRIDA

Depois disto, voltando a corrida, uma vez que já tinha passado aquele período de monotonia que dava para reavivar os pensamentos antigos, Silvares faz atrasae. António Teixeira, do Sporting, Manuel Sousa, chega-se ao seu carro de apoio e pede que lhe chamem o médico. Leonel apeia-se, depois de ter pedido ao seu carro um calção, fazendo a troca de rabo no esfalto, para regressar imediatamente (em pedalada turística) à corrida.

Aos 50 quilómetros havia uma hora e dezanove minutos no cronómetro. Custódio Gomes (protestante) nesta etapa «religiosa», barafusta junto do carro do F.C. do Porto. Leonel Miranda sofre uma queda e ficam junto dele Manuel Gomes e António Teixeira, que o ajudam. Manuel Gonçalves queixa-se de uma lesão no pé direito. Joaquim Sousa Santos fura. Norberto Duarte cede-lhe imediatamente a sua roda e esperam por ele Belmiro Fernandes e Amílcar Lopes. Estava encontrado o vencedor da etapa.

José Martins da Coelima, é a ameaça mais concreta aos jovens das primeiras posições. Tem controlado a corrida com relativa calma e é muito provável que guarde os seus trunfos para a altura decisiva.

LEITE — OUTRA VEZ...

Numa meta particular Jorge Fernandes chega primeiro, mas logo a seguir, aproveitando a sorte, Joaquim Leite junta-se-lhe e chegam a ter 33 segundos de avanço. Mas imitando tal e qual o que nos ares da Gália se processou neste «tour» («Leite: sangue, suor e lágrimas a 5$50?»), a lavoura, pelo seu pé, chegou, para protestar contra os parasitas, a um local chamado Vagos. Interrompe-se a «volta». Centenas de cartazes empunhados por milhares de pessoas. «A Cooperativa de Vagos paga cinco mil contos aos vagabundos». São 18.38 horas. Neutralizara-se toda a corrida e, sem prejuízo da média, volta tudo ao mesmo. Voltamos a partir do zero.

O leitor já está a entender que, a partir do momento em que a corrida começou, acabou a anterior. Ora, este protesto, de que fará o devido juízo (reportamo-lo para o comunicado que acima transcrevemos da Cooperativa de Vagos) este comunicado em que irá concerteza embrenhar-se durante algum tempo, provocou um atraso de dez minutos à caravana e, depois, uma largada neutralizada, partindo com atraso apenas os três últimos a chegarem: Vitorino Pereira, António Santos e Perna Coelho.

Américo Lentes e Valdimiro Cardoso tentam fugas. Já então, na berma da estrada, estavam as vacas que tinham servido para parar o primeiro trânsito. E os cartazes que tinham feito parar os ciclistas eram apenas «panos» a esvoaçar ao vento. Avaria Pedro Rodrigues, param Manuel Rego e José Pereira junto dele. Ramalho Martins fura e arrancamos para um final difícil, penoso, cheio de «nuances». A meta no Estádio Municipal de Coimbra atinge-se em bom andamento e com um homem do Sangalhos no comando: Joaquim Sousa Santos.

CONFISSÃO

«A «volta» decide-se na Torre. Acho que, a partir de agora, provei que não sirvo unicamente para vencer um contra-relógio que foi muito contestado. Aproveitei a minha oportunidade e entrei primeiro na pista. Na curva percebi que o Fernando Mendes tinha enterrado os pneus. Se, afinal, aparecem oportunidades, é natural que cada um de nós as tente aproveitar. Um abraço muito especial para Norberto Duarte, que me emprestou a bicicleta e para toda a equipa, que colaborou optimamente comigo».

Fala assim Joaquim Sousa Santos (namorada na bancada, namorada ao lado da filha de Ivo Neves que é sua colega na Faculdade de Medicina).

«Desculpem eu não levantar os braços e dar uma volta, depois, ao Estádio sozinho. Creio que sou um rapaz que me construí a mim próprio. Moro na Avenida António José de Almeida e todos os dias atravesso a Praça da República a caminho da Universidade. Este percurso é para mim tão conhecido e estou a ele tão directamente ligado que julgo ter sido quase que uma «vergonha» eu ter trazido para aqui os colegas e batido todos eles no meu próprio terreno».

CLASSIFICAÇÕES

ETAPA MOZELOS-COIMBRA

		H.	M.	S.
1.º	J. S. Santos (Sang.)	3	40	01
2.º	João Marta (Sang.)	3	40	06
3.º	Fernan. Mendes (Bf.)	3	40	11
4.º	Dinis Silva (Benfica)	3	40	16
5.º	J. Sampaio (Coel.)		m. t.	
6.º	José Martins (Coel.)		m. t.	
7.º	Ant. Guedes (Ambar)		m. t.	
8.º	Mário Silva (Coel.)		m. t.	
9.º	F. Bernardino (Spt.)		m. t.	
10.º	Her. Oliveira (Sang.)		m. t.	
11.º	J. S. Santos (Sang.)		m. t.	
12.º	V. Fernandes (Benf.)		m. t.	
13.º	J. Madeira (Benf.)		m. t.	
14.º	J. Pereira (Coelima)		m. t.	
15.º	M. F. Oliveira (Am.)		m. t.	
16.º	Ant. Martins (Benf.)		m. t.	
17.º	J. Fernandes (Tav.)		m. t.	
18.º	César Aires (Tavira)		m. t.	
19.º	Manuel Silva (Porto)		m. t.	
20.º	P. Rodrigues (Coel.)		m. t.	
21.º	J. Andrade (Porto)		m. t.	
22.º	Joaq. Leite (Benfica)		m. t.	
23.º	C. Vitorino (Tavira)		m. t.	
24.º	A. Tamamés (Coel.)		m. t.	
25.º	J. Pacheco (Benfica)		m. t.	
26.º	F. Vieira (Ambar)		m. t.	
27.º	Luís Dores (Tavira)		m. t.	
28.º	Manuel Costa (Porto)		m. t.	
29.º	Joaq. Silva (Ambar)		m. t.	
30.º	Amér. Vieira (Coel.)		m. t.	
31.º	Albano Costa (Porto		m. t.	
32.º	V. Cardoso (Ambar)		m. t.	
33.º	Luciano Vale (Salg.)		m. t.	
34.º	M. Oliveira (Porto)		m. t.	
35.º	Álv. Roque (Ambar)		m. t.	
36.º	Manuel Rego (Coel.)		m. t.	
37.º	Américo Silva (Ben.)		m. t.	
38.º	M. Gonçalves (Tav.)		m. t.	
39.º	Joaq. Freire (Ambar)		m. t.	
40.º	A. Barradas (Sport.)		m. t.	
41.º	Ant. Castro (Ambar)		m. t.	
42.º	Manuel Sousa (Por.)		m. t.	
43.º	Norb. Duarte (Sang.)		m. t.	
44.º	José Amaro (Sport.)		m. t.	
45.º	F. Ferreira (Sport.)	3	40	35
46.º	L. Miranda (Sport.)		m. t.	
47.º	C. Farramacho (Tav.)		m. t.	
48.º	J. M. Nunes (Tavira)	3	40	45
49.º	Hélder Santos (Lou.)		m. t.	
50.º	B. Fernandes (Sang.)		m. t.	
51.º	Waldemar Sá (Salg.)		m. t.	
52.º	Vítor Rocha (Sport.)		m. t.	
53.º	Manuel Gomes (Spt.)	3	41	05
54.º	Amílcar Lopes (San.)		m. t.	
55.º	V. Cabrita (Loulet.)		m. t.	
56.º	Cust. Gomes (Porto)	3	41	12
57.º	A. Nascimento Tav.)		m. t.	
58.º	José Diogo (Sangal.)		m. t.	
59.º	A. Teixeira (Sport.)	3	41	27
60.º	Ram. Martins (Salg.)	3	46	57
61.º	Vit. Pereira (Salg.)	3	53	35
62.º	Ant. Santos (Salg.)		m. t.	
63.º	Perna Coelho (Loul.)	3	54	26

GERAL-EQUIPAS

	H.	M.	S.
1.º Porto	53	31	57
2.º Tavira	53	34	37
3.º Benfica	53	35	45
4.º Coelima	53	36	01
5.º Ambar	53	36	15
6.º Sporting	53	37	51
7.º Sangalhos	53	45	00
8.º Louletano	54	49	06
9.º Salgueiros	54	59	48

GERAL-INDIVIDUAL

	H.	M.	S.
1.º M. Oliveira (Amb.)	17	50	20
2.º Ant. Martins (Bf.)	17	50	56
3.º J. Fernandes (Tav.)	17	51	11
4.º César Aires (Tav.)	17	51	37
5.º M. Silva (Porto)	17	51	47
6.º J. S. Santos (Sang.)	17	51	58
7.º P. Rodrigues (Coel.)	17	52	08
8.º J. Andrade (Porto)	17	52	18
9.º José Martins (Coel.)	17	52	21
10.º F. Mendes (Bf.)	17	53	08
11.º Joaq. Leite (Bf.)	17	53	09
12.º C. Vitorino (Tav.)	17	53	11
13.º V. Fernandes (Bf.)	17	53	13
14.º José Madeira (Bf.)	17	53	14
15.º Dinis Silva (Bf.)	17	53	15
16.º Mário Silva (Coel.)	17	53	16
17.º A. Tamamés (Coel.)	17	53	18
18.º J. Pacheco (Bf.)	17	53	26
19.º Ant. Guedes (Amb.)	17	53	29
20.º F. Bernardino (Sp.)	17	53	35
21.º F. Vieira (Ambar)	17	53	37
22.º Luís Dores (Tav.)	17	53	48
23.º M. Costa (Porto)	17	54	19
24.º Joaq. Silva (Ambar)	17	54	28
25.º A. Vieira (Coelima)	17	54	30
26.º Albano Costa (Porto)	17	54	39
27.º Vítor Rocha (Sp.)	17	55	09
28.º A. Teixeira (Sp.)	17	55	13
29.º J. Sampaio (Coel.)	17	55	15
30.º V. Cardoso (Ambar)	17	55	33
31.º L. Avio (Salg.)	17	55	34
32.º M. Oliveira (Porto)	17	55	52
33.º A. Roque (Ambar)	17	57	02
34.º M. Rego (Coelima)	17	58	07
35.º J. S. Santos (Sang.)	17	58	52
36.º H. Oliveira (Sang.)	17	59	44
37.º A. Nascimento (Tv.)	18	01	33
38.º C. Gomes (Porto)	18	02	25
39.º A. Silva (Bf.)	18	03	37
40.º M. Gonçalves (Tav.)	18	04	14
41.º J. Freire (Ambar)	18	05	12
42.º J. M. Nunes (Tav.)	18	05	13
43.º J. Pereira (Coel.)	18	05	54
44.º A. Barradas (Sp.)	18	07	56
45.º M. Gomes (Sp.)	18	08	01
46.º João Marta (Sang.	18	08	35
47.º L. Miranda (Sp.)	18	09	30
48.º A. Castro (Ambar)	18	09	51
49.º F. Ferreira (Sp.)	18	10	14
50.º M. Sousa (Porto)	18	10	37
51.º H. Santos (Loul.)	18	11	34
52.º V. Cabrita (Loul.)	18	12	16
53.º B. Fernandes (Sang.)	18	13	22
54.º A. Lopes (Sang.)	18	14	06
55.º N. Duarte (Sang.)	18	15	41
56.º J. Amaro (Sp.)	18	20	19
57.º C. Farramacho (Tv.)	18	24	17
58.º V. Sá (Salg.)	18	32	51
59.º V. Pereira (Salg.)	18	41	22
60.º José Diogo (Salg.)	18	42	50
61.º Perna Coelho (Loul.)	18	46	56
62.º R. Martins (Salg.)	18	47	32
63.º A. Santos (Salg.)	18	51	28

GERAL-MONTANHA

	Pts.
1.º Joaquim Leite (Benfica	27
2.º José Martins (Coelima)	23
3.º Américo Vieira (Coelima)	17
4.º F. Bernardino (Sporting)	15
5.º Manuel Silva (Porto)	12

GERAL-PONTOS

	Pts
1.º Cust. Gomes (Porto)	37
2.º António Guedes (Ambar)	15
3.º Joaquim Leite (Benfica)	14
4.º Manuel Silva (Porto)	12
5.º Fernando Mendes (Benfica)	12

CAMISOLA VERDE
Prémio Philishave

VAUXHALL - OPEL
BEDFORD
os carros oficiais da «Volta» são da
GENERAL MOTORS

NEVOAR, LDA.
Tudo para Karting
R. Actor Robles Monteiro, 1-A — LISBOA

PHILIPS
Rádios e Gravadores

GERAL

Terminou a greve da Mabor

PORTO — Após uma reunião com o ministro do Trabalho, os operários e a administração da Mabor chegaram ontem a acordo quanto, a cessação da greve que se mantinha há setenta dias. Os operários conseguiram assim ver concretizado o seu desejo inicial de negociações com a empresa, cuja impossibilidade determinou a paralisação do trabalho em 30 de Maio último. Muitas das suas importantes reivindicações foram satisfeitas, e, nesta fase da sua luta, os trabalhadores entenderam não haver razões para prosseguir a greve. Segundo eles mesmo nos informaram, a posição agora alcançada constitui uma importante vitória sobretudo porque, durante todo esse tempo, foram capazes de evitar incidentes e confrontações, agindo com serenidade e unidade perante todas as atitudes da respectiva administração. A própria «comissão sindical operária» de trabalhadores da Mabor considera uma vitória ímpar e uma prova de grande maturidade o comportamento demonstrado pelas centenas de operários em greve durante um período particularmente longo. A este propósito afirmaram: «A nossa grande vitória é que hoje nos conhecemos todos e sabemos quais são os amigos e inimigos». A tomada de consciência dos operários foi a grande vitória alcançada, sobretudo quando recordamos que os operários nunca insultaram ninguém e a administração tomou várias vezes atitudes que levaram ao rompimento das negociações. Ontem mesmo, durante as negociações, a «comissão sindical operária» era unânime em considerar que as propostas não eram satisfatórias mas, mesmo assim, entendia correcto votar pelo fim da greve, dadas as condições já alcançadas. Ao tomar esta atitude, informaram-nos ainda os trabalhadores, «a comissão agia de acordo com o nosso propósito de sempre, que era negociar e não fazer greve».

Todos eetes aspectos, que tanto a comissão referida como o Sindicato dos Operários das Indústrias Químicas do Norte consideram de enorme importância no processo da tomada de consciência dos trabalhadores, vão ser objecto de uma compilação que divulgará os documentos mais salientes da greve e analisará o avanço qualitativo já evidenciado.

Entretanto, a «comissão sindical operária» informa-nos das principais reivindicações agora satisfeitas, durante a reunião com o ministro do Trabalho. Assim: salário por inteiro em caso de doença; subsídio de Natal a cem por cento; 30 dias de férias com subsídio a cem por cento; salários de acordo com a tabela mínima de 4500$00, com excepção dos aprendizes; não discriminação entre os grevistas quanto a satisfação das regalias conquistadas (pois a empresa tem operários que não dependem do Sindicato dos Químicos mas de outros); pagamento de 91 dias de subsídio de produtividade, o que na prática o pagamento dos salários correspondentes aos dias de greve; foram dadas garantias quanto a despedimentos e sanções em relação a greve e factos a ela relacionados até à saída da lei da greve, que se comprometem a aceitar; a empresa está obrigada também a abrir um bar, uma biblioteca e um local de convívio em condições que os operários consideram satisfatórias; serão igualmente mantidas todas as regalias oficiais até agora concedidas.

Oficialmente, a greve terminou às 13 horas de ontem, dia 8, depois de ter sido passada vistoria às instalações da fábrica, que foram consideradas normais em documento assinado pela comissão sindical e pela administração da Mabor.

José Gomes Bandeira

Telefonistas querem o salário mínimo

Relacionada com a notícia publicada pelo nosso jornal no passado dia 6 a respeito dos salários pagos às telefonistas dos TLP, intitulada «Telefonistas querem o salário mínimo», recebemos da administração daquela empresa pública o seguinte esclarecimento que passamos a transcrever:

«Certo número dauqelas profissionais têm a categoria de eventuais por não ser possível dar-lhes trabalho a tempo inteiro, só o fazendo quando expressamente convocadas para o efeito. Este regime de prestação de serviço só existe porque o tráfego telefónico varia consideravelmente, quer ao longo do dia, quer no decurso do ano, e porque é elevado o grau de absentismo das Telefonistas, as quais sempre que faltam têm de ser substituídas a fim de ser mantido o serviço público telefónico; e não é fácil fazê-lo com trabalhadoras a tempo completo, já que o regime de prestação de serviço é o de laboração contínua na qual as trabalhadoras têm de ter a sua escala rotativa estabelecida previamente.»

O pagamento destas telefonistas é, naturalmente, feito em função do tempo de trabalho realizado durante o mês, sendo o valor da hora baseado na remuneração mensal de 3500$00 (e não apenas de 3300$00): isto não passa da aplicação directa do Decreto-Lei n.º 217/74 que dispõe no n.º 4 do seu artigo 1.º que «a remuneração a que se refere o n.º 1 (Escudos 3300$00) entende-se como referente a trabalho a tempo completo.

«Quanto ao problema da duração do trabalho também referido na notícia em questão, informa-se que o Acordo Colectivo de Trabalho, recentemente homologado fixou o número semanal de horas de trabalho das telefonistas em 40, estabelecendo simultaneamente o regime de semana americana (passando de 6 para 5 os dias de trabalho). Nestas condições, o período diário de trabalho passou para 8 horas e, assim, cada turno completo das telefonistas da reserva eventual terá esta duração.

«Consequentemente, sempre que numa dada semana as telefonistas eventuais são chamadas a trabalhar o mesmo número de dias das telefonistas de outras categorias, não têm que se manter à disposição da empresa e em contacto com ela para além deles. E, mais, se a empresa as vier eventualmente a chamar nesses dias, tem de remunerar esse trabalho como prestado em dias de descanso semanal ou complementar.»

MUNICÍPIOS DISSOLVIDOS

Mais oito Câmaras Municipais de concelhos de diversos distritos continentais acabaram de ser dissolvidas, por resolução do ministro da Administração Interna que designou comissões administrativas incumbidas da respectiva gestão observando-se nessas nomeações o disposto no Decreto-Lei 236/74, de 3 de Junho findo, sem prejuízo de futura aplicação do n.º 1 do art.º 3.º desse diploma.

Os municípios agora dissolvidos são os de Abrantes, Bombarral, Mação, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel, Seixal e Tondela, a cujas comissões administrativas ficam a presidir, respectivamente, o dr. Francisco Lopes Correia Semedo, António da Costa, José Eduardo Pires, eng. Ramiro Antunes Ribeiro do Rosário, padre Manuel Francisco Coelho, Guy Poças Falcão, Agostinho de Sousa Gonçalves e dr. Adriano Lopes de Figueiredo.

CÂMARA-MUNICIPAL DE LOURES

AVISO

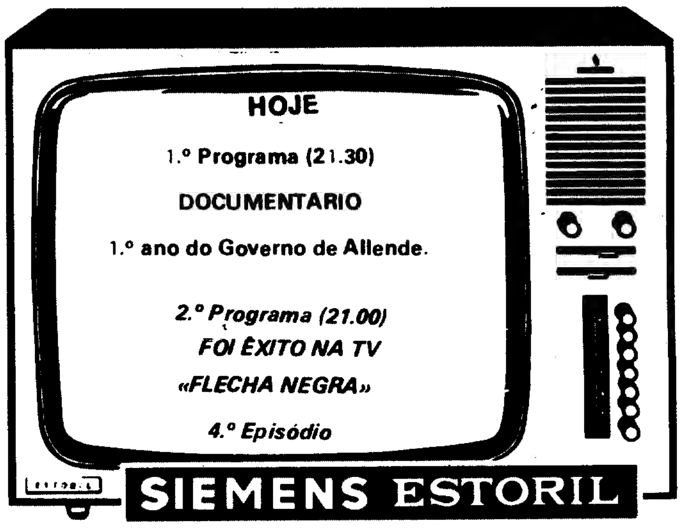
Por imperiosa necessidade de trabalhos de ampliação e remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 11 (domingo) das 7 às 14 horas, nas seguintes localidades:

Amoreira, Ramada, Alvejar, Ribeirão, Ponte da Bica, Bairro de São Jorge, Montemor, Caneças, Famões, Arroja e toda a linha de A.T. entre Amoreira-Ribeirão-Caneças.

Pontinha, Urmeira, Porto da Paiã, Casal das Canoas, Pombais, Casal do Troca e toda a linha de A.T. entre Pontinha-Porto da Paiã e Pombais.

Este corte efectara o abastecimento de água às povoações em causa.

televisão



HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45	Abertura e desenhos animados «Zé Colmeia»
13.00	Sangue na estrada
13.15	Serie filmada «Estranhos na Colina»
13.45	Telejornal 1.ª edição
14.00	Saber não faz mal
14.20	Logo a noite
14.25	Fecho

2.º Período

19.30	Mini jornal
19.35	TV Juvenil
20.00	Com todas as letras
20.30	Os movimentos políticos e a economia
21.00	Telejornal 2.ª edição
21.30	Documentário «O 1.º ano do governo de Allende»
23.10	Volta a Portugal em bicicleta
23.30	Telejornal 3.ª edição
23.40	Fecho

2.º Programa

20.00	Abertura e desenhos animados
20.15	Serie filmada «Estranhos na Colina»
20.40	Sangue na estrada
21.00	«O Flecha Negra»
22.00	Impacto
22.40	Telejornal
23.10	Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45	Abertura e «Os Gatos Detectives»
13.15	Os Garotos do 47-A
13.45	Telejornal ª edição
14.00	Hoje pode ver
14.10	Um caso da semana
14.35	Dó la. si
15.00	Nome de mulher
15.50	Estudio sem marcação
16.30	Bonanza
17.25	Teledesporto
17.50	As pedras e o homem
18.15	As Aventuras de Black Beauty
18.45	Cada dia uma esperança
19.00	Telejornal 2.ª edição
19.15	Se bem me lembro
19.45	Cartaz TV
20.00	Crónica
21.00	Telejornal 3.ª edição
21.30	O sinal do Dragão
21.30	Um país uma música
22.30	«O Sinal do Dragão»
23.25	Volta a Portugal em Bicicleta
23.30	Telejornal 4.ª edição
23.40	Fecho

2.º Programa

20.00	Abertura e «Os Garotos do 47-A»
20.30	Um caso da semana
21.00	Medicos de hoje
22.00	Expedição
22.30	Telejornal
23.00	Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado excepto na Faixa Costeira a Norte do Cabo Carvoeiro onde estava muito nublado o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17º
P. DOURADAS	
COIMBRA	18º
PORTALEGRE	16º
LISBOA	18º
FARO	23º
FUNCHAL	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL e TAVIRA
Máxima *32,5º*

F. de C. RODRIGO
Mimina *8,1º*

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 17,0º
Atmosfera 22,0º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.24 *3,4 m*	0.55 *1,1 m*
19.42 *3,5 m*	13.11 *1,2 m*
Dia 10	
8.08 *3,3 m*	1.41 *1,3 m*
20.33 *3,3 m*	14.05 *1,4 m*
Dia 11	
9,10 *3,2 m*	2.40 *1,4 m*
21.47 *3,2 m*	15.17 *1,5 m*

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado temporariamente muito nublado na Faixa Costeira a Norte da Serra de Sintra, vento fraco ou moderado de Noroeste, neblina matinal no Litoral Oeste.

AMANHÃ

NASCER ÁS *6.45*
OCASO ÁS *20.39*

DIA 11 | DIA 17 | DIA 24 | DIA 1

rádio

EMISEORA
1.º Programa

16.00	Noticiário
16.05	Ciência e técnica
16.35	Orquestras
17.00	Música variada
18.00	Cantos de luta
18.30	«Forças armadas»
19.05	Programa infantil: música variada
20.00	Jornal da noite: orquestras
21.30	Perspectiva do rock
22.00	Sindicalismo
22.30	Música oriental
23.00	De um dia para o outro
00.00	Junção (entrada do MF 1 de Lisboa): sinal horário

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00	Rádio estudantil
00.00	Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00	Ciclo do Barroco Itamiano
16.45	Música da Vangurada
17.00	Música de piano
17.30	O compositor da semana: Johann Christian Bach
18.30	Música coral
19.00	Música portuguesa
20.00	Jornal da noite
21.30	Filatelia, Medalhística e numismatica por Silva Gama
23.00	As grandes sinfonias
00.20	Música de piano de Schubert
01.00	Fecho.

Programa estereofónico MF 2 de 9/8/74

21.30	Música ligeira variada
22.00	Música sinfónica
22.38	Ópera «orfeu», de Monteverdi
00.31	Música de câmara
01.00	Fecho.

RÁDIO CLUBE
Onda média

16.00	Noticiário
16.04	Programa CDC
18.02	Programa movimento
20.40	Prgrama movimento Rádio teatro
21.03	Portugal além da Europa
21.17	Música para meditar
21.32	Quando o telefone toca
22.05	Antiquário
22.30	Quando o telefone toca
23.06	Rubrica policial do inspector Varatojo
23.30	No mundo aconteceu
02.00	A noite é nossa
06.00	Diário rural
07.00	Talismã

Modulação de frequencia

16.00	Noticiário
16.04	Programa CDC
18.02	O nosso programa
19.04	Em órbita 1
21.02	Boa noite em FM
22.02	Clube à Gô-Gô
23.00	Noticiário
00.02	Em órbita dois
01.02	Banda sonora Sonipol
02.00	Perspectiva
03.00	Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00	Noticiário
16.05	Radiorama
18.00	Diálogo
18.23	Palavras do dia. No final, terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00	(Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença)
19.30	Página 1
21.04	Meditando
21.08	Programa dos sócios
22.00	Quando o telefone toca
22.30	Esquema 13
23.05	A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça
Das 06.00 às 0.00 e das 4.30 às 7.00

Rádio Peninsular
Das 0.00 às 2.00 e das 9.30 às 22.00

Clube Radiofónico de Portugal
Das 2.00 às 4.30

Rádio Voz de Lisboa
Das 7.00 às 9.30 e das 22.00 às 02.00

baterias
TUDOR
pilhas
NOVOS SERVICOS DE VENDAS E ARMAZÉM
R. PROF. REINALDO DOS SANTOS 28-A — TELEF. 7 58 1 53-4-5

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO L-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Teles, Rua João de Barros (Tel. 638176)
ALCÂNTARA
Lupi Nogueira, Rua da Creche, 2 (Tel. 631635)
ALTO S. JOÃO
Oriente, Rua Lopes, 120 (Tel. 843381)
ALVALADE
Avis, Av. de Roma, 56-B (Tel. 715370); **Brasília**, Av. Rio de Janeiro, 66 (Tel 722368)
ARCO CEGO
Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (Tel. 47088)
ARROIOS
Matos, Rua Álvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671)
AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel. 46858)
AVENIDAS NOVAS
Avenidas, Av. da República, 27-A (Tel. 533688); **Galeno**, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tel. 774920)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11-A (Tel. 311216)
BAIXA
Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel. 46858); **Americana**, Calçada de Santana, 8 (Tel. 863984)
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (Tel. 780027)
CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazul, 23-B (Tel. 671667)
CONDE REDONDO
Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (Tel. 52076)
GRAÇA
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (Tel. 864351).
LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-A (Tel. 790942)
PENA
Americana, Calçada de Santana, 8 (Tel. 563984)
SANTA CATARICA
Combro, Calçada do Combro, 78 (Tel. 326059)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Tel 768343-764629).
S. VICENTE
(Ver Graça)
SETE RIOS
Aguiar, Av. Bordalo Pinheiro, 89-A (Tel. 786343)
XABREGAS
Salter, Rua de Xabregas, 63 (Tel. 381165).

TURNO L-2

TODA A NOITE

ALCANTARA
Lealdade, Rua do Olival, 226 (Tel. 663441).
ALTO DO PINA
Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B (Tel. 722868).
ALVALADE
Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (Tel. 776358); **Nova Lisboa**, Rua Guilhermina Suggia, 12 (Tel. 727721)
AREEIRO
João XXI, Av. João XXI, 16-A (Tel. 726462)
BAIRRO ALTO
Azevedo, Rua da Misericórdia, 24 (Tel. 323540)
BELÉM
Remisio, Rua dos Jerónimos, 14-C (Tel. 631699).
BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Tel. 703393)
BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 631958).
CAMPOLIDE
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (à Rua das Amoreiras) (Tel. 680627).
CAMPO DE OURIQUE
Castro, Rua Quatro de Infantaria, 28-A (Tel. 688857).
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)
ESTEFÂNCIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (Tel. 44438)
GRAÇA
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tel. 862333)
LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Tel. 790704)
MOURARIA
Bastos, Calçada de Santo André, 107 (Tel. 860450)
OLIVAIS
Nova, Lote 469 (Olivais Sul) (Tel. 816402)
PENHA DE FRANÇA
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Tel 842518)
PICHELEIRA
Mariuz, Calçada da Pichelei-ra, 140-B (Tel 726395-720703)
S. MAMEDE
S. Marçal, Rua de S. Marçal, 100 (Tel. 325318)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Avenida Ressano Garcia, 7-A (Tel. 51451); **Novais**, Av. Luís Bivar, 11 (Tel. 44324).
XABREGAS
Barros de Gouveia, Rua do Vale Formoso de Cima, 79-B (Tel. 382180).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores R. António Granjo, 2 (Telef 2 3 6)
CAXIAS
Nova R. Bernardim Ribeiro, -A (Telef 242839)
PAÇO DE ARCOS
Pargana Av. Eng. Bonneville Franco (Telef. 2435 47)
OEIRAS
Oeiras L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485)
PAREDE
Macau R. J. Elias Garcia, 60-C (Telef. 247 785)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro R. 9 de Abril, 24 (Telef. 263052)
MONTE ESTORIL
Costa Av. Saboia, 29-B (Telef 260085)
CASCAIS
Misericordia R. Regimento 9, 4 (Telef. 280 4); **Cascais** R. Conde de Monte Real-B Caixas (Telef 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca R. Elias Garcia, 209 (Telef. 900 9); **Flama** R. Elias Garcia, 78-B (Telef 932485); **Confiança** Av. D. Nuno Alvares Pereira, 5-A (Telef. 938 49)
DAMAIA
Damaia P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
QUELUZ
André Av. Elias Garcia, 5 (Telef. 950043); **Queluz** Av. Miguel Bombarda, 23-A (Telef 95 84)
CACÉM
Central R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS
Rodrigues-Rato
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Marrazes L. Afonso Albuquerque (Telef. 2930058)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 0 (Telef 234 37)
ALHOS VEDROS
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (Telef 204250)
ALMADA
Castro Rodrigues R. Capitão Leitão, 3 -A (Telef 270076)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est. Nacional, 244-A (Telef 2040 4)
BARREIRO
Soares Av. da Republica, (Telef 2073023)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso P. 5 de Outubro, 8 (Telef 270254)
MOITA
União Moitense Av. dr. Teofilo Braga (Telef 239025)
MONTIJO
Giraldes R. Almirante Reis, 45 (Telef 230008)
SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETUBAL
Normal do Sul P. do Bocage (Telef 222 6)
SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 5 (Telef 22 850).

PORTO

2.º TURNO

SUB TURNO A

Batalha (da), Praça da Batalha, 26; **Campo (do)**, Praça da República, 118; **Costa Cabral**, Rua Costa Cabral, 1832; **Fonte da Moura**, Rua de Tânger, 1463; **Invicta**, Rua do Bonfim, 330; **Mira Paulo**, Rua Castelo de Numão, 37.

SUB TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292; **Fátima**, Rua Oliv. Monteiro, 475; **Garantia**, Rua Fernandes Tomás, 696; **Gomes**, Rua Matias de Albuq. 243; **Sá**, Rua Vale-Formoso, 181; **Serabando**, Largo dos Lóios, 36.

COIMBRA

TURNO C

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (Tel. 23033; **Figueiredo**, R. da Sofia, 107-109 (Tel. 22837); **S. José**, Arcos do Jardim, 41 (Tel. 24697)

cinemas

LISBOA

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Colorido
Um pesadelo erótico de torturante desejo ... AS AMANTES DO VAMPIRO um filme de Roy Ward Baker

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
14.ª Semana! Colorido
Julie Christie e Donald Sitherland AQUELE INVERNO EM VENEZA o acto de amor ... como jamais foi visto no écran «The Sun»

ESTUDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
3.ª Semana!
Uma sátira de partir a moca! OS GRANDES ALDRABÕES com os Irmãos Marx
24.00
Grupo D (18 anos)
«O Riso à Meia-Noite»
OS CAPRICHOS DE MARIA com Martha Keller

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana a rir! Colorido
Carlo Giuffre e Marisa Mell na comédia BELA, RICA, COM PEQUENO DEFEITO FÍSICO, PROCURA CAVALHEIRO
00.30
Grupo D (18 anos)
CHANTAGEM com Annie Girardot

OXFORD (CASCAIS)
16.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
A obra-prima de Charlie Chaplin LUZES DA RIBALTA
00.30
Grupo D (18 anos)
Colorido
AVENTURA E AVENTURA um filme de Claude Lelouch

CINEARTE (T. 660446)
21.30
Grupo D (18 anos)
Colorido
OUTONO ESCALDANTE um filme de Valerio Zurlini com Lea Massari e Alain Delon

CASINO ESTORIL (T. 264521/234946)
15.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
COr de Luxe
A LENDA DA CASA ASSOMBRADA com Pamela Franklin e Rody McDowall
18.30
Grupo D (18 anos)
Colorscope
MORRE, MONSTRO MORRE com Boris Karloff e Nick Adams

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
INQUERITO A UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA um filme de Elio Petri com Gian Maria Volonté e Florinda Bolkan
00.30
Grupo D (18 anos)
Ante-Estreia do maior sucesso do ano na américa BILLY JACK um homem violento que cometeu o erro de tentar ajudar outras pessoas! Um filme pacifista!

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana!
Um filme de Alain Jessua TRATAMENTO DE CHOQUE com Alain Delon e Annie Girardot
Amanhã
18.30
Grupo D (18 anos)
«Os Bons Velhos Tempos»
MICHAEL KOHLHAAS, O REBELDE com Anna Karina

RESTELO (T. 610375)
21.30
Grupo B (10 anos)
5.ª Semana! Eastmancolor
Les Charlots OS MALUCOS EM ESPANHA um filme de Jean Girault
00.15
Grupo D (18 anos)
«Sessão de Riso»
COMO ROUBAR UM MILHÃO com Peter O'Toole e Audrey Hepburn

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana!
O filme que apaixonou as mulheres UMA HISTORIA PERVERSA com Marisa Mell e Jean Sofer. Sinistro mistério de um crime de adultério premeditado para condenar um marido à morte

ALVALADE (T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
LOVE STORY
00.15
Grupo D (18 anos)
«A Meia-Noite do Alvalade»
PSICO de Alfred Hitchcock

AVIZ (T. 47163)
21.45
Grupo B (10 anos)
Estreia. Colorido
SONHOS DE GLÓRIA com Michael Crawford, Ryan O'Neal e Charles Aznavour
15.30 e 18.30
Grupo C (14 anos)
CINTURÃO NEGRO CONTRA A MAFIA

SATÉLITE (T. 562632)
15.30, 18.30, 21.45 e 00.15
Grupo D (18 anos)
M. Mastroianni, Ugo Tognazzi, Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA)
Um filme de Marco Ferreri
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O filme é projectado após o início das sessões

ESTUDIO 444 (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
3.ª Semana!
DR. ESTRANHOAMOR com Peter Sellers e George C. Scott num filme de Stanley Kubrick
Hoje e Amanhã
00.30
Grupo C (14 anos)
«Cinema Fora de Horas»
DESCULPE, VOCÊ CONHECE O SEXO?

LONDRES (T. 801313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
O filme de Luis Bunuel finalmente em Portugal BELLE DE JOUR com Catherine Deneuve
00.15
Grupo D (18 anos)
AS BADALADAS DA MEIA-NOITE

PATHE (T. 821923)
21.45
GRrupo D (18 anos)
Estreia
Pela primeira vez a espantosa versão integral de BLOW-UP. Grande Prémio Internacional do Festival de Cannes
14.15, 16.30 e 18.45
Grupo D (18 anos)
IRMÃOS DE SANGUE

MONUMENTAL (T. 555131)
15.00 e 21.30
Grupo B (10 anos)
70 m/m
A obra-prima de Stanley Kubrick 2001 — ODISSEIA NO ESPAÇO

ESTÚDIO (T. 555135)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
M. Mastroianni, Ugo Tognazzi, Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA) um filme de Marco Ferreri
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O filme é projectado logo após o início das sessões

EUROPA (T. 661016)
21.30
Grupo B (10 anos)
3.ª Semana! Colorido
OS MALUCOS EM ESPANHA com Os Charlots
Ar condicionado

TIVOLI (T. 570595)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Eastmancolor
Eastmancolor
Os inconfessáveis desejos de um quarentão A REBOLONA

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 17.00
Grupo D (18 anos)
PRAZERES DE VAMPIRA em complemento DIVORCIO À ITALIANA

BERNA (T. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Technicolor
Technicolor
A história de um amor livre e total ... ONTEM AO FIM DO DIA
00.30
Grupo D (18 anos)
«Meia-Noite Fantástica»
MANSÃO DE TERROR com Bruce Davidson

S. JORGE (T. 54154/54153)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
O ULTIMO TANGO EM PARIS
Aviso ao público: este filme contém cenas eventualmente chocantes
Direcção dos Serviços de Espectáculos

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
2.ª Semana!
CINTURÃO NEGRO CONTRA A MAFIA com Jim Kelly e Gloria Hendey

ROMA (T. 727778)
15.30, 18.30 e 21.45
2.ª Semana!
Grupo C (14 anos)
DESCULPE, VOCÊ CONHECE O SEXO? realização de Vittorio de Sisti

VOX (T. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
11.ª Sena de encehntes! Color
MALÍCIA com Laura Antonelli e Alessandro Momo
00.30
Grupo C (14 anos)
OS PROFISSIONAIS com Burt Lancaster, Caludia Cardinale e Lee Marvin

POLITEAMA (T. 326305)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
A mais divertida audácia em sensualidade EMPRESTA-ME O TEU MOTORISTA com Lando Buzzaca e muitas beldades
00.30
Grupo D (18 anos)
«Terror à Meia-Noite»
A MASCARA DO DEMÓNIO
Amanhã
O HOMEM MORCEGO

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«Português, Escritor, 45 Anos de Idade»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«À Pai Adão»

LISBOA/Cinemas

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Três Criminosos»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Irma La Douce»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«10.ª Vítima»

OLÍMPIA
19.00 (10 anos)
«Os Dias da Ira»

MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«A Rainha do Karate»

SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«Lady Caroline»

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Stadium
21.30 (18 anos)
«Companheiros»

PAREDE
Roval-Cine
21.15 (14 anos)
«A Luz do Sol»

Estoril
Casino
15.30 - 21.30 (18 anos)
«Morre, Monstro, Morre»

Palacio
21.30 (18 anos)
«Cabaret»

Esplanada
21.30 (18 anos)
«A Primeira Noite»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Jesus Cristo Superstar»
Oxford
16.00 e 21.45 (10 anos)
«Luzes da Ribalta»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«A Primeira Noite»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«O Mestiço»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«A Bela Casta Susana»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Caçador de Escândalos»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Hospital»

COVA DA PIEDADE
Clube Recreativo
2 30 (8 anos)
«Hiroshima meu amor»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Uma História Perversa»
CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«A Espada Relâmpago»
PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
«A Balada do Soldado»
COLISEU
21.30 (10 anos)
«Tora! Tora! Tora!»
JÚLIO DINIS
2 30 (8 anos)
«Vêm Aí Os Cabeloudos»
OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«Outono Escaldante»
BATALHA
21.30 (-8 anos)
«Segredos Proibidos»
ESTÚDIO FOCO
2 30 (-4 anos)
«Amarcord»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«O Grande Cabriola»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«O Homem de Ferro»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Aquele Inverno em Veneza»
S. JOÃO
2 30 (-8 anos)
«O Filtro do Amor»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Ultimo Tango Em Paris»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Curvas Nas Férias»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Mulheres E Comigo»

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE — Trabalhos de Oskar Pinto Lobo (das 10 às 20 h.)

BELAS ARTES — Perspectiva-74 e gravuras (das 14 às 20 h).

BLOCO (CASCAIS) — Colectiva (das 16 às 20 h).

CASINO ESTORIL — Pinturas de Camila Loureiro (das 15 às 3 h).

COOPERATIVA DE ACTIVIDADES CULTURAIS (CASCAIS) — Desenhos e colagens de Fernando Grade (das 15 e 30 às 20 h).

DINASTIA — Pinturas de João Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

FOTO CLUBE 6X6 — Trabalhos de Alfredo Cunha (3.as e 6.as-feiras, das 21.30 às 24h.)

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN — Oleos de Inês Barahona.

GALERIA 111 — Colectiva de gravuras, litografias e serigrafias (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

GRAFIL — Colectiva de desenho, gravura, pintura e escultura (3.as e 5.as das 15 às 24 h; outros dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h).

GRUPO AMIGOS DA COSTA — Trabalhos de Rosária (das 15 às 19 e das 21 às 24h).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Bernardette Stern, serigrafias de Acácio Assunção e António Brito Caiola (das 5 às 20 h).

PALÁCIO VALENÇAS (SINTRA) — Óleos de Cândida Cunha (das 10 às 12 e das 14 às 20h.)

QUADRANTE — «Uma proposta estética — Módulo habitacional», estudo orientado por Carlos Lança.

QUADRUM — Gravuras e litografias de Vieira da Silva (das 10 às 13 e das 15 às 19 h; aos sabados, das 15 às 19).

RUMO — Colectiva de pintura, escultura, desenho e gravura (das 10 às 20h.; aos sábados até às 13h.).

S. MAMEDE — Pintura Colectiva (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.)

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**
Zorina, vedeta inglesa de «sexy»

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. **T. 229189.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

TAMILA Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

LEIA O JORNAL motor

GERAL

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Gerald Ford símbolo de integridade

WASHINGTON, 9 (F.P.) — O vice-presidente Gerald Ford, que sucede a Richard Nixon, é segundo a visão da maior parte dos americanos, um símbolo tanto de fidelidade ao Partido Republicano como de integridade política.

Foi por isso que Nixon o escolheu, em Outubro de 1973, para suceder ao vice-presidente Spiro Agnew. Ford era desde 1965 o chede do Partido Republicano na Câmara dos Representantes, assembleia onde há 25 anos representava o distrito de Grand Rapids (Michigan).

Gerald Rudolph Ford nasceu a 14 de Julho de 1913, em Omaha (Nebraska). Foi baptizado Leslie Lynch King. Os seus pais divorciaram-se pouco depois. A sua mãe voltou para casa dos pais, em Grand Rapids, onde casou com Gerald Ford, que adoptou a criança, dando-lhe o seu nome. Foi na universidade de Michigan que «Gerry» Ford começou a conhecer a celebridade, uma celebridade temporária, é certo: é a vedeta da equipa de Baseball da Universidade, duas vezes campeã dos Estados Unidos.

A sua paixão por aquele desporto permite-lhe pagar estudos de direito em Yale, uma das mais prestigiosas universidades americanas, trabalhando como treinador-adjunto da equipa local. Será essa mesma paixão que levará o presidente Johnson a acusá-lo de ter «jogado demasiado sem boné».

Durante a guerra, serve na Marinha e, no regresso, decide lançar-se na política. Em 1948, bate facilmente o representante local, Bartel Jonkman, um isolacionista, e parte para Washington com a mulher, Elizabeth Bloomer, antigo manequim. Estão casados há três meses.

Nos quinze anos que seguem, Ford será um representante estudioso e sem história, mantendo-se sempre em contacto com os seus eleitores. A sua seriedade, o trabalho e o conservantismo moderado que defende, despertarão as simpatias de todos. No princípio dos anos 60 muitos jovens turcos republicanos encontraram nela a figura ideal para dar um novo ar ao «Grand Old Party» e, depois da derrota republicana de 1964, ano em que Goldwater perde estrondosamente as eleições presidenciais, é eleitó chefe do Partido Republicano sem grandes problemas.

Desportista, bom pai de família, fiel ao seu Partido, dotado de uma imagem do perfeito «Boy Scout» (escudeiro), Ford pensava que os republicanos ganhariam as últimas eleições legislativas, o que lhe permitiria passar a «Speaker» (porta-voz) da Câmara. Mas ninguém previa que tal viesse a suceder.

No entanto, em 1973, aceitou a vice-presidência e desde então o seu nome nunca deixou de ser apontado como o do sucessor possível de Milhous Nixon, cada vez mais ameaçado pelo Escândalo de Watergate.

Mantendo-se durante os últimos nove meses na sombra, o vice-presidente afirmou por várias vezes a sua fidelidade ao presidente ameaçado e a sua confiança nele. Mas distanciou-se também do problema acentuando que o presidente se devia submeter à justiça. Ao mesmo tempo, fez aumentar a sua popularidade dentro do partido, percorrendo o país para impedir que o caso Watergate se transformasse numa derrota republicana nas eleições legislativas de Novembro. Afirma ainda, mas sem convicção, que não será o candidato do seu partido às eleições presidenciais de 1976.

Foi preciso haver um caso Agnew para Ford assumir a vice-presidência e um caso Watergate para o representante de Grand Rapids se tornar o chefe de Estado da maior potência mundial. Um cronista escrevia há pouco tempo que, com Ford, a imaginação ficaria à porta da Casa Branca. Talvez não, disseram, mas o certo é que, depois da profunda crise que o país sofreu, são muitos os americanos que desejam um presidente seguro, um presidente em que possam depositar confiança.

Muitos americanos confiam em Ford: provam-no as sondagens de opinião. Pensam que será um presidente tão bom como muitos dos que têm passado pela Casa Branca nos últimos dois séculos. Mas muitos há também que pensando na pouca nitidez das suas opiniões discortinam nele um mistério.

Ford para eles é tão misterioso como foram no seu tempo Harry Truman e Lyndon Johnson, os dois últimos vice-presidentes que assumiram a presidência.

NIXON: UM POLÍTICO QUE SEMPRE PROVOCOU CONTROVÉRSIA

PARIS, 9 (F.P.) — Richard Nixon, 37.º Presidente dos Estados Unidos nasceu a 9 de Janeiro de 1913, em Yorba Linda, Califórnia, onde a sua família, de origem modesta, lhe deu uma educação «Quaker».

Licenciado em Direito, alistou-se em 1942 na marinha e fez a guerra no Pacífico, onde obteve os galões de tenente.

Declarou depois renunciar à política e entrou num importante gabinete jurídico de Nova Iorque, do qual se tornou sócio, (1963-1968).

Tendo apoiado em 1964 a candidatura do republicano Barry Goldwater (extrema-direita), a presidência, efectuou em 1967 uma grande viagem de informação pelo Mundo.

Candidato pela convenção republicana em Agosto de 1968, venceu o democrata Hubert Humphrey nas eleições presidenciais de Novembro.

Foi reeleito triunfalmente em Novembro de 1972 com mais de 61 por cento dos votos, batendo por 18 milhões de votos o seu adversário, o democrata McGovern.

Para muitos dos seus adversários políticos, a ideia de que Nixon ainda poderá responder em tribunal e ser condenado é encarada com mal disfarçada satisfação.

Para esses americanos ele nunca deixará de ser o «Tricky Dicky» (o Ricardinho dos Truques), um político que sacrificou princípios e colaboradores por dinheiro. Mas, para outros, Nixon será recordado como o autor da política de desanuviamento internacional, o presidente que retirou os Estados Unidos da guerra do Vietname e procurou normalizar as relações com a China e a URSS.

De resto, Nixon foi sempre um político que provocou controvérsia e perante o qual as pessoas se dividiam em partidários fiéis ou adversários irredutíveis.

A controvérsia à sua volta começou cedo, pois logo que foi eleito para o Congresso no seu estado natal da Califórnia, ele empenhou-se a fundo na campanha anticomunista da «caça às bruxas» que teve início logo após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Nixon foi eleito para a Câmara dos Representantes e depois para o Senado, batendo sempre na tecla do anticomunismo e acusando os seus rivais democráticos de serem demasiado «brandos» nesse aspecto.

Muitos americanos liberais nunca lhe perdoaram essas atitudes nem a sua tendência reaccionária para só considerar patriotas aqueles que votavam em políticos conservadores, como ele, insinuando que os seus adversários liberais e democráticos não defendiam os verdadeiros interesses dos americanos.

Nixon tornou-se conhecido em todo o país pelo zelo com que actuava na Comissão de Actividades antiamericanas da Câmara dos Representantes. Antes mesmo do senador McCarthy ter identificado oseu nome com a «caça às bruxas» e a perseguição a todos os indivíduos suspeitos de simpatias comunistas, já a Comissão de Actividades antiamericanas tinha intimado pessoas de todas as profissões e categorias a depor. Dezenas dessas pessoas que se recusaram a responder às perguntas foram presas ou perderam os empregos.

Nixon destacou-se no célebre Caso de Alger Hiss, um funcionário da secretaria de Estado, que era acusado de ter fornecido documentos a uma rede de espionagem soviética.

No seu livro «As Seis Crises», escrito muitos anos mais tarde, Nixon afirma que o Caso Alger Hiss lhe valeu a hostilidade da Imprensa e de muitos sectores intelectuais. Segundo ele, esses sectores seriam os responsáveis por uma campanha sistemática de calúnias que prejudicou a sua carreira política.

Nixon no momento em que proferia a sua alocução anunciando que resignava do cargo de presidente dos E. U. A. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Dentro dessa campanha estaria o célebre Caso «Checkers» quando em 1952 Nixon, então candidato à vice-presidência, ao lado do general Eisenhower, foi acusado de ter recebido indevidamente 18 mil dólares.

O candidato republicano falou na Televisão para declarar que esse dinheiro tinha sido uma contribuição perfeitamente legítima para a campanha eleitoral, e, ao mesmo tempo, confessou ter aceite uma oferta pessoal: um cão chamado «Checkers», acrescentando: «As crianças gostam do cão, e, por isso, tenciono ficar com ele, digam o que disserem a meu respeito.».

Muitos comentadores consideraram esse discurso como uma manobra demagógica destinada a explorar o sentimentalismo fácil das pessoas, mas o que é certo é que o americano comum reagiu favoravelmente e Nixon foi eleito, desempenhando durante oito anos o cargo de vice-presidente.

As antigas reservas em relação a Nixon poderão, no entanto, ter desempenhado um papel quando o eleitorado em 1960 preferiu John Kennedy, embora por escassa margem de votos.

Novamente em 1962, Nixon sofreu um desaire político quando se candidatou a governador da Califórnia e foi derrotado por um democrata no seu Estado natal. Julgou-se então que a sua carreira política tinha terminado, mas Nixon não era dos que desistem facilmente.

Aproveitando a impopularidade da administração Johnson, motivada pela guerra do Vietname, Nixon voltou à liça em 1968 e conseguiu ser eleito, derrotando Hubert Humphry.

Durante o primeiro mandato de quatro anos, Nixon conseguiu êxitos espectaculares com a sua política externa, nomeadamente com a retirada das tropas americanas do Vietname, a viagem à China e a assinatura do tratado com a URSS limitando as armas nucleares, o que contribuíu decisivamente para a reeleição por larga margem em 1972.

O mais dramático no Caso Watergate, que acabou por provocar a sua queda, reside na inutilidade de tudo o que se passou. Nixon teria ganho de qualquer forma as eleições sem precisar que os seus colaboradores fossem apanhados com a boca na botija a colocar microfones na sede do Partido Democrático.

Admite-se que Nixon não tenha sabido antecipadamente dessa manobra nem a tenha autorizado, mas eventualmente veio a ser vitimado por ela pois era, em última análise, o responsável pelos actos dos seus colaboradores e em vez de os denunciar publicamente consentiu na tentativa de encobrimento ocultando ao povo americano o que sabia.

NOVO DIRECTOR DO G.E.P.

Por despacho conjunto do Chefe do Governo Provisório e do ministro da Educação e Cultura, foi nomeado, em comissão de serviço, para o cargo de director do Gabinete de Estudos e Planeamento do M.E.C., o eng.º António Brotas, professor extraordinário do Instituto Superior Técnico.

FIRMINO MIGUEL E HERMES DE OLIVEIRA

O ministro da Defesa Nacional, tenente-coronel Mário Firmino Miguel, recebeu ontem, em audiência no seu gabinete de trabalho, o coronel Hermes de Oliveira.

Onze simpatizantes do M.R.P.P. continuam presos

Segundo o porta-voz da P.S.P. no Governo Civil, das vinte pessoas presas, anteontem à tarde, durante a neutralizada manifestação do M.R.P.P., no Rossio, onze foram entregues sob prisão ao Juiz de Instrução Criminal, sete saíram em liberdade e duas caíram sob a alçada das autoridades militares.

As identidades das onze primeiras, cujas profissões e idades foram emitidas pelas autoridades, são as seguintes: Maria José Morgado, Maria Marques, Mário Lopes, Nuno Trigueiros, Carlos Teixeira, Filipe Monteiro, Raul Cabral, AntónioLopes, Horácio Coimbra, António Neves e António Cardas.

Maria José Morgado é a companheira de José Luís Saldanha Sanches, director do «Luta Popular», preso há cerca de dois meses no Forte de Elvas.

NOTAS VÁRIAS

BISPO DE NAMPULA

No Seminário da Boa Nova, em Valadares, Gaia, o bispo de Nampula, D. Manuel Vieira Pinto, comemorou os seus 25 anos de sacerdote em companhia dos padres da Sociedade Missionária de Cucujães, que ali seencontram reunidos em assembleia geral, para rever as novas linhas da pastoral missionária no actual contexto de Moçambique. O prelado, que ainda ignora quando poderá regressar a Nampula, no dia das suas bodas de prata presidiu à celebração da Eucaristia e procedeu à ordenação de diácono de um jovem missionário que é destinado às missões de Moçambique.

O DIREITO À GREVE

A União dos Sindicatos do Sul enviou ao Conselho de Estado um telegrama, a propósito do projecto-lei que regulamentará o exercício do direito à greve, no qual salienta que aguarda «confiadamente a institucionalização da prática do direito à greve em termos, não de constrangimento deste direito, mas de garantia para o efectivo exercício; reafirma ainda que a utilização do «lock out» por parte do patronato só beneficiará a força da reacção no seu processo contra-revolucionário de boicote à aplicação do Programa do M.F.A.

DIFICULDADE DE MÃO-DE-OBRA

Em reuniões que decorreram no Ministério do Trabalho, com a presença do secretário do Trabalho, secretário de Estado do Emprego, Comissão Pró-Sindicato de Beja e Comissão Paritária, foi decidido desenvolver esforços no sentido de satisfazer as necessidades de mão-de-obra para a apanha do tomate. Os interessados devem dirigir-se urgentemente aos centros de S.N.E., em Beja, Évora, Santarém e Setúbal, onde lhes poderão ser fornecidas todas as informações.

ESMAGADO NUMA VALA

Morreu pouco depois de ter dado entrada noHospital de Santa Maria, o operário João Francisco Nunes Gomes Furtado, de 18 anos, natural de S. Miguel (Cabo Verde), por ter ficado durante quatro horas enterrado até à cintura, devido a um desprendimento de terras que se verificou na vala onde trabalhava, na instalação de um colector, na Avenida 28 de Maio. O desprendimento ocorreu em consequência da vala não ter sido devidamente escorada. O infeliz, devido ao peso das terras, ficou com ambas as pernas esmagadas, não tendo conseguido resistir à violência do acidente.